

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC  
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM TEOLOGIA

**A EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL E OS DESAFIOS DA *INTERNET***

Recife  
2017

DAVI DANIEL BARBOSA

A EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL E OS DESAFIOS DA *INTERNET*

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

Recife

2017

B238e

Barbosa, Davi Daniel

A evangelização católica no Brasil e os desafios da internet / Davi Daniel Barbosa ; orientador Gilbraz de Souza Aragão, 2017.

113 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Coordenação Geral de Pós-Graduação. Mestrado em Ciências da Religião, 2017.

1. Evangelização - Igreja católica - Brasil. 2. Redes de relações sociais - Aspectos religiosos. 3. Cristianismo. 4. Internet (Redes de computação) - Aspectos religiosos.  
I. Título.

CDU 266

DAVI DANIEL BARBOSA

A EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA NO BRASIL E OS DESAFIOS DA *INTERNET*

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão

**BANCA EXAMINADORA**

---

Padre Prof. Dr. Jacques Trudel

---

Prof. Dr. Moisés Sbardelotto

---

Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão - Orientador

## **Tocando em frente**

*Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais...*

*Hoje me sinto mais forte  
Mais feliz quem sabe?  
Eu só levo a certeza do que muito pouco sei...  
Ou nada sei...*

*Conhecer as manhas e as manhãs...  
O sabor das massas e das maçãs...  
É preciso amor pra poder pulsar...  
É preciso paz pra poder sorrir...  
É preciso a chuva para florir...*

*Penso que cumprir a vida seja simplesmente  
Compreender a marcha e ir tocando em frente...  
Como um velho boiadeiro levando a boiada  
Eu vou tocando os dias pela longa estrada  
Eu vou... Estrada eu sou...*

*Conhecer as manhas e as manhãs...  
O sabor das massas e das maçãs...  
É preciso amor pra poder pulsar...  
É preciso paz pra poder sorrir...  
É preciso a chuva para florir...*

*Todo o mundo ama um dia... Todo o mundo chora...  
Um dia a gente chega... O outro vai embora...  
Cada um de nós compõe a sua historia...  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz...*

*Conhecer as manhas e as manhãs...  
O sabor das massas e das maçãs...  
É preciso amor pra poder pulsar...  
É preciso paz pra poder sorrir...  
É preciso a chuva para florir...*

*Ando devagar porque já tive pressa  
E levo esse sorriso porque já chorei demais...  
Cada um de nós compõe a sua historia...  
E cada ser em si carrega o dom de ser capaz... De ser feliz...*

*(Almir Sater / Renato Teixeira)*

Dedico este trabalho às mulheres de minha vida:

Minha mãe, Nathalia, que me ensinou a lutar para buscar os sonhos da vida e que nos deixou no transcurso desta pesquisa.

Minha sogra Lourdes, que vibrava com minhas conquistas.

Minha esposa Rosana, companheira, cúmplice e apoiadora de todas as lutas.

Minhas filhas, Tatyla, Thaysa e Tharcyla, frutos da minha existência, por me fazerem sentir-me amado incondicionalmente e, por acreditarem mais em mim do que eu mesmo.

## **AGRADECIMENTOS**

Uma única página é inevitavelmente pequena para render tributo a todos que contribuíram para esta nossa trajetória, condicionada por uma relação constante de ensino e aprendizagem com as pessoas as quais se convive, por isto iniciarei agradecendo.

A Deus, pelo dom da vida e pela perseverança na conquista deste sonho. Obrigado Senhor.

A minha amada esposa, Rosana, pelo incentivo, apoio e por ter suportado as minhas intermináveis explicações.

As minhas queridas filhas, genros, netos e netas por compreenderem as minhas ausências.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gilbraz Aragão, a quem aprendi a admirar e respeitar, pela condução, empenho, tempo e paciência na construção do conhecimento e apoio necessário para a realização deste sonho. Obrigado por ter acreditado e investido em mim.

Aos professores doutores, membros da banca examinadora, pela paciência, pertinentes observações e correções.

A Maurício Vieira, e toda a equipe da EDR Inspeções e Sinistros pelos esforços aplicados nesse nosso outro sonho, permitindo-me dedicar aos estudos.

A todos os professores doutores do curso mestrado em Teologia, da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, pela audácia do primeiro curso de mestrado em teologia do Nordeste brasileiro e pelo esforço de nos transmitirem seus conhecimentos.

A todos os colegas do curso, padres, pastores, religiosos, leigos e leigas, pelas ricas discussões, aceitação, respeito e colaboração em todos os momentos.



*O Espírito do Senhor está sobre mim,  
porque ele me consagrou pela unção  
para evangelizar os pobres;  
enviou-me para proclamar a libertação dos presos  
e aos cegos a recuperação da vista,  
para restituir a liberdade aos oprimidos  
e para proclamar um ano de graças do Senhor.*

*Lc 4, 18-19*

## RESUMO

Esta dissertação reflete sobre a evangelização, apelo à liberdade para a conversão ao Evangelho e um compromisso com o próximo, razão de ser e missão central do cristianismo, seus fundamentos e seu desenvolvimento no Brasil e os principais desafios que a Igreja tem enfrentado neste processo. Entre os desafios - e oportunidades - apresenta-se a internet, rede de computadores vastamente utilizada como meio de comunicação que chega a formar um novo ambiente intermediado pela tecnologia e de fronteira porosa que invade o espaço de convivência dos seres humanos, acarretando grandes transformações e determinando um novo estilo de pensar, agir, perceber, falar, criando e mantendo novos sujeitos, transformando o modo como as pessoas se relacionam. Descreve-se essa rede social, então, apresentando as suas principais características, a partir do recorte dos espaços virtuais de maior movimento no Brasil na atualidade, e se busca detectar a abertura para a transcendência que surge nesses ambientes, bem como as exigências de novas linguagens e atitudes da Igreja para se comunicar adequadamente nesse campo. Na agenda das questões acerca da evangelização, a temática da internet já ocupa um lugar de destaque, pelos desafios que suscita ao modo de se organizar e de falar das comunidades eclesiais, mas sobretudo pela oportunidade teológica de escutar o mistério da Palavra se comunicando entre e além dos internautas em suas redes virtuais. Para circunscrever essa nova mística, através da pesquisa bibliográfica, a dissertação percorre os principais documentos emitidos pelo Magistério da Igreja e também as obras de autores renomados como: João Batista Libanio, Mário de França Miranda e Antonio Spadaro, procurando saber como a Igreja tem se posicionado em relação a esse novo ambiente e verificando as principais tensões surgidas, como a Igreja as enfrenta e quais os resultados alcançados, que sugestões pastorais e teológicas podem ser levantadas para a evangelização contemporânea.

**Palavras chave:** Cristianismo. Meios de comunicação. Redes sociais.

## ABSTRACT

This dissertation reflects on evangelization, the call for freedom for conversion to the Gospel and a commitment to the neighbor, the reason and central mission of Christianity, its foundations and its development in Brazil and the main challenges that the Church has faced in this process. Among the challenges - and opportunities - is the Internet, a computer network widely used as a means of communication that comes to form of a new environment mediated by technology with a porous frontier that invades the space of human beings coexisting, leading to great transformations and determining a new style of thinking, acting, perceiving, speaking, creating and keeping new subjects, transforming the way people relate. This social network is described, then, presenting its main characteristics, from the cut of the virtual spaces of greater movement in Brazil at present, and seeks to detect the openness to the transcendence that arises in these environments, as well as the requirements of new Languages and attitudes of the Church to communicate adequately in this field. In the agenda of questions about evangelization, the internet's thematic already occupies a prominent place, because of the challenges it poses in organizing and speaking about ecclesial communities, but above all in the theological opportunity to listen to the mystery of the Word by communicating between and besides the internet user in their virtual networks. In order to circumscribe this new mystique, through the bibliographical research, the dissertation covers the main documents issued by the Magisterium of the Church and also the works of renowned authors such as: João Batista Libanio, Mário de França Miranda and Antonio Spadaro, seeking to know how the Church has positioned itself in relation to this new environment and checking the main tensions that have arisen, how the Church confronts them and what results have been achieved, what pastoral and theological suggestions can be made for contemporary evangelization.

**Keywords:** Christianity. Midia. Social networks.

## SIGLAS E ABREVIações

At – Livro dos Atos dos Apóstolos

Ap – Livro do Apocalipse

Cl – Epístola aos Colossenses

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CELAM – Conferência Geral do Episcopado Latino Americano

DA – Documento de Aparecida

DCIB – Diretório de comunicação da Igreja no Brasil

DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EI – Igreja e Internet

EN Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

Fil – Epístola aos Filipenses

GS – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

II – Igreja e *Internet* comunicação do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais

IM – Decreto *Inter Mirifica* sobre os meios de comunicação social

Jo – Evangelho de Jesus Cristo segundo João

Lc – Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

Mc – Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos

MP – Carta Encíclica *Miranda Prorsus*

MV – Carta encíclica *Misericordiae Vultus*

Mt – Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus

RD – Carta apostólica, O Rápido Desenvolvimento

Rm – Epístola aos Romanos

RM – Carta Encíclica *Redemptoris Missio*

VC – Carta Encíclica *Vigilanti Cura*

1 Cor – Primeira epístola de São Paulo aos Coríntios

1 Jo – Primeira epístola de São João

1 Tm – Primeira epístola a Timóteo

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>A EVANGELIZAÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2.1</b>	<b>Os primórdios</b> .....	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>Os discípulos e o anúncio</b> .....	<b>24</b>
<b>2.3</b>	<b>A Igreja e a evangelização</b> .....	<b>25</b>
2.3.1	O processo .....	25
2.3.2	A missão .....	28
<b>2.4</b>	<b>A evangelização no Brasil</b> .....	<b>31</b>
<b>3</b>	<b>OS DESAFIOS</b> .....	<b>36</b>
<b>3.1</b>	<b>A consciência do sujeito</b> .....	<b>37</b>
<b>3.2</b>	<b>A globalização</b> .....	<b>41</b>
<b>3.3</b>	<b>O pluralismo religioso</b> .....	<b>43</b>
<b>3.4</b>	<b>O individualismo</b> .....	<b>45</b>
<b>3.5</b>	<b>O consumismo</b> .....	<b>48</b>
<b>3.6</b>	<b>A fragmentação da Igreja</b> .....	<b>50</b>
<b>4</b>	<b>A INTERNET</b> .....	<b>53</b>
<b>4.1</b>	<b>O início da rede</b> .....	<b>53</b>
<b>4.2</b>	<b>A rede</b> .....	<b>55</b>
<b>4.3</b>	<b>Rede social</b> .....	<b>61</b>
4.3.1	Facebook .....	64
4.3.2	Youtube .....	67
4.3.3	Blog .....	67
4.3.4	Videogame .....	68
4.3.5	WhatsApp .....	69
4.3.6	Instagram .....	70
4.3.7	Twitter .....	70
<b>4.4</b>	<b>A exclusão social</b> .....	<b>71</b>
<b>4.5</b>	<b>A Igreja e a internet</b> .....	<b>72</b>
4.5.1	O novo areópago .....	72
4.5.2	Os documentos eclesiais .....	76
4.5.3	Ações práticas .....	86

4.5.4	Do púlpito à rede .....	89
4.5.5	As tensões advindas da rede .....	92
4.5.6	Mais que os primeiros passos .....	98
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>100</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>106</b>
	<b>ANEXO</b> .....	<b>112</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Por mais de dois mil anos, a Igreja<sup>1</sup>, cumprindo sua atividade missionária, deixada por Jesus de Nazaré, a quem reconhece como o Cristo, seu salvador e libertador, vem divulgando o Evangelho, a boa nova para a criação.

Ao longo da história, muitos homens e mulheres de boa vontade se dedicaram a este serviço, a começar pela primeira geração dos cristãos, que formaram a comunidade cristã e sendo uma pequena minoria trabalhou para levar adiante o desejo de alterar o mundo, a partir da conversão das demais pessoas, na fé da ressurreição de Jesus.

Apesar da aparente loucura em transformar um crucificado em redentor da humanidade, a comunidade cristã conseguiu operar radicais mudanças na sociedade da época, conseguindo avançar sobre o mundo greco-romano de então (MURPHY O'CONNOR, 1994. p. 5 -11). Porém, no transcorrer da história, nem tudo caminhou a passos certos e houve avanços e retrocessos nesse processo.

Na Idade Média, a Igreja era um poder paralelo ao poder político e econômico exercido por reis e rainhas: enquanto estes subjogavam o povo fisicamente com cobrança de impostos para que pudessem viver na terra e serem “protegidos” pela nobreza aquela o mantinha sob uma moral exacerbada, com condenações que incluíam a morte e sob a esperança de que os males sofridos neste mundo seriam recompensados em um mundo futuro.

A Igreja era tida como detentora de toda a sabedoria e todo o entendimento, não havendo separação das demais ciências, que eram dominadas pela teologia estudada e vivida nos mosteiros e seminários. Daí decorreu um período de dificuldades em relação ao diálogo entre a fé e a cultura.

No início da Modernidade<sup>2</sup>, com o crescente uso da razão e separação da teologia das demais ciências, o diálogo entre a fé e cultura, praticamente, inexistia e

---

<sup>1</sup> Muito embora reconhecendo que o nascimento da Igreja se dá como sendo o nascimento do Cristianismo, e que a Igreja Católica é uma das denominações deste modo de ser Igreja (eclesiologia confessional), o presente texto pretende dialogar sobre a evangelização, a partir da ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. Ainda o termo pode adquirir vários significados se seu uso linguístico, tais como: com letra maiúscula, designaria genericamente a comunidade dos crentes em Jesus Cristo *congregatio fidelium* (sentido que estaremos utilizando no presente texto), com letra minúscula, designaria o local do culto, há ainda o hábito de se equiparar o tema com os representantes da instituição eclesiástica. Para favorecer o diálogo ecumênico, utiliza-se a designação “igrejas” e ainda dentro da própria Igreja Católica, se faz necessário o uso no plural para designar as “igrejas particulares”, sem que isto dissolva o conceito de Igreja universal. (MADRIGAL, 2009, p. 272).

nesta ocasião a Igreja fez uso do seu poder para coibir o avanço das comunicações, dificultando a divulgação das ideias que não se coadunassem com as suas (PUNTEL, 2015, p. 21).

No final do Século XX, o Concílio Vaticano II, entre outros avanços na Igreja, apontou como necessidade o desenvolvimento de uma evangelização em diálogo com a cultura (PUNTEL, 2015, p.15), ocasião em que elaborou o decreto *Inter Mirifica* sobre os meios da comunicação social e a constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje, onde reconhece que “os progressos das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só ajudam o homem a conhecer-se melhor, mas ainda lhe permite exercer, por meios técnicos, uma influência direta na vida das sociedades” (GS, n. 05).

No Brasil, desde a chegada dos portugueses, em 1500, fala-se na necessidade de evangelizar os povos e, a partir do Concílio Vaticano II seguido pelas Conferências de Medellín, Puebla e Aparecida, fala-se em uma “nova evangelização que mantenha diálogo com a cultura contemporânea” (PUNTEL, 2015, p.15) e, mais recentemente, a Igreja vem reforçando a idéia da sua função missionária, procurando conscientizar como missão de todo cristão batizado a evangelização.

Ao se analisar a situação contemporânea, sob a ótica dos principais acontecimentos – os “sinais dos tempos”, expressão cunhada pelo Papa João XXIII em tempos do Concílio Vaticano II – verifica-se que as ciências como um todo e a própria sociedade estão em tempos de mudanças, mas estas ainda não geraram os resultados esperados para o ideal cristão, muito embora se reconheça ter havido avanços significativos.

Na Pós-modernidade<sup>3</sup> o indivíduo vive em uma sociedade secularizada<sup>4</sup>, pluralista, marcada por uma cultura individualista – há um culto à sua satisfação –, consumista, de mentalidade utilitarista, que reinterpreta o conteúdo simbólico da religião segundo a sua perspectiva procurando, unicamente, o seu bem estar (MIRANDA, 1996, p.12).

---

<sup>2</sup> Modernidade compreende uma ideologia ou uma retórica de mudança. Como processo histórico circunscrito no tempo e espaço diz-se que a idade moderna tem início por volta de 1453 (tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos), indo até 1789 (Início da Revolução Francesa Disponível em: [www.suapesquisa.com/historia/idade\\_moderna.htm](http://www.suapesquisa.com/historia/idade_moderna.htm). Acesso em 12 ago. 2016.

<sup>3</sup> Período histórico compreendido após os anos 1930, que teve sua expansão no final dos anos 70 e refere-se ao período pós-industrial, porém não há, entre os pensadores, consenso sobre o período e término. Disponível em <https://conceitos.com/pos-modernidade/>. Acesso em 20 /11/2016.

<sup>4</sup> Secularização, é o modo de pensar e viver sem Deus e a sua palavra como referência.



Neste contexto, as instituições tradicionais encontram dificuldades para controlar suas doutrinas, ritos e práticas, havendo uma diversidade de manifestações no campo religioso dentro da própria Igreja, pois ora se busca inovações ocorridas em outras denominações, como, por exemplo, as evangélicas, com seu posicionamento em relação ao Espírito Santo, conforme identificado na renovação carismática católica; ora se faz um retorno a um passado devocional, onde se valorizam as vestes litúrgicas, as fitas, as novenas e até as missas celebradas em latim.

Esta dissertação se propõe refletir sobre esses rumos da evangelização, confrontando-a com uma das novas formas de linguagem inseridas em um cenário complexo contemporâneo: a *internet*.

Pretende-se estudar uma questão que a sociedade da “era da informação” propõe como um desafio pastoral para a Igreja e as tensões existentes no meio, já que a *internet* penetrou em grande parte das atividades humanas cotidianas, de tal forma que além do espaço físico onde se vive, já é factível considerar um novo ambiente – o ciberespaço<sup>5</sup>, onde a sociedade contemporânea dispõe de novas ferramentas, novas linguagens que moldam novas maneiras do ser humano se relacionar, constituindo um novo sujeito, naquilo que se chamou de cibercultura<sup>6</sup>

Seria possível, como nas demais ciências (medicina com suas operações *on line*; na advocacia, com suas pautas tramitando entre tribunais e advogados interligados; na física e química, com pesquisas conjuntas nos mais diversos assuntos e nas partes mais distintas do globo, tudo em busca de um bem comum e com consciência que ninguém sabe de tudo), que a Igreja pudesse adotar as mediações da técnica?

A tecnologia pode ser utilizada como “ponte” de acesso as pessoas, seja por questão de localização geográfica, ou ainda pelo reduzido números de religiosos, neste imenso país que é o Brasil, seja nos grandes centros em função da insegurança, ou ainda como um meio para levar a comunidade e suas resoluções aos que estão impossibilitados de irem até o templo?

Procurar-se-á conhecimentos mais amplos que ajudem a identificar, exclusivamente no universo religioso de matriz católica, se e como a Igreja cristã

---

<sup>5</sup> Novo campo do saber que surge da intercomunicação mundial dos computadores. (Levy, 2010, p.94).

<sup>6</sup> Novo contexto existencial, onde informações e bens simbólicos, não materiais, transitam de forma inédita definindo uma nova cultura

está fazendo uso da *internet* para atingir os seus objetivos, se ela reconhece a importância da *internet* e o novo espaço de comunicação interativo criado na atualidade como se apropria deste espaço e como tal ferramenta pode auxiliar nos grandes desafios que se impõe à Igreja da atualidade.

Neste contexto, a pesquisa justifica-se, pois a *internet* – um campo relativamente novo, com barreiras porosas, mas que alcança grande número de pessoas de todas as idades e classes sociais – pode ser um meio de evangelização, já que o novo ambiente rompe com todas as fronteiras do espaço físico e constrói novos territórios baseados em interesses diversos.

Como cristão leigo, catequista, teólogo e administrador de empresas, tenho observado o crescimento do uso da *internet* em todos os campos e inquieto-me em saber como a hierarquia da Igreja em seus vários níveis, Vaticano, Dioceses, Paróquias e Movimentos, veem este novo ambiente na construção de sentido.

Para atingir os objetivos propostos realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em livros de teologia e comunicação, religião e mídia, documentos oficiais da Igreja, autores como Antonio Spadaro, João Batista Libanio, Joana Puntel e Mário de França Miranda foram indispensáveis para o desenvolvimento da pesquisa.

No primeiro capítulo, fala-se sobre o processo da evangelização como sendo a principal missão da Igreja, como ela se desenvolveu a partir do desejo de Jesus Cristo, expresso pelos evangelistas, para a implantação do Reino de Deus, e como os apóstolos, primeiros seguidores de Jesus, e discípulos à luz da ressurreição entenderam este Reino e passaram a anunciá-lo, formando as primeiras comunidades, sempre baseadas nos seus testemunhos pessoais e ampliando esta nova maneira de viver primeiramente para as terras próximas, até que esta opção alcançasse grande parcela da população mundial.

Há também um breve relato sobre a evangelização no Brasil, iniciando-se com a chegada dos portugueses na “Terra de Santa Cruz”, e culminando nos primeiros frutos do Concílio Vaticano II e Conferências de Medellín, Puebla e Aparecida.

Os grandes desafios pastorais que a Igreja está enfrentando na contemporaneidade, tais como: o impacto da modernidade, a globalização, o pluralismo religioso, o individualismo e o consumismo, bem como as tensões pastorais sobre o uso da *internet* e a conquista deste novo ambiente são apontados

no capítulo dois, entretanto, não faz parte da presente pesquisa tratar das oportunidades que podem surgir com tais desafios.

No terceiro capítulo, descreve-se o conceito de *internet*, redes sociais e a formação da cibercultura. Faz-se um recorte com os programas mais utilizados nas redes sociais na atualidade e procura-se identificar como a Igreja vê este novo ambiente, quais os documentos onde ela se manifesta em relação à comunicação social, principalmente, a partir da década de 30 do século passado, onde já se vislumbrava os avanços da indústria cinematográfica e, nos dias atuais, como ela tem se apropriado, na prática, deste novo ambiente para evangelizar.

Por fim, refletimos sobre alguns pontos observáveis, deixando claro que o presente trabalho não sacia nossas inquietações, dúvidas e anseios diante de um tema atual e complexo, pois ao final deste trabalho possuímos mais perguntas do que respostas prontas sobre o papel da *internet* e da Igreja no mundo contemporâneo.

## 2 A EVANGELIZAÇÃO<sup>7</sup>

Jesus de Nazaré, com seu modo de falar, agir e sua forma de demonstrar compaixão com os excluídos da sociedade atraía muitos seguidores através de suas pregações e sinais; ele anunciava o Reino de Deus como sendo a boa nova trazida a todos os seres humanos, atestando desta forma que era o messias anunciado pelos profetas.

Ele confiou a seus seguidores o prosseguimento da obra iniciada e a perseverança no anúncio desta boa nova a todos os povos. Os ouvintes que livremente aceitam o convite, passam a incorporar a Igreja, comunidade de fé responsável por continuar a missão, deixada pelo Nazareno.

A missão evangelizadora chegou ao Brasil por ocasião das descobertas da Coroa Portuguesa de novos territórios; a princípio a evangelização foi apoiada pelo Estado, fato que perdurou até a Proclamação da República, ocasião em que este vínculo foi rompido e a Igreja necessitou subsistir de acordo com suas estruturas.

Na contemporaneidade, em face às mais diversas mudanças, a Igreja precisa aprender a dialogar com as ciências e saberes e para isto enfrenta vários desafios. Sem querer exaurir o assunto, pretende-se expor alguns desses desafios que se impõem à Igreja na sua ação evangelizadora, após um breve retrospecto da sua história.

### 2.1 Os primórdios

Para a fé cristã, Jesus de Nazaré, cuja existência é caracterizada pela doação total de si, é o Filho Primogênito (Cl 1, 15), a revelação plena e definitiva de Deus, a verdade última da história, “ele é o eleito, o Cristo, o verbo de Deus feito carne, o libertador, salvador” (COMBLIN, 2005, 45-56), e sua vida e mensagem polarizada no “outro” testemunham que a verdade última da humanidade é o amor.

Quando Jesus aplicou sobre si as palavras do profeta Isaías (61, 1-5): “O Espírito do Senhor lahweh está sobre mim, porque lahweh me ungiu, enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres”, Ele declarou a missão recebida do Pai – o envio de evangelizar, ou como afirma o Concílio Vaticano II :

Para estabelecer a paz e a comunhão com Ele e uma sociedade fraterna entre os homens, apesar de pecadores, Deus determinou entrar de modo novo e definitivo na história dos homens, enviando seu Filho na nossa carne para arrancar, por meio dele, os homens ao poder das trevas e de satanás (AG n. 3).

Jesus incumbiu-se de proclamar, sobretudo aos mais pobres, o Evangelho, a boa nova: a vinda iminente do Reino de Deus, (Lc 4, 16-21.43), “a pérola mais preciosa” (Mt 13, 45-46), incomparável, onde diante dele, tudo passa a ser “resto” pois só o Reino é absoluto (EN, n. 08). É um Reino aberto a todos que se deixam guiar pela misericórdia divina e é oferecido de forma gratuita. Ele inaugura um novo tempo, de graça e da salvação de modo novo e especial, ele anuncia o “já” deste Reinado, é a certeza e não somente objeto de esperança. A este respeito, assim nos diz Miranda (2009, p. 141):

Ele anuncia e faz irromper em sua pessoa o reino de Deus, que se distingue claramente dos reinos deste mundo, embora esteja presente na história. Pois se realiza no amor e na paz, no perdão e na renúncia, na compaixão e no compromisso pelo pobre.

O pensamento do Salvador era contrário à maneira como os judeus concebiam o Reino de Deus, que era nacionalista e excludente. Eles consideravam Jerusalém o centro do novo Reino, o centro das bênçãos de Deus, a sede do templo, lugar eminente da presença de Deus no meio do povo (NODARI, 2009, p. 33).

Não se pode precisar exatamente qual a compreensão que Jesus tinha do Reino de Deus, pois em momento algum Ele o delimita ou o define, deixando sempre encoberto. Mas pelo relato dos evangelistas pode-se chegar a algumas aproximações: pode-se crer tratar-se de uma situação onde os seres humanos chamarão a Deus por “*Abba*”, e isto será o espelho da verdade contida no seu coração e demonstrada através de uma vida reta, justa (NODARI, 2009, p. 25). “Trata-se, então, de um mundo onde Deus reina sobre tudo; as pessoas sobre as quais Deus reina se deixam conduzir por Ele, e sua justiça e misericórdia se manifestam”. (COMBLIN, 2010, p.18).

O Reino de Deus pode ser entendido também a partir do exemplo da narração das bem aventuranças, mencionadas no sermão do monte (Lc 6, 20-23 e Mt 5, 3-12). Apesar de aparentarem ser paradoxais para o senso comum, são

percursos ideais e concretos, onde os famintos serão saciados, os que choram serão consolados, os puros de coração verão a Deus, os misericordiosos, encontrarão misericórdia, enfim, não haverá exclusão de pessoas, não haverá mal e sofrimento, todos os males serão eliminados, até a morte é vencida, será a libertação de tudo que oprime o ser humano e prevalecerá a justiça, a fraternidade e a paz (RUBIO, 2007, p.37).

Sobre o plano de Jesus, o Documento de Aparecida, (n. 361) comenta:

O projeto de Jesus é instaurar o reino de seu Pai. Por isso, pede a seus discípulos: “Proclamem que está chegando o reino dos céus!”(Mt 10,7). Trata-se do reino da vida. Porque a proposta de Jesus Cristo a nossos povos, o conteúdo fundamental dessa missão, é a oferta de vida plena para todos. Por isso, a doutrina, as normas, as orientações éticas e toda a atividade missionária das Igrejas, deve deixar transparecer essa atrativa oferta de vida mais digna, em Cristo, para cada homem e para cada mulher.

Este reino não depende de ação humana, pois é oferecido gratuitamente aos seres humanos em uma proposta livre e amorosa, é preciso abrir-se, experimentar a necessidade de libertação em uma conversão contínua e progressiva e acolher a Deus como resposta salvadora ao homem (RUBIO, 2007, p.39), é um dom do amor do próprio Deus, ele não se identifica com nenhum reino terreno e não se enquadra em nenhum padrão estabelecido.

É a presença de Deus como ação salvífica no presente que se ouve através da fé que liberta o homem do mal para o bem, e também o final escatológico que porá fim ao mundo dominado pelo pecado e pela morte, inaugurando um mundo ressurreto; é o futuro (MANUCCI, 1985, p.84).

Segundo Nodari ( 2009, p. 47-49):

Ele é o “já” em uma realidade ativa e dinâmica pois se encontra em nosso meio como sinais antecipatórios e ‘o “ainda não” como salvação escatológica, é o futuro absoluto e definitivo que torna possível um mundo novo.

Também Rubio (2012, p. 47), assim se manifesta:

O Reino é dom, mas é um dom pessoal, que suscita uma resposta do ser humano. A atuação do amor de Deus convida e capacita à aceitação da Boa Nova, que é o Reino de Deus, e à vivência da

conversão, entendida como arrependimento do mal realizado e como reorientação da vida em conformidade com a vontade de Deus.

Jesus, o “Evangelho de Deus”, (cf. EN, n.7), pregava por toda a Galileia e, embora utilizasse os mesmos textos da Lei, anunciada pelos profetas, que os doutores da lei<sup>7</sup> e os fariseus<sup>8</sup> utilizavam, dá-lhes um novo conceito, ensinava com autoridade reconhecida pelo povo, (Mc 1,22), pois no centro do seu Evangelho está o amor, reconhecido não apenas como revelação de Deus, mas também como dever prioritário nas relações com o próximo, com o outro. (FORTE. 2003, p.35).

As suas palavras revelam os segredos de Deus, seu desígnio e promessa, modificando o coração dos homens e seus destinos (EN, n.11). segundo afirma Libanio (1990, p.165):

Tudo começou com pequeno grupo de discípulos na Galileia, no início de nossa era. Jesus os chamou para estar e viver com ele, ser seus discípulos e acompanhá-lo em suas andanças missionárias, anunciando a proximidade do Reino de Deus (Mc 1,14s).

Os primeiros seguidores de Jesus, os apóstolos, interpretaram o Reino de Deus à luz de sua experiência pascal como sendo a pessoa de Jesus e sua mensagem (KÜN, 2008, p. 09) e reconheceram que é a realização das promessas e das alianças feitas com Deus e o seu povo (EN, n. 6).

A evangelização cristã, portanto, é um serviço que leva o ser humano a se confrontar com a palavra de Deus, como a boa notícia salvadora e suscitadora da fé (1Tm 2, 4). Ela instiga a fé, mas não a cria e nem provoca a sua ação, levando o ser humano a um encontro com Deus, em um processo existencial.

Entendida como uma comunicação amorosa de Deus e uma resposta livre do homem, que tem o direito de ouvir a “boa nova” que se revela e se dá em Cristo para realizar plenamente a sua própria vocação, “a evangelização tem como sua causa primária Deus, com sua proposta amorosa de “salvação” dos homens ao encontrar o Cristo na fé e, a secundária, o ser humano que acolhe este convite livremente” (CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ, 2007, n.2).

---

<sup>7</sup> Doutores da lei são pessoas que dedicavam a própria vida a estudar a Lei, isto é a Sagrada Escritura. Disponível em: <http://www.abiblia.org/ver.php?id=6531>. Acesso em 07 set. 2016.

<sup>8</sup> Fariseu seita judaica constituída por observantes zelosos da Lei, muito apegados à tradição oral dos seus doutores, o que levava a uma casuística cheia de excessos e afetação. BIBLIA DE JERUSALÉM: Mt 3,7, nota de rodapé letra b.

Jesus se inspira no modelo sociológico judaico de mestre e discípulos para reunir os seus seguidores, mas diferente do rabi da época, é ele quem toma a iniciativa e chama alguns discípulos para o seu seguimento, assim como Deus chama os profetas. Este seguimento exige mudança de vida e intimidade com Jesus, assumindo as consequências dessa decisão, que para muitos vai terminar em morte violenta (NODARI.P; CESCONE, 2009, p. 52-59).

Jesus desejava que após sua morte os apóstolos pudessem ser como “um farol” a iluminar este novo caminho aos demais irmãos. Deveriam assemelhar-se ao espírito da “parábola do semeador” (Mc 4, 3-20), que semeia e deixa a semente frutificar nos mais diversos tipos de terrenos.

Ele entendia ser necessário atingir cada época da história, cada lugar da terra e cada âmbito da sociedade, chegar a cada pessoa, para que haja um só rebanho e um só pastor (Jo 10,16).

Assim confiou aos seus discípulos para irem a todos os territórios, para todas as nações para continuar sua missão evangelizadora, formando discípulos que seriam batizados, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ( Mt 28, 19-20; Mc 16,15; At 1,3), e deveriam aprender e colocar em prática tudo de acordo com o modelo deixado e ensinado pelo Mestre (Mt 28, 19).

Conforme Miranda (2009, p.05),

Jesus Cristo convocou homens e mulheres para o seguirem, de tal modo que daí resultou uma comunidade de cristãos. Esta comunidade, mais conhecida como Igreja, tem a responsabilidade de continuar ao longo dos anos a missão do próprio Jesus Cristo, levando à humanidade sua mensagem salvífica do reino de Deus.

A evangelização nasce, portanto, de um desejo expresso de Jesus Cristo, de acordo com o reconhecimento das primeiras comunidades cristãs: “Ide por todo o mundo e anunciai a boa nova a toda criatura” (Mc 16,15). Com uma vocação universal, ela surge da missão espiritual de Jesus e deve se encarnar em relações mais amorosas entre as pessoas. Assim, segundo Bingemer (2009, p.362),

Como quem recebe um mandato vai em nome daquele que manda, com seu poder e autoridade, um novo período se inaugurava, era preciso anunciar o Evangelho e construir o Reino para a proposta de Jesus ser expandida e não ficar sufocada por instituições que não lhe eram adequadas.



## 2.2 Os discípulos e o anúncio

Como vemos nas palavras do evangelista Lucas, à luz da experiência da ressurreição e renovados pela força do Espírito Santo, os discípulos aceitaram a missão, agruparam-se formando a comunidade cristã, onde os pensamentos, ideais e bens eram partilhados (At 2, 1-47).

Estavam maravilhados com as palavras, com os gestos praticados pelo Mestre (At 4,20) e pelos efeitos na fé na ressurreição. Eram, portanto, desejosos de cumprir o mandato missionário e divulgar a salvação do gênero humano (AG n.3).

Muito embora tenham sido perseguidos e dispersos pelas regiões da Judéia e Samaria (At 8,1), eles não deixavam de anunciar a Boa Nova indo de região em região (At 8, 4-13).

Também Paulo, que outrora perseguia e devastava a Igreja em formação (At 8,3; 9,12), após sua conversão (At 9, 3-19) torna-se um grande evangelizador que levou a boa nova de Jesus Cristo a várias nações, assim considerava a missão: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes, uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!”(1Cor 9, 16).

Os primeiros cristãos, tendo recebido este mandato missionário, apesar de um início muito difícil com tensões, perseguições e mortes, levaram adiante o projeto do Nazareno e proclamaram o *kerigma*<sup>9</sup> – um convite à liberdade, um anúncio atual e historicamente determinado da Palavra de Deus, por parte de quem tem Deus, um chamado à vida nova, à conversão, em uma vida engajada em favor de outros – na esperança da conversão dos ouvintes.

Portanto anunciar o Evangelho não é primariamente relembrar figuras históricas, expor doutrinas religiosas ou conquistar novos adeptos. A proclamação do Evangelho, o *kerigma*, é antes de tudo uma interpelação: um convite à liberdade, um apelo a uma vida nova, um chamado à conversão. “Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15), já dizia Jesus. (MIRANDA, 2005, p.117).

Em um primeiro momento o anúncio para a edificação da Igreja em formação foi transmitido oralmente, apoiado unicamente no testemunho de fraternidade dos apóstolos e membros da comunidade, que acreditaram em Jesus, e das mulheres

---

<sup>9</sup> Primeiro anúncio, da fé cristã que, sob formas variáveis e em determinados contextos, de forma livre, tornam possível os primeiros passos na fé daquelas pessoas que ainda não a conheceram ou que se afastaram dela. É um convite ao encontro pessoal com Jesus Cristo, em uma experiência existencial.

crédulas que o túmulo não era local para o Senhor da Vida, (BINGEMER, 2009, p.370).

Apenas as palavras de frágeis seres humanos, acompanhadas pelo testemunho do novo “modo de vida”, era suficiente para atestar, pois diziam “Isso é verdade porque eu vi, eu experimentei, dou testemunho e sou capaz de morrer por isso” (Ap 1, 5; 3, 14).

Aos poucos, a boa nova foi se difundindo, e as obras realizadas por Jesus Cristo, seu jeito novo de ver a Lei, iam se expandindo. Ao longo da história, ouvindo as palavras de Jesus de Nazaré, homens e mulheres de boa vontade levaram a boa nova da salvação, no cumprimento da missão missionária deixada pelo Mestre: “Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15).

### **2.3. A Igreja e a evangelização**

A partir do “evento de Jesus de Nazaré”, a Igreja tem se empenhado em divulgar as boas novas da nova criação, da mudança radical nas estruturas da existência humana, sendo que um bom número de pessoas de boa vontade tem se dedicado a este serviço. Vejamos em linhas gerais esta metodologia.

#### **2.3.1. O processo**

A partir do convite aos que nunca acreditaram, aos que deixaram de acreditar e àqueles que necessitam transformar sua fé infantil<sup>10</sup> em uma fé adulta – muitos não receberam claramente o primeiro anúncio de Jesus Cristo, nem passaram pelo processo de crescimento e amadurecimento pessoal da fé, através de uma verdadeira experiência existencial – tendo o destinatário da Palavra sido tocado na sua subjetividade<sup>11</sup> e havendo uma adesão livre, não em uma decisão ética ou grande ideia, mas pelo encontro com uma pessoa que dá um novo sentido à vida (DA, 2007, n. 12), o ser humano começa a ser evangelizado. No processo, estão em jogo duas realidades: o encontro pessoal com a pessoa de Jesus Cristo e a aceitação de um projeto de vida baseado em seu Evangelho.

Trata-se de um encontro do homem com Deus e se realiza no interior do ser humano, em um nível muito profundo. Questiona a vida do destinatário, frente à

---

<sup>10</sup> A partir de Rubio (1993, p.121) entende-se por fé infantil, uma vivência que vê Deus apenas como resposta as necessidades do ser humano e que procura comercializar com este Deus, em uma relação jurídica.

<sup>11</sup> Dimensão de consciência e liberdade do ser humano.

Palavra, que salva e suscita fé, convidando-o para uma conversão total<sup>12</sup>, para uma mudança de valores e comportamentos. Mexe com os seus códigos de pensamento e comportamento, como seu arquétipo, exige uma adesão pessoal a esta nova proposta de vida trazida por Jesus Cristo, é uma tarefa de aplicação continuada, atenção multiplicada, afeto e simpatia (HOORNAERT, 1995, p. 30-31).

De um modo conciso, evangelizar implica em ensinar todas as coisas que Jesus Cristo ensinou e viveu. É viver o momento presente em cada cultura, em cada momento histórico, como Ele viveu e ensinou o Evangelho. Não é apenas uma mensagem, mas deve ser uma ação libertadora total de Deus na vida Humana. A Igreja cria fraternidade, comunidade e gera esperança que nos une. (LG, n.8).

Neste sentido, *mutatis mutandis* Szentmártoni (2004, p. 17-18) afirma:

Evangelizar quer dizer: promover a fé em Jesus como Senhor, educar nessa mesma fé de modo que a pessoa cresça na relação interpessoal com Jesus no plano das ideias, das escolhas e das obras e que os caminhos para promover esta fé são o anúncio, a oração, sobretudo litúrgica, o cumprimento do ministério, a caridade em suas diversas expressões.

Não se trata de pregar o Evangelho pensando unicamente em expandir a Igreja, em ocupar os espaços geográficos ou atingir multidões, mas a verdadeira preocupação é a de penetrar nas consciências de cada ouvinte, de habitar “seus corações”.

[...] chegar a atingir e como modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesses, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio de salvação (EN, n.19).

Além do anúncio é preciso haver o testemunho de vida da comunidade de fé (MIRANDA, 2009, p.5), da comunidade eclesial, sobre a esperança profética definitiva do amor de Deus, revelado em Jesus Cristo (1Cor 1,17), que se encarnou para nos trazer a salvação<sup>13</sup> (EN, n. 16). Ainda de acordo com Miranda (2009, p. 5), “sem dúvida alguma, o testemunho que resulta da práxis cristã da comunidade é o

<sup>12</sup> Não se trata apenas de uma mudança de conduta moral, mas também de uma mudança de mentalidade que aceita Jesus como Messias. O verbo *metanoéo*, do grego, literalmente designa mudar o modo de pensar, mudar de opinião ou ideias (CASTILHO, 2009, p. 42)

<sup>13</sup> Um novo sentido da vida, segundo os preceitos de Jesus Cristo.

fator mais eficaz da evangelização”, é “sair de si próprio para se encontrar com o outro, a fim de que este se encontre com Jesus Cristo salvador-libertador”.

Para Boff (1992, p. 100),

O caráter da boa nova não é garantido simplesmente pelo fato de o Evangelho ser difundido de forma ortodoxa, mas pela capacidade que ele tem de transformar a realidade ruins, desumana e opressora em realidade libertada, humana e boa. Quando isto ocorre, então existe evangelização e a mensagem de Jesus está viva na prática das pessoas e das comunidades.

No tocante à linguagem da evangelização, ela precisa ser clara, prática, acessível e inserida dentro da cultura, relacionando-se com os demais saberes da sociedade e das formas de comunicação. Deve-se considerar também a “inculturação”, procurando “adequar a mensagem evangélica dentro das características do povo, sua formação, cultura e valores” (EG, n. 108).

Na evangelização, não deve existir o dualismo entre razão e sentimento, ela não deve ser reduzida à explanação de uma doutrina, em um esquema exclusivamente racionalista, que não toca o coração das pessoas, pois corre o risco de tornar-se estéril, mas tampouco deve limitar-se à dimensão emocional e sentimental, com o risco de tornar-se inconsistente e empobrecedora. Conforme Rubio (1993, p. 132), “é preciso saber articular razão e emoção, sem que se perca o foco”.

A evangelização edifica a fé de uma pessoa que escuta pela primeira vez o anúncio de Jesus Cristo como Salvador e reedifica a fé quando provoca uma adesão à vida mais cristã, mais intensa, consciente, responsável e viva.

A metodologia da evangelização é longa e abarca a vida toda, pois o acolhimento na fé a este seguimento de Jesus precisa ser traduzido na vida cotidiana. Ela inicia-se nesta vida, mas terá sua realização completa na transcendência escatológica, pois, trata-se da plena realização do ser humano em uma comunhão com a Trindade Santa.

O candidato a cristão<sup>14</sup> começa a frequentar a comunidade – pessoas que possuem uma experiência partilhada, nascidas de situações existenciais concretas,

---

<sup>14</sup> Cristão é todo aquele, ou aquela, que adere ao cristianismo e aceita o modo de vida segundo o modelo de Jesus Cristo. É um dos desdobramentos do seguimento de Jesus. (HOORNAERT, 1995, p. 18).

compreensões e avaliações da realidade que geram compromissos, decisões e valores comuns aos seus membros (MIRANDA, 2009, p. 17) –, daqueles que acolhem, vivem, professam e celebram, segundo o modelo de Jesus (EN, n. 12), a Igreja.

A adesão inicial à Igreja, após um período de catequese – período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, com vivência na comunidade e experiências de orações – é marcada por um “ritual de iniciação”, onde o novo membro é batizado<sup>15</sup> e é iniciado no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico e, para corroborar o processo de sua evangelização, a Igreja, desde à sua incorporação, faz uso de símbolos que marcam a vida do cristão (LG, n. 11 e EN, n. 17).

Ao mesmo tempo em que o cristão vai se formando, se comprometendo com este novo estilo de vida, passando a viver em comunhão com os demais frequentadores, formando a Igreja, comunidade de fé, presidida pela presença viva de Jesus Cristo (LG, n. 03 e 04), transforma-se também ele em um evangelizador, passando a trabalhar para a instalação do Reino de Deus, (LG, n. 12), passa a ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5, 13-14).

### 2.3.2 A missão

A Igreja, cuja missão essencial é a de anunciar o Evangelho, palavra e presença transformadora de Jesus Cristo, para que todos os homens participem da comunhão que existe entre o Pai e o Filho em seu Espírito de Amor (CIC, n. 850), em todas as realidades, (EG, n. 20), deve se colocar a serviço do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo (EN, n. 18), levando a salvação a todos, pois a alegria do Evangelho é para todos, sem exclusão (EG, n. 20 e 23). Missão que urge, face às amplas e profundas mudanças ocorridas na sociedade hodierna.

A história da humanidade, história que Deus nunca abandona, transcorre sob seu olhar compassivo. Deus amou tanto nosso mundo que nos deu o seu Filho. Ele anuncia a boa nova do Reino aos pobres e aos pecadores. Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciamos a nossos povos que Deus nos ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos

---

<sup>15</sup> Rito sagrado do Cristianismo, que efetua a nossa união à morte e ressurreição de Cristo. (Rm 6, 45).

acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras (DA, n. 30).

A Igreja deve ser como o “sal” a criar o gosto ou como a “luz do mundo” que ilumina o caminho dos seres humanos ao Pai (Mt 5, 13-14). Precisa continuar evangelizando a todos e em todos os lugares (Mc 16,15), pois sua finalidade última é difundir esse amor pelo mundo para a comunhão dos seres humanos com Deus e para que haja comunhão entre si, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém (EG, n. 23).

Todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG, n. 20).

Sobre este assunto, à luz da figura de Jesus Cristo, Miranda (2009, p.95) também apresenta sua contribuição:

Assim como Jesus Cristo foi em sua pessoa, palavras, vida, incluindo sua paixão, morte e ressurreição, sacramento do Pai enquanto manifestou e realizou o reino de Deus, assim também seus discípulos, ao assumirem a existência de Jesus Cristo. Daí afirmar o Concílio Vaticano II que a Igreja só será sinal levantado, luz do mundo e sal da terra enquanto “viver profundamente a vida cristã” (AG, n.36).

Em todos os períodos da história a Igreja sempre procurou ser fiel à sua missão e com a crescente modernização ocorrida a partir da década de 1950, com as transformações da sociedade, não foi diferente. A Igreja necessitava atualizar sua forma de dialogar com a sociedade. Ocorreram, então, mudanças no interior da Igreja, que começa a repensar suas ações em face à modernidade.

As transformações culturais e estruturais da sociedade trazem, assim, um problema para a Igreja. Se ela não dialoga com a sociedade para se atualizar em sua missão, em suas estruturas, [...] (MIRANDA, 2009, p. 06).

Neste contexto, no período entre 1962 a 1965 realizou-se o Concílio Vaticano II, que tocou em temas delicados. A evangelização torna-se um dos principais

desafios apresentados, era preciso um novo fervor nesta missão, sendo necessária uma evangelização em diálogo com a cultura contemporânea, nos moldes de Jesus de Nazaré, mudando a compreensão da Igreja sobre sua presença no mundo moderno e o modo de dialogar com ele, não com a intenção de modificar a doutrina, mas sim, comunicá-la de um modo diferente que atingisse o homem contemporâneo. Como disse o Papa João XXIII, no discurso de abertura do Concílio em 11 de outubro de 1962:

[...] o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro espera um progresso na penetração doutrinal e na formação das consciências; é necessário que esta doutrina certa e imutável, que deve ser fielmente respeitada, **seja aprofundada e exposta de forma a responder às exigências do nosso tempo.** *(grifo nosso)*. Uma coisa é a substância do *depositum fidei*, isto é, as verdades contidas na nossa doutrina, e outra é a formulação com que são enunciadas, conservando-lhes, contudo, o mesmo sentido e o mesmo alcance.

A partir da década de 1970, em face às rápidas e aceleradas mudanças ocorridas na cultura<sup>16</sup>, a Igreja se manifesta com preocupação sobre a ruptura entre esta e o Evangelho, tendo o Papa João Paulo II demonstrado a necessidade de uma “nova evangelização”, em que haja um novo ardor missionário – mais desejo, mais entusiasmo, mais convicção; um novo método –, revendo as estruturas pastorais, os métodos utilizados, os símbolos, os sinais, a linguagem e a comunicação e novas expressões.

Portanto, era necessário refletir como continuar, de maneira nova e fiel, a anunciar às mulheres e homens contemporâneos a mensagem de Jesus Cristo, missão essencial da Igreja. Cada comunidade é convidada a conhecer bem os desafios locais, entre os quais tem que viver e com os quais tem que interagir no cumprimento de sua missão (EG, n. 108).

Ao longo de sua história, as gerações cristãs sempre enfrentaram desafios que se opuseram à sua missão, quer seja da parte do evangelizador, quer seja daqueles a quem a mensagem se dirige e, apesar de terem sido perseguidas, ameaçadas, eliminadas, a Igreja inspirada pelo seu Senhor que a convocou para a

---

<sup>16</sup> Utilizaremos o mesmo conceito antropológico de cultura utilizado por Puntel (2015, p.55), logo abarcando todas as esferas: crenças, modos de viver, de se relacionar, estilos de vida, modos de lidar com novos produtos, especialmente na esfera da tecnologia, etc.

divulgação da boa nova para todos, sempre se reanima e sempre encontra um meio de continuar a missão.

## 2.4 A evangelização no Brasil

Muito embora o território brasileiro já possuísse um povo com sua cultura e seu modo de viver<sup>17</sup>, ele não era totalmente conhecido dos povos europeus que possuíam mais recursos tecnológicos para a época e estudavam as rotas marinhas, principalmente, em Portugal, na Escola de Sagres<sup>18</sup>, que adentraram nos mares em busca de novas rotas de navegação e comércio e acabaram desembarcando em nosso país.

Além dos avanços econômicos que as novas rotas no Atlântico poderiam proporcionar; buscar riqueza em outras terras, dominar os povos e obter lucros, era também intenção de alguns do governo português evangelizar os novos povos com quem se mantivessem contato.

Assim, a evangelização no Brasil teve seu início junto com as descobertas de novos territórios pela Coroa Portuguesa, pois a expedição de Cabral contava com o Frei Pero Vaz de Caminha, e um dos primeiros atos ao chegar ao novo território foi a celebração de uma missa, na terra que fora chamada de “Terra de Santa Cruz”.

Há quem diga que o catecismo foi um instrumento de dominação desses novos povos, tendo os missionários explorado e desprezado a cultura e a religião indígena e transformado os índios em escravos em nome de Deus, segundo Faustino (2000, p.5):

O objetivo da Igreja Católica ao enviar os seus missionários para o Novo Mundo em geral e para o Brasil em particular foi o de garantir, através do “ópio do povo”, a submissão passiva do gentio ao conquistados. Fanatizada por essa visão de conquista, a Igreja desprezou e ajudou a esmagar todo o imenso tesouro da cultura indígena que vicejava na América.

---

<sup>17</sup> Estima-se que na época do descobrimento viviam, no Brasil, entre 1 milhão e 3,5 milhões de pessoas, dividida em mais de duzentas culturas. (NARLOCH, 2011, p.37).

<sup>18</sup> D. Henrique, por volta de 1417, convidou um cartógrafo catalão para se colocar ao seu serviço, muitos consideraram que teria havido uma escola náutica em Sagres. Após o seu regresso de Ceuta, o Infante D. Henrique fixou-se em Sagres, rodeando-se de mestres nas artes e ciências ligadas à navegação. Aí cria uma Tercena Naval, que ficou conhecida como "Escola de Sagres."

De fato, o que se criou não foi uma escola no moderno conceito da palavra, mas um local de reunião de mareantes e cientistas onde, aproveitando a ciência dos doutores e a prática de hábeis marinheiros, se desenvolveram novos métodos de navegar, desenharam cartas e adaptaram navios. Disponível em: <http://www.sagresonline.com>. Acesso em: 12 fev. 2016.



Naquele contexto cultural, muitos erros, muitas barbaridades foram cometidas, a religião foi imposta à base de vidas, sob o jugo do chicote e da espada, pois além da Igreja local não estar preparada para um processo de “inculturação” com relação aos novos povos (primeiramente os índios e depois os negros trazidos da África), grande parte dos colonos tinham apenas interesses econômicos na terra e não consideravam o índio e o negro como pessoas, mas sim como propriedades. Ignoravam a identidade dos povos indígenas, acusando-os de não terem religião, colocando-os no mesmo nível dos indígenas africanos, com os quais Portugal já havia mantido contato, o que justificaria a exploração e a catequese obrigatória (DEL PRIORE, 2010, p. 20) e a Igreja, infelizmente, por um tempo, apoiou a ideia da escravidão.

Lamentavelmente, o espírito europeu da época, estava condicionado ao pensamento das “guerras santas”, onde era necessário o combate contra os inimigos da fé e, nesta circunstância, os índios foram vítimas deste pensamento, pois eram tidos como gentios a serem conquistados e convertidos para a religião católica.

Os reis portugueses, contudo, encaram as navegações para a América como “cruzadas”, os índios como “gentios” a serem convertidos, a guerra contra os índios como “guerra santa” tudo na melhor tradição ibérica de conquista e reconquista após o domínio árabe: a mentalidade das cruzadas os marcou definitivamente (HOONAERT, 1974, p.32).

Não há de como negar que as fases iniciais da colonização se processaram de maneira anárquica, com um clero escandaloso, que tolerava o subjugar indígena, pois com a distância e a precariedade da comunicação, tornava-se difícil o controle, por parte da Coroa e das ordens religiosas.

O clero dos primeiros decênios tem sido julgado muito severamente, com base nas informações dos jesuítas, como sendo um clero escandaloso, relaxado e concubinário, com falta de zelo, que compactuava com o cativo injusto dos índios e concedia os sacramentos a pessoas notoriamente impedidas (LIMA, 2001, p.27).

Entretanto, não se deve atribuir responsabilidades unicamente para a Igreja Católica sobre os lastimáveis erros humanos cometidos e sim às pessoas que os cometeram (FAUSTINO, 2000, p. 04).

Há também outro ponto de vista sobre estes primeiros tempos do Brasil Colônia, encontrado nos testemunhos de escritores e cronistas da época a intenção dos “colonizadores”, de uma evangelização dos povos, como afirma o trecho da carta de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, escrita no ano de 1500 e publicada pela primeira vez em 1817:

Até agora, não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, nem lha vimos, [...] Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.<sup>19</sup>

Sob este mesmo ponto de vista, a rainha Isabel I de Castela escreve ao Papa Alexandre VI pedindo que concedesse a propriedade de terras descobertas no alêmmar para realizar os esforços necessários em converter os novos povos para o cristianismo, enviando-lhes sacerdotes e religiosos, bem como evangelizadores que educassem na fé e na vida cristã os “novos povos”.<sup>20</sup>

Também Dom João III, “rei de Portugal”, segundo Hoornaert (1974, p. 32), assim menciona a intenção ao primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse a nossa fé católica”.

Houve também alguns idealistas, que aprenderam novas línguas, aclimataram-se, enfrentaram a ambição dos colonos (DEL PRIORE, 2010, p. 32), o tráfico negreiro, as injustiças, tudo com intenção de pregar o Evangelho.

Apesar de um começo dramático e desigual encontro de culturas, as “sementes do Verbo”, nas palavras do Concílio Vaticano II, já estavam presentes entre os indígenas (DA, 2017, n. 04).

Do período colonial até a Proclamação da República a Igreja e a Coroa permaneceram unidas para conquistar novas terras para Portugal e para converter os seus habitantes para a fé católica. Deste modo, “ambas as instituições se reforçam e se legitimam mutuamente” (MIRANDA, 2006, p. 47).

Com a República, a Igreja perde regalias e ganha “liberdade”. Foi uma separação dura, pois a Igreja não estava estruturalmente preparada, razão pela qual vieram os religiosos europeus para colaborar na evangelização. Porém, estes não

---

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2016.

<sup>20</sup> FAUSTINO, E. apud ROPS, D. A Igreja da Renascença e da Reforma. São Paulo: Quadrante, 1999. p. 275.

levaram em consideração o contexto brasileiro: enquanto implantavam uma pastoral mais urbana, a população brasileira era mais rural (MIRANDA, 2006, p. 48).

Na década de 30, com o “Estado Novo”<sup>21</sup> de Getúlio Vargas, a Igreja consegue novos privilégios em apoio ao governo. É a época que eclodem no país os movimentos missionários da Ação Católica – movimento mundial de formação religiosa e evangelização lançado pelo Papa Pio XI, para enfrentar os desafios da época, tais como: fim das guerras, crescimento dos estados liberais, desenvolvimento do capitalismo, avanço das indústrias e concentração urbana das cidades com marginalização dos operários. Foi este Papa quem criou em 26 de abril de 1926 o Dia Mundial das Missões<sup>22</sup>, onde mediante uma presença ativa e participativa na sociedade, com testemunho público da fé, objetiva-se trazer as pessoas afastadas da religião, para Cristo. Pode-se dizer que este movimento inspirou a Pastoral da Juventude no país.

Em 1952, no Rio de Janeiro, por iniciativa de D. Helder Câmara, funda-se a CNBB, com o objetivo de “coordenar e subsidiar as atividades de orientação religiosa, de beneficência, de filantropia e assistência social” em todo o território nacional<sup>23</sup>. Com o mesmo intuito, só que agora, com os olhos para a América Latina, em agosto de 1955, com as bênçãos do Papa Pio XII, nascia no Rio de Janeiro, o Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM (FONSECA, 2009, p, 1-16).

A partir do golpe militar<sup>24</sup> em 1964, vive-se um clima político intenso, repressor, e a Igreja se viu forçada a denunciar os abusos e violências cometidos, ao mesmo tempo em que se concentrava mais em atividades pastorais com menores riscos sócio-políticos (MIRANDA, 2006, p.48-50), pois não raro, alguns padres e bispos foram acusados de subversão, sendo condenados à prisão e ao exílio do país.

A Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB então passa a apoiar os camponeses e trabalhadores urbanos na luta por mudanças institucionais, além de buscar interagir com os poderes da Igreja em Roma na tentativa de adaptar, dentro das características multicultural do povo brasileiro, da extensão geográfica do país e

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/.../GolpeEstadoNovo>. Acesso em: 12 ago 2016.

<sup>22</sup> Ver mais detalhes sobre este movimento em SOUZA, Ney de. In: **Revista da Cultura Teológica**. v. 14, n. 55, pág. 3959.

<sup>23</sup> Disponível em: [www.fgv.br/cpd/acervo/dicionarios/verbete-tematico/conferencia-nacional-dos-bispos-do-brasil](http://www.fgv.br/cpd/acervo/dicionarios/verbete-tematico/conferencia-nacional-dos-bispos-do-brasil). Acesso em: 12 ago 2016.

<sup>24</sup> Disponível em <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/Golpe1964>. Acesso em: 12 ago 2016.

da densidade demográfica de cada região, os documentos oficiais e a liturgia, procurando uma maior conscientização e evangelização da população.

Após o Concílio Vaticano II, a Igreja Católica, na América Latina, realizou duas conferências que deram um novo impulso à vida da Igreja (Medellín e Puebla), no quesito evangelização. Tomava fôlego uma ideia de construir a Igreja a partir da realidade em que se vive, segundo um método indutivo, uma evangelização comprometida com o povo oprimido e pobre. Junto com uma nova teologia – a da Libertação – nasceram as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs que se preocupavam com a pessoa humana como um todo espiritual, físico e político, forçando uma nova postura dos que detém os poderes diante do clamor do excluído de nossa sociedade.

Desde estes tempos remotos até os dias atuais, a evangelização no Brasil experimentou sucessos e fracassos, houve momentos de riqueza e santidade, porém, infelizmente, também houve momentos difíceis e contrários aos valores cristãos:

Desde a primeira evangelização até os tempos recentes, a Igreja tem experimentado luzes e sombras. Ela escreveu páginas de nossa história com grande sabedoria e santidade. Sofreu também tempos difíceis, tanto por torturas e perseguições como pelas debilidades, compromissos mundanos e incoerências, em outras palavras, pelo pecado de seus filhos que desfiguraram a novidade do Evangelho, a luminosidade da verdade e a prática da justiça e da caridade. (DA, 2007, n. 05).

A partir da década de 1990, alteram-se os cenários, vive-se um novo ambiente, caracterizado pelo processo de midiatização da sociedade que traz desafios para a Igreja-evangelizadora.

Independente das dificuldades que se apresentem, no presente, “a Igreja é chamada a repensar profundamente e relançar com fidelidade e audácia sua missão” (DA, 2007, n.11). Ela não deve fechar-se, mas sim, precisa refletir sobre sua forma de atuação, sua linguagem e seus símbolos, dialogando com as culturas emergentes para continuar cumprindo a vontade do seu Salvador.

### 3 OS DESAFIOS

No cenário atual brasileiro, nota-se uma sociedade com progressos em diversos setores: avanços na educação e na medicina, a evolução dos meios de transportes e de comunicação entre outros, gerando um bem-estar para uma parcela significativa da população. Lamentavelmente, porém, verificamos que há ainda outra parcela que vive em condições precárias, em uma desigualdade e exclusão social marginalizada destes progressos e, por conseguinte, da sociedade.

Muitos já não buscam mais o verdadeiro, mas o desejável. A sociedade não oferece ao brasileiro valores substantivos e referências significativas para questões vitais, tais como o sentido da vida, do sofrimento, da morte, de tal forma que ele estrutura sua existência em torno de si próprio, apesar da sua insegurança, solidão e *déficit* afetivo. Sua vivência da fé é geralmente exercida em uma religiosidade não institucional e sem comunidade de pertença, ligada apenas aos interesses pessoais (CNBB, Doc.100, 2014, n. 22-23).

Trata-se de uma sociedade caracterizada pela multiplicidade de fontes de sentidos, e o catolicismo, embora ainda preponderante, perde a cada década sua centralidade e já não possui a mesma hegemonia simbólica desfrutada no passado recente<sup>25</sup>.

Este panorama exige que a Igreja se revitalize continuamente: ela necessita dialogar com a sociedade e atualizar suas estruturas, mantendo a coerência com sua missão (MIRANDA, 2009, p. 06). Ela vive um período crítico, pois se confronta com uma realidade desafiadora, uma tarefa de enormes dimensões, quer seja pela múltiplas ofertas de sentido – o pluralismo religioso –, quer seja pelos valores e linguagens oferecidas, ao confronto diário com o diferente, a ausência de uma visão de conjunto, a convivência com fragmentos culturais, aos comportamentos múltiplos – pluralismo cultural –, nem sempre consonantes com os valores cristãos, como diz Miranda (2009, p. 55):

O pluralismo cultural, o desenvolvimento das ciências modernas, a crise do pensamento metafísico, a virada antropocêntrica da filosofia, a concentração epistemológica, a sociedade consumista e hedonista, todos estes fatores tornaram a proclamação de Deus um sério problema em nossos dias.

---

<sup>25</sup> Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, no Censo 2010, 64,63% da população total se declara católica, entretanto há uma tendência de declínio moderado, mas constante.

O resultado dessas muitas e diversas, perspectivas, cada uma dotada de racionalidade e normatividade, lança sobre a sociedade hodierna e a Igreja a árdua tarefa de construírem sua identidade social e religiosa, sendo urgente saber articular, de maneira adequada, razão e afetividade. Como anunciar e falar do Deus de Jesus Cristo em uma sociedade secularizada, globalizada, subjetiva e constituída de múltiplas culturas e crenças religiosas? (MIRANDA, 2009, p. 38).

A problemática é ampla e complexa e de modo algum se pretende exaurir aqui todos os elementos. Pretende-se tão somente oferecer algumas reflexões que auxiliem a melhor avaliá-los, pois, entre os vários desafios que a Igreja enfrenta na contemporaneidade no Brasil pode-se destacar: a subjetivação e o pluralismo, o individualismo e o consumismo e a fragmentação da Igreja.

### **3.1 A consciência do sujeito**

Nos últimos anos o mundo passou e vem passando, rapidamente, por enormes e constantes mudanças em todos os campos (HALL, 2015, p. 12). Em nome do progresso, buscam-se sempre as últimas novidades, quer estejam sob o viés econômico, político, social, ou individual. O que se fazia anteriormente não mais satisfaz. Entra-se em uma crise de sentido, onde prevalece a subjetividade – as experiências do indivíduo como critério de verdade e agir –, entrelaçada com a intersubjetividade, que nem sempre cria comunidades.

A evolução mundial, com os avanços das ciências em todas as áreas, associadas às novas tecnologias, levaram também o brasileiro a indagar-se sobre como e onde ele vive, qual é o seu papel neste ambiente, como e em que crê e, como ele pode tirar proveito de forma mais imediata dessas experiências.

A doutrina ética, social e moral, proclamada pelo Magistério não é mais totalmente acolhida, as mensagens e discursos são inócuos, ineficazes, a autoridade e a tradição da Igreja estão em descrédito (MIRANDA, 2005, p.17). Uma parcela expressiva da população não vê mais a Igreja como uma instituição segura de si, (MIRANDA, 1996, p.17), muito embora se manifeste como crente em Deus.

A acentuada utilização das ciências e tecnologia para finalidades distintas, a destruição da natureza, a exploração do meio ambiente para fins lucrativos, o exacerbado culto ao corpo (com seus exagerados exercícios, dietas, cosméticos e vitaminas) – como conservação indefinida da juventude –, governos corruptos, serviços públicos deficientes e em condições deterioradas, desigualdades sociais e

econômicas, riqueza na mão de poucos, “a secularização, que leva o ser humano a não temer declarar sua ausência de crença em Deus (MIRANDA, 2009, p.110) e sua não pertença a qualquer sistema religioso, são alguns dos vieses que conduzem a vida do brasileiro na atualidade.

O crescente êxodo rural<sup>26</sup>, dado que as terras brasileiras estão concentradas na mão de poucos, fez com que a maior parte da população venha para as cidades em busca de condições mais dignas de formação e sobrevivência: as famílias moradoras na área rural ou em cidades pequenas, com poucos recursos, principalmente nas regiões Norte e Nordeste, necessitam recorrer às grandes cidades em busca de hospitais, tratamentos médicos mais eficazes e escolas para a formação escolar mais adequada.

Como consequência, os grandes centros urbanos são considerados centros de oportunidade e crescimento, fazendo com que haja um grande fluxo migratório para as cidades que crescem acelerada e desordenadamente, não oferecendo estruturas básicas mínimas (água, luz, esgoto, segurança, habitação e postos de saúde) dignas para toda a população.

Os menos favorecidos vivem nas periferias das cidades, em barracos de tamanhos mínimos, com paredes e teto de latas e papelão, piso de “terra batida”, sem água corrente, sem energia elétrica e com esgoto a “céu aberto”, disputando espaços com ratos e baratas, lutam incessantemente por um prato de comida. Suas oportunidades de estudo são reduzidas e ficam limitadas as escolas públicas de baixo aproveitamento escolar. Formam as favelas fruto da exclusão social, vivem em condições miseráveis, sub-humanas, com subempregos, cercados pela marginalidade e pelas drogas, beira de rios, lagos, morros e lixões, formando um “novo tipo de sociedade” com regras e costumes diferenciados, marcados pela violência, exploração e todo tipo de preconceitos e discriminações. Como diria D. Helder Câmara (1995, p. 85). em uma denúncia profética:

Situação abaixo de humana? Não se tratará de demagogia, de derrotismo, de subversão? Documentem-se quanto as habitações: merecem o nome de casas? Apresentam o mínimo de conforto para uma vida humana? Os cômodos, em relação aos moradores? Água, esgoto, luz? Condições de piso e cobertura?

---

<sup>26</sup> De acordo com o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, os 16% da população brasileira é tida como rural, correspondente a 29.830.007 pessoas., enquanto nos anos 70 este percentual era de 44%. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse>. Acesso em: 12 fev 2016.

O mesmo se faça quanto a vestimenta, alimentação, saúde, emprego, condições de transporte, diversões...

Procurando serem notados, ouvidos, alguns moradores iniciam sua vida profissional compondo letras de músicas e criando ritmos em forma de protesto para mostrar à sociedade a violência que os circundam, o seu grito contra a indiferença, a humilhação e a marginalização. Como a música “Eu só quero é ser feliz” composta no ano de 1995, pelo grupo musical Rap Brasil descreve,

Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer.  
Com tanta violência eu sinto medo de viver.  
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado.  
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado.  
Eu faço uma oração para uma santa protetora.  
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora.  
Enquanto os ricos moram em uma casa grande e bela.  
O pobre é humilhado, esculachado na favela.  
Já não aguento mais essa onda de violência.  
Só peço à autoridade um pouco mais de competência.<sup>27</sup>

Há ainda, infelizmente, àqueles que sobrevivem nas ruas das grandes cidades em completa exclusão, desrespeito e abandono a dignidade humana. É um flagelo que afeta um significativo número de pessoas (DA, n. 407-408).

Por outro lado, grande parte da classe média, em geral, ocupa prédios cada vez mais elevados, com maior concentração de famílias em espaços cada vez mais reduzidos, sem interagir com seus vizinhos. Estão isolados na “comunidade predial”, com todo o tipo de grades e alarmes, pois a insegurança e o medo passaram a fazer parte da vida urbana,

Este tipo de concentração urbana afeta o comportamento e relacionamento das pessoas, dificultando a formação de laços comunitários, sendo possível em um único edifício manifestarem-se comportamentos éticos e morais, bastante díspares, como diz Mosconi (1996, p. 107–108).

As elites, por sua vez, em grande parte, moram em condomínios distantes das cidades, circundados por muros, guardas armados e câmeras em circuito fechado, como se fosse um mundo imaginário, sem controvérsias, sem conflitos,

---

<sup>27</sup> Rap Brasil, Eu só quero é ser feliz, música em estilo “funk”. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rapbrasil/564946/>. Acesso em: 03 fev 2016.



sem se expor às diferenças, apáticos a “este mundo”, vivem em uma zona de conforto, conforme alerta Bauman (2016) em recente entrevista<sup>28</sup>.

Na cidade, convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites econômicas, sociais e políticas, a classe média com seus diferentes níveis, a grande multidão de pobres. Nela coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição-modernidade; globalidade-particularidade; inclusão-exclusão; personalização-despersonalização; linguagem secular-linguagem religiosa; homogeneidade-pluralidade, cultura urbana-pluralismo. A Igreja em seu início se formou nas grandes cidades de seu tempo e se serviu delas para se propagar. Por isso, podemos realizar com alegria e coragem a evangelização na cidade atual. [...]

Sobre a vida na cidade, os bispos reunidos na recente assembleia de Aparecida, assim se manifestam:

A fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, com também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo a violência, pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportunidade. Nelas, as pessoas tem a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele (DA, n. 512 – 514).

A família tem enfrentado enormes transformações no seu conceito, na transmissão de valores éticos, no respeito à vida e a sexualidade pois foi invadida pelo conceito que, independente da natureza humana, cada um pode escolher sua orientação sexual, sem levar em conta as diferenças naturais, provocando modificações legais na dignidade do matrimônio (DA, n. 40).

Ou ainda, como afirma a CNBB através das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora no Brasil - DGAE (2015, n. 21): fortes ideologias apresentam, por exemplo, noções confusas da sexualidade, do matrimônio e da família.

Também a Conferência de Aparecida, reconhece o valor das famílias e como elas estão sendo ameaçadas:

---

<sup>28</sup> BAUMAN, ZYGMUNT, em entrevista realizada durante o Fórum do Futuro, para Alessandro Gilioli e publicada no Léspresso, traduzida por Antonio Martins e reproduzida por outras palavras em 11/03/2016. Disponível em <http://www.lhu.unisinos.br/noticia/552577>. Acesso em 06/12/2016.

A família é um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americano e caribenhos e é patrimônio da humanidade inteira. Em nossos países, parte importante da população está afetada por difíceis condições de vida que ameaçam diretamente a instituição familiar. [...] (DA, n. 432).

Por outro lado, houve o progresso científico e o avanço de novas tecnologias, incluindo a informática, fazendo com que multidões ocupem ruas e praças em nome da democracia, exigindo liberdade, igualdade e justiça.

O nível de consciência crítica do ser humano evoluiu e ele questiona os valores morais praticados, as injustiças sociais, preocupa-se com o uso do planeta, com os avanços predatórios dos empreendimentos imobiliários, agropecuários e de mineração, e qual sua relação e responsabilidade sobre tudo. Conforme CNBB (Doc. 100, 2014, n. 11):

A emergência da subjetividade, a preocupação com a ecologia, o crescimento do voluntariado, o empenho pela tolerância e o respeito pelo diferente despertam atualmente a nova consciência de pertença ao planeta e de integração entre tudo e todos.

Há no ar, uma carência por ser e viver feliz, livre e, em nome destes atributos busca-se em novos valores morais, nos prazeres e desejos, o culto ao corpo, pois o objetivo maior é a realização imediata e pessoal.

### **3.2 A globalização<sup>29</sup>**

Com o fenômeno da globalização, processos existentes e atuantes em uma escala mundial atravessam as fronteiras geográficas, interligando pessoas, comunidades e organizações em novas combinações de tempo-espço, vive-se em uma única e imensa aldeia (HALL, 2015, p. 39), e tais fatos geram repercussão sobre o comportamento, a atividade humana, o pensar e agir das comunidades locais e do cristão.

Ela não se restringe ao âmbito geográfico, embora as noções de fronteiras e de nações estejam sendo reconfiguradas e nem se constitui apenas de componentes econômicos, – muito embora sobressaia um culto ao dinheiro em

---

<sup>29</sup> O fenômeno da Globalização é bastante complexo e pode ser analisado sob diversos prismas, muito embora o aspecto econômico tenha sido privilegiado na maioria das análises. Em uma perspectiva cultural Libanio, (2003, p 147 – 148), categoriza em globalização instrumental – aquela que faz circular informações possibilitadas pelos avanços tecnológicos das ciências da informação e da comunicação e globalização teleológica, axiológica, que visa o domínio cultural e econômico, cria consciência ética mundial, faz com que os benefícios da tecnociência atinjam as pessoas.

detrimento ao ser humano –, mas afeta, ainda que desigualmente, as pessoas através das culturas, ciências, educação, esporte, lazer, artes e ética.

Essa nova escala mundial do fenômeno humano traz consequências em todos os campos de atividade da vida social, impactando a cultura, economia, a política, as ciências, a educação, o esporte, as artes e também, naturalmente, a religião. (DA, n.35).

As tecnologias de comunicação permitem a invasão de informações, que transitam livremente pelo mundo e vão transformando as tradições culturais, passando a exigir uma nova articulação, por parte da Igreja, – sendo uma das características é ser global e também local,<sup>30</sup>–, entre cultura e fé, pois a proposta cristã monoteísta deixa a desejar diante da pluralidade de culturas e, quando a nova consciência religiosa mescla elementos da fé com outros cultos, associados à técnicas de meditação, consciência ecológica, etc.

Miranda ( 2006, p. 88), sobre este assunto, assim se manifesta:

[...] a Igreja se encontra duplamente desafiada pelo fenômeno da globalização. Primeiramente por que deve enfrentar o *impacto cultural* na mentalidade humana. Hoje chegamos a uma autêntica “consciência planetária” [...] a qual não deixa de influir na acolhida e na vivência da fé cristã, [...] E dificilmente a Igreja particular poderá dar uma resposta adequada às questões que a ultrapassam. Daí a necessidade da mútua informação, do diálogo frequente, da colaboração fraterna, da consciência colegial ao considerar os problemas alheios como seus. O segundo desafio é de cunho ético e provém, sobretudo, da globalização da economia. A Igreja está atenta aos efeitos maléficos do culto ao dinheiro em detrimento do ser humano, como aparece na doutrina social.

Fica cada vez mais difícil um discurso único que satisfaça a todos. Faz-se necessário respeitar os diversos contextos. Onde o cristianismo é professado e vivido, deve haver diálogo para enriquecimento mútuo sobre as diversas perspectivas de leitura.

A globalização, entre outros, pode gerar, uma crise de sentidos, pois os valores outrora transmitidos pela família e escola local, são agora substituídos por ofertas de felicidade, de gozo, realização e sucesso, obtidas pela informação do momento, pela distração, por imagens artistas e pessoas bem sucedidas

---

<sup>30</sup> Por igreja local, estaremos adotando a definição de Mário de França Miranda (2006, p. 84), que diz: “A Igreja local abarca dioceses, regionais de uma grande Conferência Episcopal e ainda a união de várias Conferências Episcopais de uma mesma região sociocultural.

financeiramente ao redor do globo. Também as informações fluem de forma mais ágil em detrimento, muitas vezes, da veracidade da informação e da autenticidade dos sujeitos.

É preciso pensar em nome de todos. Faz-se necessário cada vez mais informações para criar juízos de valores sobre a realidade, cada vez maior e mais complexa, uma decisão pode tornar-se o destino comum dos seres humanos e, não raro, geram conflitos na sociedade, afetando o nosso sentido unitário da vida.

Por outro lado, o mundo globalizado trouxe também, facilidades de acesso e de contato, permitindo as pessoas serem mais críticas. Há possibilidades de melhoria nas condições de vida e nas relações humanas desde que o conhecimento e as tecnologias avançadas sejam partilhadas podendo oferecer novos domínios da vida.

O desafio da globalização exige que não se veja mais um problema como sendo local, é preciso pensar globalmente e agir localmente, pois a Igreja precisa estar atenta a todos os horizontes culturais e problemáticas vigentes na sociedade.

### **3.3 O pluralismo<sup>31</sup> religioso**

Em um passado não muito remoto, o Brasil vivia com um cristianismo católico hegemônico, muitas vezes apoiado pelos governos que queriam a legitimação da religião para apoiá-los e garantirem sua aceitação. A pertença à Igreja católica se dava mais pelo fato de se ter nascido dentro de um determinado grupo. Era uma herança cultural e não fruto dos próprios questionamentos e convicções.

As demais expressões religiosas eram negligenciadas, sua percepção e participação eram reduzidas e suas linguagens e categorias eram desconhecidas. A Igreja católica ensinava que só se salvariam àqueles que a ela pertencessem, as demais religiões eram pagãs, obras do demônio, e o que a estas pertencessem estariam condenados, mesmo quando eles diziam coisas semelhantes ao cristianismo (COMBLIN, 2005, p.17 - 19).

---

<sup>31</sup> Por pluralismo adotamos a definição de Luckmann e Berger, o pluralismo como uma situação na qual existe concorrência entre os diversos universos simbólicos ou significações globais da realidade e suas respectivas instituições, todas procurando dar um sentido e estruturação à vida de cada dia. Implica ele um processo histórico de desmonopolização. (MIRANDA, M.F, apud LUCKMANN, T; BERGER, P. *Aspects sociologiques du pluralism. Archives de Sociologie des Religions*. 1967, p.11).

Entretanto, na sociedade moderna há um pluralismo de oferta de sentidos com seus universos simbólicos, que veio para ficar e não há, como no passado, porque se excluiu da convivência os que pensam diferente.

Aos poucos, com o avanço da modernidade, algumas pessoas foram buscando respostas existenciais nestas novas tradições religiosas, onde podiam transitar mais livremente para lhes iluminar e estruturar suas vidas, sem que isto criasse necessidade de adesões permanentes e exclusivas e isto naturalmente influencia o catolicismo na medida em que rompe o poder de domínio sobre os seus fiéis. No dizer de Berger (1985, p. 149 -150),

Instaura-se uma situação de mercado que transforma as instituições ou grupos religiosos em agências competidoras, “de ofertas”, tendo agora que se organizar para corresponder à demanda diversificada de fiéis.

Depara-se também com várias práticas marcadas pelo fundamentalismo – que pretende reconquistar a sociedade para os valores e tradições antigas –, ainda que seja por meios coercitivos, pelo relativismo.

Não há qualquer valor ou reserva de sentido comum, transferindo o pluralismo da sociedade para o indivíduo, emocionalismos e sentimentalismos, que se aproveitam das carências da população, manipulando a mensagem do Evangelho, onde a salvação em Cristo passa a ser apresentada como prosperidade material, saúde física e realização afetiva (COMBLIN, 2005, p. 07).

Se a Igreja quer evangelizar nos dias atuais, não pode prescindir do diálogo *ad intra* para que seja mantida a unidade eclesial em meio à diversidade de formas de catolicismo e *ad extra*, com as demais religiões, pois estas podem perceber elementos que a Igreja não tem e pode-se aprender. O diálogo favorece o conhecimento mútuo, elimina preconceitos e fortalece o empenho comum além de ser um testemunho cristão para a sociedade. “Convém lembrar que nossa cultura, como as demais, é limitada; e a nossa religião depende da nossa cultura. [...] é preciso olhar para Jesus e suas ações, independente de toda a tradição ulterior“ ( COMBLIN, 2005, p. 17-24).

### 3.4 O individualismo <sup>32</sup>

Nos tempos atuais, o indivíduo é muito valorizado em comparação ao social, destaca-se a identidade pessoal em detrimento do coletivo, enfraquecem-se os vínculos comunitários, destroem-se os laços de solidariedade, reduz-se a consciência coletiva na mesma intensidade em que se expande a consciência individual. O importante é a exterioridade, é a aparência, o que interessa é a realização imediata dos desejos do indivíduo, rompem-se os laços sociais. Segundo Hall (2015, p. 17):

[...] erigiu-se uma nova concepção do sujeito individual e sua identidade. Isso não significa que nos tempos pré-modernos as pessoas não eram indivíduos, mas que a individualidade era um tanto “vívida” quanto “conceitualizada” de forma diferente. As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e estruturas.

Vive-se em uma sociedade de “*selfservice*” – onde tudo tem que estar pronto e ao dispor, para satisfação do sujeito; do “*self*” –, o importante é destacar-se dos demais e postar nos meios de comunicação a foto mais representativa, que mais o torne diferente dos demais, seja isto em uma festa, em uma viagem, em um restaurante e até em um velório.

O importante é a valorização e satisfação do ego. No tempo presente. “a lógica da economia invade tudo, transformando homens e coisas em mercadoria, que valem pelo seu valor de troca, independente de seu conteúdo” (MIRANDA, 1996, p.11).

Na religião adotam-se cada vez mais práticas sincréticas ligadas a uma “religião individual” em uma privatização da fé e da vida religiosa em que cada um faz por e para si, é a des-objetivização da fé dos conteúdos religiosos, que perdem na consciência do indivíduo o status de realidade objetiva e são subjetivados como assunto privado do indivíduo (MIRANDA, 1996, p.14).

---

<sup>32</sup> A sociologia [...] localizou o indivíduo em processos de grupo e nas normas coletivas as quais, argumentava, subjaziam a qualquer contrato entre sujeitos individuais. Em consequência, desenvolveu uma explicação alternativa do modo como os indivíduos são formados subjetivamente através de sua participação em relações sociais mais amplas; e, inversamente, do modo como os processos e as estruturas são sustentados pelos papéis que os indivíduos neles desempenham. [...] Este modelo sociológico interativo, [...] é, em grande parte, um produto da primeira metade do século XX, quando as ciências sociais assumem sua forma disciplinar atual. [...] a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da *multiday* ou da metrópole anônima e impessoal. Conforme Hall (2015, p. 21).

Há na Igreja vários catolicismos: o das devoções e procissões, o do cristão que busca não cometer pecados para salvar sua alma e aquele da renovação carismática católica que atinge todas as classes sociais e se caracteriza pelo que poderíamos chamar de “individualismo religioso” de cunho fortemente emotivo em nossos dias. A dimensão social da vocação cristã ficou reduzida ao âmbito das relações pessoais. (MIRANDA, 2006, p.59).

Também alerta a CNBB (Doc.100, 2014, n. 13): “Vive-se o fascínio entre a emergência da subjetividade e a cultura individualista que propõe uma felicidade reduzida à satisfação do ego”, e nos diz o Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n.2:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, **da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses**, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem ferve o entusiasmo do bem fazer. (*grifo nosso*).

Vários movimentos importantes no pensamento e na cultura ocidentais contribuíram para esta nova concepção do ser humano: a Reforma, o Protestantismo, no que se refere à religião; o humanismo renascentista – que coloca o homem no centro do universo; as revoluções científicas; o Iluminismo – centrado na imagem do homem racional, científica e nos últimos tempos a revolução tecnológica que possibilitou ao homem investigar e comunicar-se com maior rapidez (HALL, 2015, p.18).

O indivíduo escolhe, entre as diversas fontes de sentido, as que melhor lhe convêm para formar sua identidade social, segundo o seu bem estar, resultando em identidades contraditórias, inacabadas, fragmentadas, onde o que conta é viver o momento presente sem importar-se com os demais (CNBB, Doc. 100, 2014, n.12).

Esta forma de viver reduz a importância das comunidades de pertença, de sentido, tais como: a família, a religião, os grupos de convivência e até a sociedade, na medida em que prevalece a subjetividade individual frente aos desafios do dia a dia, Como salienta Hervieu-Léger (2008, p. 34):

Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são “assuntos de opção pessoal”: são assuntos particulares que dependem de consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja.

Do ponto de vista da religião, o indivíduo também a olha como um objeto que pode se analisado e interpretado das mais variadas perspectivas. Muitos buscam a religião apenas para atender às suas demandas, não querem e não pretendem comprometer-se e nem viver em comunhão. Tal fator gera uma indiferença religiosa e generalização do relativismo. Dilui-se o sentido de pertença eclesial e do vínculo comunitário. Conforme nos diz Miranda (2015, p.78 - 79):

O Brasil moderno, como acontece em outros países, nos defronta também com uma sociedade marcada pelo *individualismo* como traço cultural dominante. Diante de uma oferta diversificada de interpretações da realidade, proveniente de múltiplas fontes de sentido, pode o indivíduo *escolher* aquelas que irão compor sua biografia. Em nossos dias esta seleção está sendo comandada por dois imperativos culturais: em tudo busque a eficácia econômica, em tudo busque o próprio bem estar.

A comunidade deixa de gerar sentido e organização na vida pessoal, transformando-se em uma mera prestadora de serviços religiosos, em lugar de comunidade de vivência fraterna da fé, segundo a CNBB (Doc. 100, 2014, n. 13).

Muitos ainda acreditam em Deus, mas declaram-se como não pertencentes a nenhuma religião<sup>33</sup>, contestam os valores herdados e criam novos, em uma competição pela busca de experiência de sentido que preencha as exigências de sua vocação (DA, 2007, n. 39).

Tal condição afeta a todos, mas, principalmente, a juventude, que é mais propensa em absorver estas novas culturas, conseqüentemente afeta o futuro da Igreja.

---

<sup>33</sup> Conforme dados do IBGE, segundo censo demográfico de 2010, 14,6 milhões de brasileiros, ou 8% da população brasileira, se declaram sem religião. Disponível em <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/naoacreditaemdeusaspeessoasvaotejulgarparapior>. Acesso em: 12 fev 2016.



### 3.5 O consumismo<sup>34</sup>

Os indivíduos modernos adotaram um comportamento voltado para o consumo de bens e serviços como forma de distinção social (CARRANZA, 2011, p. 30).

No sistema capitalista em vigor o indivíduo é valorizado em função do que consome, pela sua capacidade de ter e não de ser, pelo "consumo logo existo", parafraseando Descartes (COMBLIN, 2007, p. 92).

Já não basta simplesmente possuir inúmeros bens, já que também a grande massa tem acesso a uma enorme quantidade de coisas que outrora serviam de distintivo e *status* social, agora é preciso que haja "grife", "marca", exibição, distinção. "A lógica da economia invade tudo, transformando os seres humanos, que valem pelo seu valor de troca e não em função do seu conteúdo". (MIRANDA, 1996, p. 11).

Para ser imitado, é preciso consumir, precisa ter as marcas em evidência, os mais novos produtos, necessita substituir roupas perfeitamente boas por outras, superlotando seus armários, ou ainda aparelhos eletrônicos em bom estado, por outros recentemente colocados no mercado.

A sociedade brasileira atual é influenciada por propagandas que afirmam constantemente precisar de mais o tempo todo. Ela, desta forma, é afetada pelo poder econômico, pelo ter mais e sempre mais, em um fetichismo pelo dinheiro, pela cultura do bem estar, do descartável, que influencia sobremaneira as relações humanas, articulando e organizando a estrutura social em função da satisfação das necessidades materiais e simbólicas da vida cotidiana e as vezes tais atitudes são tomadas em detrimento ao bem comum, às atitudes solidárias.

Busca-se o sentido na satisfação pessoal e para isto se vive na constante busca de mais recursos materiais e financeiros que possam gerar mais satisfação e, não raro, temos escassez de produtos e espécie de animais, além de uma geração endividada.

O importante é consumir sempre mais, é ter mais, em uma antropologia do desejo, das feiras livres nos bairros, passando pelos camelódromos<sup>35</sup>, até chegar aos *shoppings centers*, verdadeiras catedrais de consumo, fontes de desejo na

---

<sup>34</sup> Estaremos utilizando o termo como um tipo de economia em que vivemos uma economia baseada na primazia da opção do consumidor.

<sup>35</sup> Local que reúne o comércio informal nas cidades brasileiras.

atualidade. O que se vê são pessoas adquirindo, muitas vezes, sem necessidade. Um rápido olhar nas nossas cidades e nos deparamos com latas e depósitos de lixo que nos leva a constatação da transformação do Brasil em uma sociedade do “descartável”.

Grande parte das pessoas baseiam suas escolhas pensando no impacto que elas terão na sua felicidade, porém não sabem diagnosticar qual será este impacto. Neste processo experimentam a intensidade de emoções e sentimentos, adquirem confiança necessária para superar a angustia existencial e assim se convencerem que, de fato, estão vivendo.

O ato de desejar intensamente um bem, ajuda-os a se convencerem que realmente existem o consumo desmedido não está simplesmente ligado às coisas materiais, mas é algo mais transcendente, para o qual o produto indica, como a felicidade e uma vida melhor, como fim último.

Almeja-se a satisfação individual com indiferença pelo outros; a supremacia do desejo em relação às necessidades dispensando o discernimento do que é básico e do que é supérfluo; o predomínio da aparência em relação à realidade, a linguagem estética que oferece felicidade, sem perceber que os produtos oferecem bem-estar e felicidade efêmeras, pois os desejos da pessoa jamais serão plenamente satisfeitos. (CNBB, doc.107<sup>a</sup>, n.57, subitens a-e).

O consumismo dita um novo estilo de vida, capaz de gerar sentido nas ações da vida cotidiana, modelar comportamentos e oferecer padrões éticos, tocando na configuração da subjetividade do indivíduo, papel que a Igreja desempenhava até então (CARRANZA, 2011, p. 31).

Tal postura afeta as relações sociais, pois os pobres não têm oportunidades, são excluídos socialmente, são considerados como um mal. Surge uma sociedade marcada pela violência, pela desigualdade, onde os pobres almejam possuir os sonhos de prometidos como sinônimo de esperança e felicidade.

Trata-se de um modo de produzir-consumir que se torna costume e norma e que opera a partir da lógica individualista: a busca de maior bem-estar com o menor esforço, seja por parte daqueles que detêm o domínio das riquezas e da produção, seja daqueles que, na outra ponta do mercado, vivenciam o consumo como razão de viver. (CNBB, Doc. 107<sup>a</sup>, n. 57).

### 3.6 A fragmentação da Igreja

A Igreja é o Povo de Deus! (Jr 31, 31-34), é a “comunidade de fé, esperança e amor, por meio da qual se difunde a verdade e a graça” (LG, n.8). Ela também é a comunidade dos que acreditam segundo o modelo deixado por Jesus Cristo e seus apóstolos. Ela vive e é dinamizada por uma variedade de ministérios, carismas, vocações e serviços, sendo administrada, regionalmente, por um bispo, e este conta com os presbíteros para levar ao cabo a sua missão.

São os presbíteros que estão frente aos templos, em contato direto com o povo e que devem ter o “cheiro das ovelhas”, no falar do Papa Francisco,<sup>36</sup> para divulgar o pensamento e diretrizes ao Povo de Deus na Igreja.

Entretanto, na atualidade, nota-se uma parcela dos candidatos à vida religiosa que desconheceu as ações renovadoras do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação, e está mais preocupada com seu poder sagrado do que com uma efetiva participação no mundo, em diálogo com o povo e a serviço deste (LIBANIO, 2012, p. 34).

Esta parcela do clero, descompromissada, busca vantagens em detrimento do espírito de serviço, de pastoreio evangélico. Busca os valores da fé, em um pieguismo, em um devocionismo, ao invés de promover uma verdadeira evangelização. Gera gastos inúteis que poderiam ser canalizados para os mais pobres, falta-lhes entendimento e paixão pelo ecumenismo e pela justiça social. As celebrações litúrgicas tendem mais a uma exaltação da subjetividade do que a comunhão com o Mistério. Há um mundanismo sob vestes pastorais e espirituais (DGAE, 2015, n.26) e, em consequência, “as paróquias urbanas vão ficando cada vez mais vazias, já não são verdadeiras comunidades” (COMBLIN, 2007, p. 64).

Mas também encontramos na Igreja certa mentalidade e certas instituições que mais refletem um *espírito do mundo* do que um espírito evangélico. Uma valorização excessiva de tudo o que significa honra, poder, bens materiais, garantias de segurança vai além do que pede uma necessária, sensata e realista administração de um pastoreio realmente evangélico, e pode ser constatada em alguns lugares. São padrões herdados de uma época de cristandade e de união com o poder. Hoje apenas escandalizam a muitos e enfraquecem a irradiação da mensagem cristã. (MIRANDA, 2009, p. 104).

---

<sup>36</sup> Homilia do Papa Francisco, na Quinta Feira Santa de 2013. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br>. Acesso em: 11 nov 2016.

Também o teólogo espanhol, José Maria Castilho (2009) destaca este problema na hierarquia da Igreja em recente artigo publicado por *Religion Digital*<sup>37</sup>:

Não quero entrar na raiz profunda do problema, que não é outra senão a quantidade de indivíduos que se fazem padres porque, no fundo, o que querem é ter um nível de vida, uma dignidade ou uma categoria que não correspondem nem com o projeto de vida que nos é apresentado pelo Evangelho, nem o que deles espera e necessita a Igreja.

Os símbolos religiosos, tais como novenas, procissões, benditos, etc. nas grandes cidades, encontram-se desgastados sem ligações com a comunidade de fé, estão desenraizados de sentido e ficam à mercê do indivíduo, que os assume na linha da tradição ou simplesmente a partir de seus próprios conceitos.

Além do mais, alguns padres comprometidos com o Evangelho, podem ter um excesso de atividades pastorais e se perder em atividades rotineiras, como reuniões, responsabilidades administrativas, atividades sociais, entre outras, relegando, a um segundo plano, os estudos para compreender e melhor se preparar para atender os que o procuram, (CNBB, Doc. 100, n. 199-201).

Tudo isto sem levar em consideração a carência de sacerdotes em um país tão vasto como o Brasil. Boff (2014, p. 393) cita “há estatísticas que mencionam 1,3 sacerdote para cada 10 mil fiéis”.

Também a massa dos fiéis se posiciona de maneira diferente. Talvez uma minoria acate irrestritamente as orientações oficiais, enquanto que outra parte ou não ouve o que foi dito ou simplesmente não concorda e continua vivendo a sua vida dentro da sua própria visão moral e de seus parâmetros. Há um hiato entre o discurso de quem se diz católico e aqueles que o são de fato.

Existe um setor médio, ilustrado e consciente, que reforça a tendência já iniciada na década de 1960 de liberdade de consciência e de prática em face das normas, dos ensinamentos oficiais, quando não lhes correspondam à presente compreensão da vida, da ética, do comportamento humano. Diante de aspectos da moral católica sexual, familiar e disciplinar, mesmo apresentada como obrigações graves, esse setor católico, sem julgar trair a fé e a Igreja, se sente livre. Acolhe os elementos que lhe correspondem à presente compreensão do assunto em questão (LIBANIO, 2012, p. 159).

---

<sup>37</sup> Disponível em: [www.ihu.unisinos.br/564481](http://www.ihu.unisinos.br/564481). Acesso em: 31 jan 2016.

Libanio (2012, p. 159-160) também afirma que, parte da Igreja também se voltou para a renovação carismática, buscando principalmente valorizar as experiências espirituais pessoais e grupais, constituindo um ambiente de vivência, oscilam entre um moralismo religioso e um espiritualismo emocional.

A Igreja conheceu ao longo dos séculos discordâncias profundas em seu seio. A novidade consiste em que certos grupos discordantes se consideram mais Igreja que a própria Igreja oficial, gerando uma fissura cismática. Vivemos em tempos líquidos, conforme nos diz Bauman (2016), e a identidade cristã parece difícil de ser delineada com clareza e nitidez (BINGEMER, 2013, p.14).

## 4 INTERNET

### 4.1 O início da rede

Na final da década de 1940 surgiram os primeiros computadores nos Estados Unidos que eram para uso militar. Posteriormente alguns deles foram cedidos para universidades e na década de 1970, quatro delas estavam interligadas, era o primórdio da *internet*<sup>38</sup>.

Percebendo as oportunidades que daí advinham, aceleradamente ocorreu o aumento da velocidade do processamento dos dados, a evolução das transmissão das informações, proliferaram os *sites*<sup>39</sup>, e houve avanço dos programas ou *softwares*<sup>40</sup> destinados aos mais variados fins. Também surgiram os computadores pessoais – PC, que ampliaram o uso dos computadores.

Enquanto aumentava sua capacidade de processamento, de velocidade, de potencia do equipamento, da taxa de transmissão foi-se ampliando o uso e conseqüentemente havendo uma redução no custo dos equipamentos (LÉVY, 2010, p. 33-34).

Os equipamentos mais baratos, os programas mais atrativos, possibilidades de pesquisa na rede, mudanças dinâmicas e constantes despertaram a demanda para compra do computador pessoal pela população, elevando, conseqüentemente, a capacidade de comunicação dos seres humanos que se apropriou destas novas tecnologias e construiu um espaço de encontro, de compartilhamento de informações, de participação, de invenção coletiva, que possui uma unidade de tempo sem lugar graças as interações em tempo real por redes eletrônicas (LÉVY, 1996, p. 21).

Assim, as redes de computadores que existiam desde o final dos anos 70, sem que nenhuma instância as dirigisse, no início dos anos 90 se uniram umas às outras, crescendo exponencialmente, surgindo em 1994 a *world wide web* – *www* ou *web*, que é muitas vezes tida como sinônimo de *internet*.

---

<sup>38</sup> Sobre este assunto sugerimos os seguintes autores: AVELLAR, V.L. **Internet e espiritualidade: o despertar através das mensagens de e-mail**. Rio De Janeiro: Calibán, 2010, p. 58-62; BRITO, R.R. **Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais**. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 130-133.

<sup>39</sup> *Website* ou simplesmente *site* ou sítio – um conjunto dinâmico de páginas (*home pages*) que se ligam através de um *hiperlink*, formando um hipertexto, ou hiperdocumento que contém sons e imagens, tornando as páginas mais atrativas, agradáveis, incluindo cores e imagens.

<sup>40</sup> Lista organizada de instruções codificadas, destinadas a fazer com que o processador execute a tarefa.

O computador deixa de ser meramente um equipamento, pois associando-se à *internet* transforma-se em um novo ambiente de vida, em um novo contexto existencial (SPADARO, 2012, p. 07), que está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilidade social.

Trata-se de uma revolução que influi nos pensamentos, experiência de vida e sobre a estrutura das pessoas até o ponto de uma possível, nova compreensão da realidade, pois permanecem as necessidades fundamentais do ser humano, mas modificam a forma de relacionar-se.

Abrem-se novas possibilidades, há uma mudança de método de aprendizagem, não se aprende mais pelo método fabril (parte de um todo), não é somente a ideia do autor que é comunicada, de forma linear, cartesiana, mas sim um material que é fornecido para ser descoberto, trabalhado, manipulado, refletido, que provoca o receptor da mensagem para que ele expresse também a sua opinião e a partir da interatividade gerada pela rede – uma de suas características fundamentais –, pode-se até falar em uma aprendizagem construída de forma colaborativa, mais rica e mais motivadora.

O acesso à *Internet* é cada vez mais uma forma de acesso ao grande acervo do conhecimento e da produção simbólica humana. Ela vai sendo cada vez mais o depositário das infinitas manifestações artísticas e intelectuais (**poderíamos também dizer: religiosas**) não só da atualidade, mas de tudo o que foi anteriormente produzido (BRITTO, 2009, p. 134). (*Acréscimo nosso*).

O Brasil adentrou neste novo universo comunicacional, com sua virtualidade e conexões em rede, em 1995, (CARRANZA, 2011, p. 226) e as dificuldades iniciais (telefonia com redes analógicas, discadas, sem cobertura em todo o território nacional), rapidamente, através de investimentos público–privado, foram superadas, permitindo que grande parte da população tivesse acesso à rede, através de uma ligação digital, com maior velocidade no tráfego dos dados, quer seja através de um computador pessoal, de um dispositivo móvel (*smartphones*<sup>41</sup>, *tablets*, etc), ou de uma *lan house*<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> Será utilizado indistintamente o termo smartphones ou celular, para designar os aparelhos eletrônicos de comunicação de voz, dados, e que congregam outras funções como câmaras fotográficas digitais, arquivos de imagens, etc.

<sup>42</sup> Estabelecimento comercial onde os usuários pagam para utilizar um PC com acesso à Internet e a uma rede privada, para fins de jogos.

## 4.2 A rede

A partir do Século XXI, com a presença da *internet*, a comunicação começa a ser alterada, não se restringindo ao face a face (um emissor para um receptor que se utilizava da oralidade ou da escrita para a divulgação da mensagem, ficando restrita a pequenos grupos como a família, a escola, o trabalho, etc.), ou a forma maciça (um emissor e vários receptores), mas procurando satisfazer os desejos dos indivíduos no que tange ao relacionamento e conhecimento.

Assim os seres humanos ampliam suas redes, constroem conhecimentos individuais e coletivos, trocam opiniões, se articulam em movimentos, tornaram-se coautores no espaço real e no novo ambiente criado pela *internet* (APARICI, 2012, p.33).

No princípio, a *internet* consistia essencialmente em uma rede de páginas e conteúdos, não de pessoas: estas podiam se contatar entre si e se juntar em um grupo de notícias (*newsgroup*) ou em uma lista de endereços de e-mails<sup>43</sup> (*mailing list*) mas as relações humanas eram invisíveis (SPADARO, 2012, p. 60).

Na atualidade os computadores, *tablets*, telefones celulares, câmaras fotográficas, vídeo câmaras e gravadores digitais de som, apropriando-se das novas tecnologias, transformam-se em um terminal, um componente da rede universal, um nó da rede, podendo ser conectados, possibilitando a comunicação entre si, participando, em parte, de nossa realidade (PUNTEL, 2015, p. 110), na medida em que rompem as barreiras de tempo e espaço, sem esquecer, que por trás de cada equipamento está uma pessoa real, com seus desejos e anseios.

Seria a aproximação do “*homo tecnologicus*”, onde ocorre a perfeita união entre o ser humano e a tecnologia, o homem em contato com o computador (instrumento) e através dele, com seus dedos e voz, acionando o equipamento e as redes de comunicação, formando “um novo ser” que rompe os limites, possibilitando que seu pensamento seja acessado por todos os que estiverem no ambiente da web a qualquer tempo em qualquer lugar, podendo ser um articulador de novos conceitos, novas ideias.

Qualquer pessoa conectada na rede pode expressar-se livremente sobre qualquer assunto, para um número ilimitado de pessoas, distribuídas no mundo, sem

---

<sup>43</sup> e-mail ou correio eletrônico é um serviço disponível na internet que possibilita o envio e o recebimento de mensagens (“mails”). para usar esse correio é necessário ter um endereço de e-mail, algo parecido com: [seunome@nomedoseuprovedor.com.br](mailto:seunome@nomedoseuprovedor.com.br). Disponível em [www.ufpa.br/dicas/net1/mailltipo.htm](http://www.ufpa.br/dicas/net1/mailltipo.htm)



que haja qualquer crítica prévia. “Na rede a pessoa transforma-se, essencialmente, em uma mensagem”. (SPADARO, 2012, p. 59).

Agora também se fala em Web 2.0, termo cunhado em 2004, a partir da *Web 2.0 Conference*, em San Francisco, (O’Reilly Media Inc e a MediaLive International se associaram para promover esta conferência que tratou do tema da *web* como plataforma para inovação), que é um termo utilizado para descrever a segunda geração da *web*, reforçando o conceito de troca, de distribuição de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais, além dos avanços dos recursos tecnológicos.

Na *web*, textos, imagens, músicas, filmes, programas de pesquisas, jogos, foram disponibilizados para o público, transformando o ambiente e a cultura. As pessoas “navegam” utilizando filtros pré-estabelecidos pelos programas na busca de um determinado termo, e com isto obtêm o resultado desejado, ou elas “passeiam” entre vários *sites* procurando satisfazer seus questionamentos (LÉVY, 2010, p. 87-88).

Também é na *web* que as pessoas se orientam e se familiarizam com um assunto, e, ainda que sob um pseudônimo, publicam conteúdo com suas opiniões, questionamentos, imagens, fotos, sons e, isto, no mundo digital, significa participação, compartilhamento.

Antonio Spadaro (2013, p.10) assim se refere sobre a *web*: “A rede é um ambiente que, não obstante todos os riscos de alienação permite experimentar novas formas de contato, de relações e de expressão pessoal”.

Mais do que um instrumento de comunicação, a *internet* adentrou em todos os campos da vida do ser humano, criando um novo contexto existencial, onde informações e bens simbólicos, não materiais, transitam de forma inédita na história da humanidade e definem uma nova cultura – a cibercultura.

Esta nova cultura determina um novo estilo de pensar, perceber e comunicar, cria novos espaços, estreita relações, cria e mantém “novos sujeitos sociais”, de tal forma que não seria incorreto dizer que a *internet* gerou uma nova etapa histórico-cultural, onde pensamentos, experiência de vida e agir cotidiano são reinterpretados, mexendo com as estruturas das pessoas.

A rede envolve o ser humano no seu dia a dia. Lá se encontra sua memória feita de palavras, imagens e sons, colocando-o em uma nova ambiência social, integrando o real e o virtual, deixando de ser um “mundo paralelo” e distinto, de tal

forma que quase não se consegue mais distinguir a realidade cotidiana da realidade virtual<sup>44</sup>. Enquanto a primeira pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível, a segunda existe apenas em potência e não em ato.

*A internet* entrou tanto no mundo contemporâneo, no cotidiano, invadindo as ações humanas, de tal forma que é quase impossível, viver sem a mesma, [...] onde atitudes, pensamentos práticos, técnicas – materiais e intelectuais, coexistem e se desenvolvem em um novo ambiente. (LÉVY, 2010, p.17).

Trata-se de um novo território, um novo campo do saber, que compreende a infraestrutura material da comunicação digital e também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (LÉVY, 2010, p.17), sendo identificada, por alguns, como um ciberespaço, termo criado pelo escritor William Gibson, em seu romance *Neuromante*, onde mostra que no futuro a informação é uma mercadoria de primeira necessidade.

O ciberespaço é um espaço de convivência, um ambiente cada vez mais conectado com a vida cotidiana, que transforma os meios que os seres humanos se comunicam, à medida que vão elencando e filtrando informações consideradas interessantes, enquanto navegam nos mais diversos *sites*, fatos que incidem sobre o ser humano, sua cultura, sua fé e seu modo de viver. “É o *lócus*, onde também as instituições religiosas oferecem informações e práticas a um usuário” (SILVEIRA, 2014, p. 146).

John Perry Barlow, em fevereiro de 1996, apropria-se do termo para referir-se ao ciberespaço como um lugar onde se estabelecem interrelações entre pessoas livres, onde todos podem participar, expressando suas opiniões e crenças, suas subjetividades e desejos, sem receio ou coação. Não há privilégios e não deveria haver preconceitos, cada um cria suas próprias normas para relacionar-se com o demais internautas que também possuem suas regras próprias. São programas de mensagens instantâneas, listas, *e-mails*, salas de bate-papo, jogos e inúmeras alternativas para encontrar o outro.

---

<sup>44</sup> Realidade virtual especifica uma simulação interativa na qual o explorador tem a sensação física de estar imerso em uma situação definida por um banco de dados, acessado por um computador ou correlato.

Barlow cunhou uma curiosa “Declaração da Independência do Ciberespaço”, da qual alguns trechos são interessantes reproduzir, pois fornecem o mote que rege este novo ambiente:

Governos do Mundo Industrial, [...] venho do ciberespaço, o novo lar da mente. [...] Não exerçais nenhuma soberania sobre o lugar onde nos reunimos. [...] Declaro o espaço social global, que estamos construindo, independente por natureza das tiranias que estais procurando impor. Não tendes nenhum direito moral de nos governar, nem possuis métodos para nos fazer cumprir vossa lei que devemos temer verdadeiramente.

[...] Não vos convidamos. Não conheceis nosso mundo. O ciberespaço não se encontra dentro de vossas fronteiras. [...] É um ato natural que cresce de nossas ações coletivas. [...] O ciberespaço está formado por transações, relações e pensamentos em si mesmo, que se estende como uma quieta onda na teia de aranha de nossas comunicações. Nosso mundo está simultaneamente em todas as partes e em nenhuma parte, mas não está onde vivem os corpos.

Estamos criando um mundo em que todos podem entrar, sem privilégios ou preconceitos de raça, poder econômico, fora militar ou lugar de nascimento.

Estamos criando um mundo em que qualquer um, em qualquer lugar, pode expressar suas crenças, sem importar que sejam singulares, sem medo a ser coagido ao silêncio ou ao conformismo.

Vossos conceitos legais sobre propriedade, expressão, identidade, movimento e contexto não se aplicam a nós. Estão baseados na matéria. Aqui não há matéria.

[...] em nosso mundo, qualquer coisa que a mente humana possa criar pode ser reproduzido e distribuído infinitamente, sem nenhum custo.<sup>45</sup>

Antonio Spadaro (2012, p.30) vai mais longe ao afirmar que o ciberespaço ressalta a finitude humana, espelha o nosso desejo íntimo e primário de sermos divinos e ao procurar tal plenitude, significa operar em um campo “em que a espiritualidade e a tecnologia se cruzam”. Independentemente dos motivos alegados, o fato é que cada vez mais a humanidade ocupa este novo ambiente.

Na rede a comunicação pode ser sincrônica, onde ocorre o contato em tempo real, como nos casos das vídeo conferências e *chats*<sup>46</sup>, ou assíncronica, onde o contato não é imediato, tendo o emissor encaminhado a mensagem em um dado

<sup>45</sup> BARLOW, J.P. Declaração da Independência do Ciberespaço Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/ciber/textos/barlow.htm>. Acesso em: 16 ago. 2016.

<sup>46</sup> *Chat* em português significa conversação ou bate-papo. Trata-se de um neologismo que designa aplicações de conversação em tempo real. Esta definição inclui programas específicos, conversação em páginas *web* ou ainda mensageiros instantâneos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Chat>. Acesso em: 16 ago 2016.

momento e receber a resposta em outro, como é o caso do *e-mail*, *fórum* de discussões ou texto colaborativo.

A rede também mantém as pessoas conectadas ainda quando os equipamentos estão desligados e os dispositivos móveis (*tablets* e *smartfones*), associados a tecnologia de *wi-fi*,<sup>47</sup> faz com que este *status* seja cada vez mais contínuo. Há de se destacar que um grande avanço nas comunicações brasileiras, e conseqüentemente de acesso à *internet*, ocorreu a partir da popularização dos *smartfones*: “7,3 a cada 10 brasileiros não saem de casa sem o dispositivo” (Revista Veja (2015, n. 36), e Ian Leslie, em um artigo falando sobre os apps, diz: “o cidadão médio, abre consciente, ou inconscientemente a tela do celular 150 vezes por dia”)<sup>48</sup>.

A participação no ciberespaço está ligada às seguintes características (APARICI, 2012, p.6):

- As pessoas querem deixar sua marca no mundo;
- As pessoas querem ser sociais e (portanto) desejam conectar-se;
- A criatividade se caracteriza através de ferramentas que nos permitam fazer muitas coisas de maneira individual e coletiva;
- As coisas adquirem mais valor se pudermos compartilhá-las com outras pessoas;
- A colaboração com outras pessoas contribui para a felicidade e para o bem estar.

Sara O. Acedo (2012, p. 147), coeditora do Programa Modular em Tecnologias Digitais e Sociedades do Conhecimento, na Espanha, define como características mais importantes da *internet*, os seguintes pontos:

“A não linearidade; o imediatismo do aqui e agora”; a tendência à heterogeneidade, a fragmentação e à exaltação das diferenças; a conformação de uma estrutura social em redes e comunidades virtuais; a atomização da informação; e a possibilidade de interatividade.

Também o Magistério da Igreja (EI, n. 7) assim se manifesta sobre este assunto:

---

<sup>47</sup> Wi-Fi é uma abreviação de “*Wireless Fidelity*”, que significa fidelidade sem fio, em português. **Wi-fi**, ou *wireless* é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos etc. de forma gratuita. disponível em Disponível em: <https://www.significados.com.br/wi-fi/>. Acesso em: 30/12/2016.

<sup>48</sup> LESLIAN, Ian. A ciência por trás dos apps viciantes. Trad. VELOSO, Beatriz. In época negócios, n.116.

[...] ela é igualitária, isto é, qualquer pessoa que dispuser de equipamento e de uma básica capacidade técnica “pode construir uma presença ativa no espaço cibernético, transmitir a sua mensagem para o mundo e reivindicar o seu auditório” [...] permite às pessoas o luxo de permanecerem no anonimato, de desempenhar uma determinada função, de devanear e também de formar uma comunidade com outras pessoas e de nela participar.

É certo que as tecnologias digitais estão gerando mudanças em todos os setores da nossa sociedade, porém, ainda que as ferramentas digitais ampliem a capacidade cognoscitiva do ser humano, a maneira como o recurso é utilizado e que filtros são necessários para se encontrar o que se busca, dependem do internauta, cujo bom senso, intuição e moral não será substituído pela tecnologia.

Nos dias atuais a rede, com suas particularidades técnicas, com seu tamanho colossal<sup>49</sup>, uso cada dia mais frequente, com seus bancos de dados gigantescos sendo alimentados por todos os usuários, cresce a cada segundo de forma exponencial, em uma aceleração intensa, tornando o espaço mundial muito pequeno e o tempo instantâneo. Isso exige constantes atualizações das pessoas para não serem ultrapassadas pela rapidez das mudanças.

O que na década de 1990 e início de século XXI era predominado pelos jovens, atualmente pode-se afirmar que os adultos também utilizam deste meio e se relacionam em uma variedade de formas (APARICI, 2012, p. 15).

É preciso entender, porém, que as novas tecnologias não são um fim em si mesmas, mas são um meio que pode facilitar os processo cognitivos e desenvolver capacidades relacionais novas com uma finalidade que não está estreitamente e nem unicamente ligada ao mundo digital.

Com o ciberespaço a presença física outrora tão importante nos relacionamentos sociais, vai diminuindo seu valor na medida em que através da conexão à rede, simula-se a presença da pessoa.

Um dos aspectos que vai sendo relativizado é o da presença. Através do ciberespaço, a ideia de presença, que antes era vista como indispensável para credibilidade de variados processos sociais, permanece, mas com força menor. Através da conexão, a simulação

---

<sup>49</sup> Mais de 50% dos lares brasileiros segundo o Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), publicado em <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/09/1-em-cada-3-brasileiro-34-possui-smartphones-que-possibilitam-o-acesso-a-internet-e-nos-eua-este-numero-corresponde-a-64-da-populacao.-2442,09-set-2015>.

da presença vai fazendo com que as pessoas possam efetivamente se relacionar em situações não presenciais (BRITTO, 2009, p. 173).

A Web 2.0 possibilita a criação de uma rede social<sup>50</sup>, um ambiente comunitário, que propicia a comunicação interativa, a participação ativa recíproca, compartilhada, comunitária e intercomunitária do usuário conhecido como internauta, que decodifica, interpreta, participa, informa-se, constrói conhecimento e relações, reconhece o outro, coopera mutuamente, em uma comunicação dialógica não presencial, troca conhecimento, negocia pontos de vistas diferentes, mobiliza seu entendimento e sistema nervoso de muitas formas, ou seja, ela permite a comunicação efetiva superando barreiras de tempo e espaço.

A rede possibilita o reconhecimento do outro, a cooperação mutua, a associação, a troca de conhecimento, a negociação de pontos de vistas diferentes (LEVY, 2010, p.14).

### 4.3 Rede social

A expressão rede social é utilizada desde a metade do século XX, para designar as normas, estruturas e dinâmicas de interação social desenvolvidas na Web 2.0, que oscilam no crescimento em função do número de usuários e das interações que estes realizam.

Elas se constituem em uma oportunidade para todas as pessoas que a acessarem, de colaborar em umas com as outras, aprendendo conjuntamente e de forma interativa em um ambiente seguro. Podem dar origem às comunidades virtuais que podem inaugurar, prolongar ou alterar relacionamentos *off-line* (fora da rede eletrônica, e supostamente, mais concretos e reais),

A interação, pois, tem sempre um caráter social perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo. No entanto, quando trabalhamos com o ciberespaço, a interação social dá-se de maneira muito particular. Trata-se de uma interação mediada pelo computador. (RECUERO, 2009, p.76).

No ciberespaço, utiliza-se rede social para referir-se a plataformas *on-line*. Não se trata de uma nova tecnologia, mas apenas a uma mudança da forma de

---

<sup>50</sup> A expressão redes sociais é utilizada no campo das humanidades, desde a metade do século XX, para referir-se as normas, estruturas e dinâmicas de interação social. No entanto, atualmente, a expressão redes sociais costuma ser utilizada para se referir às plataformas *online*, como *Face book*, *MySpace*, *Tuenti*, etc. (APARICI, 2012, p. 17), expressão que estaremos adotando neste texto.

promover os conteúdos. É uma nova maneira de socializar-se, uma nova construção social, com relações horizontais, bidirecionais, que permite interações. “Elas não são um conjunto de indivíduos, mas de relações entre indivíduos”. (SPADARO, 2012, p. 60).

A rede social forma vínculos de diferentes naturezas, reforça paradigmas, propõe novas alternativas a diferentes questões, cria um novo estilo de sociabilidade. Pode-se utilizar a rede social para criar músicas, vídeos, notícias que não serão divulgadas pela grande imprensa, publicações científicas e até para um relacionamento mais íntimo e mais estreito com as pessoas, compartilhando com as mesmas até os conceitos fundamentais da fé.

É possível criar comunidades para esclarecimentos, para partilha, para crescimento, possibilitando o campo fértil da evangelização. Ela não é um mundo puramente virtual ou paralelo, mas é parte integrante da realidade cotidiana de muitas pessoas.

As pessoas exibem-se e se dão a conhecer, tornando pública parte de suas vidas privadas, seja através de pensamento, fotos, vídeos, comentários sobre lugares onde estão ou estiveram, enfim pode comunicar assuntos e conteúdos de diversas naturezas.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isto independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LEVY, 2010, p.130).

As redes sociais podem ser emergentes ou abertas, existentes a partir das interações entre os atores sociais que desejam fazer amigos, dividir suporte social, confiança e reciprocidade ou de filiação, associativas ou fechadas, onde o usuário começa preenchendo um perfil de uma comunidade virtual<sup>51</sup>, que pode ser público ou semi-público onde além dos seus dados pessoais, há outras características a serem preenchidas, tais como: gostos, áreas de interesses, *hobbies*, escolas que frequentou. Ambas podem coexistir no mesmo site.

---

<sup>51</sup> Grupo de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados. Ele conhece as pessoas e é reconhecido pelas mesmas virtualmente e seu comportamento afeta a rede como um todo.

Ao contrário das redes constituídas nos espaços *off-line*, que necessitam dos laços relacionais e sociais, investimento de tempo e sentimentos para serem mantidas,<sup>52</sup> as conexões na rede social *on-line* não geram desgastes pela falta de interação ou até pelo desaparecimento dos laços associativo, elas dependem unicamente da associação, que são mantidas até que sejam retiradas por um dos usuários; está “próximo”, quem está “conectado” comigo, permitindo desta maneira que seja mais ampla e mais interconectada que a *off-line*.

Ainda que o indivíduo esteja participando virtualmente, cabe lembrar que a cada dia que passa as pessoas, principalmente entre os mais jovens – os chamados “nativos digitais”<sup>53</sup> –, há uma tendência em não se enxergar a rede como sendo uma realidade paralela à via diária, mas sim de reconhecê-la como um espaço antropológico interconectado na fonte com outros espaços de nossa vida.

A rede está destinada cada vez mais a não ser um mundo paralelo e distinto com relação à realidade de todo dia, dos contatos diretos: as duas dimensões, *on-line* e *off-line*, são chamadas a se harmonizar e se integrar o mais possível em uma vida de relações plenas e sinceras (SPADARO, 2012, p. 69-70).

Há quem tenha objeções contra a rede social, alertando sobre o grave risco de que os computadores e equipamentos móveis possam isolar as pessoas e dar apenas uma aparência de relação, pois esta existe somente durante a interação, que não é feita em encontros reais, já que a relação humana requer tempo e conhecimento direto,

Zygmunt Bauman (2016), um dos sociólogos mais influentes da últimas décadas, assim se manifesta sobre o uso da tecnologia:

Usamos os avanços tecnológicos que, teoricamente, deveriam nos ajudar a estender nossas fronteiras, no sentido contrário. São utilizados por nós para nos tornar herméticos, para nos fecharmos no que chamo “*echo chambers*”, um espaço onde a única coisa que se escuta são os ecos de nossas vozes, para nos fechar em um “*hall dos espelhos*” onde só se reflete nossa própria imagem e nada mais.<sup>54</sup>

<sup>52</sup> Recuero apud DUNBAR, R, I.M, In: *Journal of human evolution*, 22 de junho 1992, menciona que ele correlacionou a capacidade de humanos de manter conexões com outros com a capacidade cerebral de reconhece-las e chegou a um número máximo de 150 passíveis conexões em um mesmo grupo.

<sup>53</sup> Os nascidos no período em que a rede já estava desenvolvida.

<sup>54</sup> BAUMAN, Z. **Vivemos em dois mundos paralelos e diferentes:** onl ine e off line. Entrevista publicada pelo jornal Clarin de 06/07/2016. Disponível em: Revista IHU online. Acesso em: 03 s2016.



Entretanto, apesar da respeitada opinião de Baumam, Antonio Spadaro (2012, p.8), alerta que: “o que parecia ter sido perdido, isto é, o interesse pelo encontro “real”, ou seja, físico, com as pessoas, com os amigos, hoje, ao contrário, começa a ser recuperado de outras formas e através de outros caminhos” tendo a *internet* como mediadora destes encontros, por exemplo, quando se utiliza a função *check in* no celular, está se comunicando a todos aqueles com quem se mantem contato, onde o emissor pode ser encontrado, permitindo-se sair do ‘anonimato’ e colocar-se disponível para um encontro físico.

Também a rede pode ser utilizada para manter idosos, doentes e pessoas com dificuldades de locomoção em relacionamento com os seus, facilitando a sociabilidade e sendo auxiliar para evitar a solidão e depressão.

Estudos realizados pelo departamento de psicologia da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos, [...] ao avaliarem o comportamento de 591 idosos, os pesquisadores concluíram que 72% se dispunham a aprender a usar novas tecnologias depois de se aposentar, Mais: 95% se disseram satisfeitos com as vantagens oferecidas pelas inovações. O uso frequente de smartphones, videogames e da *internet* também reduz, em até 20% os índices de solidão, depressão e sintomas relacionados a males crônicos, como o diabetes (Veja, 2016, p.100).

Dentre as principais redes sociais eleitas, como recorte, em função do uso na *internet* pelos brasileiros na atualidade, destacam-se: *Facebook*, *Youtube*, *Blog*, *Videogame*, *Whatsapp*, *Instagram* e *Twiter*.

#### 4.3.1 Facebook

Em fevereiro de 2004, Mark Zuckerberg, estudante de psicologia na Universidade de Harvard, juntamente com 3 outros amigos criou um projeto de colocar *on line* os perfis dos inscritos na universidade. A ideia era conectar os estudantes, difundindo a socialização acadêmica (SPADARO, 2013, p.94). Rapidamente, como se diz na atualidade, de forma viral, a plataforma cresceu, abrangendo grande parte dos alunos graduados em Harvard e depois se estendeu para novas universidades.

Em 2006, com aportes empresariais a plataforma se estendeu e atualmente pessoas em todo o mundo acessam esta rede social, sendo que no último trimestre

de 2015, de acordo com os dados do site G1, o *Facebook*, alcançou a expressiva média mensal de 1,65 bilhão de usuários ativos.

As estatísticas são interessantes: parece que por mês são carregadas no *Facebook* cerca de 700 milhões de imagens (atualmente são mais de 10 bilhões), 4 milhões de vídeos e 15 milhões entre notas, *link* e *posts* variados (SPADARO, 2013, p. 97).

O ponto forte do *Facebook* é a capacidade de conectar pessoas. Pode-se encontrar os amigos *off-line* que também estejam inscritos na plataforma, procurar pessoas que se conhece, mas que se perdeu o contato solicitar ser amigo do amigo, se estes confirmarem o pedido é possível acessar o seu perfil e ver quem são seus outros amigos e percorrendo a lista, é possível que se encontre outros amigos, criando-se assim uma ressonância espontânea. etc.

Aceitar um amigo é permitir que o mesmo tenha acesso a sua lista de amigos e também ao compartilhamento do que for publicado como sendo de domínio público.

O mural é o centro do *site* e a centelha que inicia o processo de comunicação, pois ao responder uma pergunta: “No que você está pensando?” que pode ser preenchido com um texto, uma foto, um vídeo. O usuário ativa a conversa, onde os amigos, podem curtir (significa que viram e gostaram), ou podem deixar um comentário a respeito que pode ser escrito, ou pode ser simplificado com um *emoticons*<sup>55</sup>. Cada comentário feito é capturado ficando a disposição do emissor e seu grupo, para constatar o eco da publicação.

Também neste campo a plataforma lista os amigos que estão aniversariando e convida o internauta para que ele escreva uma mensagem na página (linha do tempo) do aniversariante. Estas ações fomentam as interações e comunicações entre os internautas.

---

<sup>55</sup> Forma de comunicação paralinguística, um *emoticon*, palavra derivada da junção dos termos em inglês: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone), é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :), :( ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>. Acesso em: 29 out.2016.

Pode-se encaminhar uma mensagem para todos os membros e até construir um evento para o qual convidar amigos e inscritos. É possível também marcar um encontro “real” ou físico.

Pode-se também publicar especificamente para uma pessoa ou grupo de pessoas e pode-se ainda falar exclusivamente com um “amigo” em um espaço privado, podendo deixar uma mensagem, ou ainda “falando” imediatamente com o mesmo, em uma entrega de mensagens simultânea sincrônica. Pode-se replicar o que um amigo publicou de tal maneira que os seus outros amigos tenham acesso ao conteúdo de uma mensagem. O que é publicado no mural e no perfil vai construindo a imagem do usuário (SPADARO, 2013, p.93-99).

O brasileiro é um grande frequentador desta plataforma, como demonstram os dados obtidos junto ao próprio *Facebook*:

No último trimestre de 2014, mostra que a presença de brasileiros no *Facebook* não para de crescer. Hoje, 92 milhões de pessoas acessam a plataforma todos os meses — o que corresponde a 45% de toda a população brasileira, segundo o IBGE.<sup>56</sup>

Esta facilidade de interação entre os usuários e a rápida disponibilização de arquivos e mídias, podem ser um grande aliado ao trabalho de evangelização, promovendo estudos, debates, orações e discussões em uma produção colaborativa de vivência, experiências e saberes, levando o internauta ao amadurecimento da sua fé.

Não é raro encontrarmos sacerdotes, religiosos e leigos comprometidos, mantendo contato com seus amigos e também com pessoas que fazem parte de sua paróquia e, também páginas em nome de igrejas, paróquias, e dioceses, onde os eventos promovidos por estas são divulgados em uma espécie de jornal, reforçando a ideia que a tecnologia é um auxílio potente para os relacionamentos pessoais.

Falando sobre esta rede social Spadaro (2012) em recente entrevista afirmou:

Além de qualquer consideração – conclui – deve-se avaliar que, no *Facebook*, há mais de 500 milhões de pessoas, e assim a Igreja, sobretudo, não pode não estar lá. É um fato que apela à nossa moralidade.

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/business/news/BR45dapopulacaobrasileiraacessaoFacebookpelomenosumavezaomes>. Acesso em: 12 dez 2016.

Há quem critique esta rede social, pois quem a controla é uma empresa privada, que guarda os dados pessoais dos seus usuários. Não faltam pessoas para criticar a posse e uso destas informações, que podem influir na privacidade dos usuários e fornecer dados de uso restrito à um grupo, para uma outra organização, para um outro fim.

#### 4.3.2 Youtube

Criado em 2005, esta plataforma de vídeo, em uma tradução livre *Youtube* pode significar você transmite (*you* = você em inglês e *tube* como gíria para televisão) é a eclosão dos usuários como produtores de mensagens que participam e tornam visíveis seus próprios interesses, nele se manifesta o cruzamento entre os assuntos privados e públicos.

No *Youtube* pode-se hospedar filmes, videoclipes, documentários, palestras, que podem ser acessados por serem os mais populares na rede, por assunto, etc. bastando para isto estar conectado à *internet* e se utilizar do filtro.

A utilização dos *smartphones* para tirar fotografias, realizar filmes e depois a oportunidade de compartilhá-los na rede, fazem parte dos novos recursos disponíveis aos usuários comuns, que ainda levam armazenados em seus dispositivos móveis que permitem a reprodução a qualquer momento.

Pode ser utilizado como auxiliar na evangelização, para a transmissão de um ensinamento a distância, de um filme, de uma homilia ou missa, de uma atividade papal ou do bispo, pode, ainda, incentivar a participação em um evento determinado na paróquia, etc.

Também o filme pode ser utilizado em uma reunião em grupo, gerando reflexão e discussão sobre o assunto apresentado.

#### 4.3.3 Blog

Embora não seja considerado, estritamente, uma rede social, desde a sua criação em 1997, ele tem demonstrado ser uma excelente ferramenta de comunicação, já que não necessita habilidade especial, próprias da rede, para seu desenvolvimento e nem de recursos financeiros.

Trata-se de arquivos assentados na forma escrita, abertos, apresentados em forma cronológica, onde os mais recentes aparecem em primeiro lugar e, pode ou

não ter imagens, (de pequenas dimensões), que se designam *posts*, onde é possível colocar *online*, de uma maneira muito simples, utilizando os módulos (*forms*) prontos fornecidos pelas plataformas gratuitamente, permitindo que o usuário concentre-se no conteúdo. Também é possível incluir-se *links* para outros *sites* de interesse, para aprofundar ou ampliar o entendimento do assunto (SPADARO, 2013, p. 3031).

Basicamente é um diário aberto, do blogueiro ou *blogger*, dedicado as reflexões pessoais de quem os coloca online e que deseja ter seguidores (pessoas que são comunicadas sobre alterações ocorridas no blog). A *internet*, como um espaço público, enche-se de temas privados em virtude do desnudamento emocional que praticam os autores dos blogs (DELARBRE, 2012, p.189).

Há de se destacar que o blog é uma forma de comunicação a partir da base, sem filtros de caráter econômicos ou espacial, ou censura. Sua credibilidade está ligada à credibilidade do *blogger* e ele torna possível a formação de opinião, como alternativa da mídia oficial. “É o meio do caminho entre o jornal ou a revista e a comunicação boca a boca, segundo Antonio Spadaro. (2013, p. 33)”.

Por se caracterizar um recurso barato e de fácil manuseio, o blog, pode ser utilizado, principalmente pelas comunidades mais carentes, ou aquelas que não dispõem de uma pastoral de comunicação montada e poderia ser útil para notificar eventos, reproduzir documentos da paróquia, diocese e do Vaticano, como também para convocar o internauta na participação da Igreja.

#### 4.3.4 Videogame

Trata-se de um jogo onde o internauta interage com as imagens enviadas a um dispositivo que as exhibe. É preciso tomar decisões, organizar estratégias, desenvolver personagens e ficar atento aos cenários, os protagonistas virtuais, no qual o internauta acaba imerso e assume uma, ou mais, das identidades, que deve solucionar múltiplas dificuldades que vão aumentando de nível cada vez que o usuário passa uma determinada fase. Os estímulos estão baseados em “resposta correta/resposta errada”, como determinante para passar por determinados obstáculos.

Os usuários costumam formar comunidades dos praticantes de determinado jogo, ou ainda de determinado personagem. Trata-se de uma atividade muito atrativa, principalmente para a juventude.

A Igreja poderia se apropriar deste meio para desenvolver formas de evangelização que atraísse o internauta, levando-o a conhecer, por exemplo, mais detalhes sobre os textos bíblicos ou ainda motivando-o para tomar atitudes cristãs em meio a um problema específico, etc.

#### 4.3.5 *WhatsApp*

Lançado oficialmente em 2009, sendo adquirido em 2014 pelo *Facebook*, o *WhatsApp* é um aplicativo para celulares multiplataforma, onde um *software* é utilizado para troca de mensagens de textos, (normalmente breves, pois o receptor não se concentra em textos longos), fotos, *emoticons*, vídeos, audios e até uma comunicação do tipo emissor-receptor-emissor, instantaneamente como as linhas telefônicas, através de uma conexão de *internet*.

De acordo com os seus criadores, a inovação do sistema foi a utilização dos contatos telefônicos no *software*. Isto, na prática, significa que não é necessário “adicionar amigos” para utilizar a plataforma e criar sua rede de contato. O sistema procura nos números dos celulares salvos no aparelho e automaticamente identifica quem está cadastrado no *Whatsapp*, adicionando para a lista de contatos do novo utilizador. Quando se deseja que uma pessoa seja incorporada ao grupo, basta adicionar o seu numero de contato na lista de telefones e tendo o aparelho desta pessoa capacidade para utilizar o *Whatsapp*, imediatamente ela estará adicionada.

O sistema possibilita a transmissão de uma mensagem para apenas um usuário ou para um grupo de usuários previamente cadastrados. Também é possível salvar as fotos e mensagens recebidas, apagá-las imediatamente após a leitura ou encaminhá-las para outros “amigos” cadastrados ampliando o número de pessoas que a recebem.

É senso comum referir-se a uma mensagem que foi duplicada inúmeras vezes, como sendo “viral”, em uma alusão a um vírus que na medicina se multiplica e contagia inúmeras pessoas.

Também é possível criar grupos específicos de contatos, por proximidade, por tipo de relacionamento (família, amigos de escola, do trabalho, grupo de oração, paroquianos, conselhos pastorais e administrativos, etc.) e a mensagem que for postada, será compartilhada para todo o grupo.

Inúmeras utilidades de comunicação e evangelização estão sendo realizadas através do aplicativo, tais como encaminhamento de passagens do Evangelho (o

Evangelho do dia, conforme calendário utilizado pelas igrejas), reflexões sobre textos bíblicos, sobre documentos da Igreja, sobre as grandes festas da Igreja, campanhas como, por exemplo, Campanha da Fraternidade, convocação para reuniões, e cursos, etc.

#### 4.3.6 *Instagram*

Basicamente se trata de um aplicativo gratuito que pode ser baixado e, a partir dele, é possível tirar fotos com o celular, aplicar efeitos nas imagens, adicionar um comentário e incluir o acesso a um ou mais seguidores de forma que eles serão avisados que a mensagem foi compartilhada e compartilhar com seus amigos.

Há também a possibilidade de postar essas imagens em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*. No *Instagram*, os usuários podem curtir e comentar nas suas fotos.

Há ainda o uso de *hashtags* (#) para que seja possível encontrar imagens relacionadas a um mesmo tema, mesmo que as pessoas que tiraram essas fotos não sejam suas amigas.

O grande atrativo do *Instagram* são os efeitos que podem ser aplicados à imagem. Além disso, em sua recente atualização, o aplicativo permite gravar vídeos curtos, tornando sua experiência ainda mais interessante.

#### 4.3.7 *Twitter*

É uma forma de socialização que permite que se envie, gratuitamente, através da rede, por meio de um computador ou *smartphone* uma mensagem, chamada de *tweet* (uma informação, um conceito, uma sugestão, um apelo, etc.), contendo até 140 caracteres e que chega de imediato aos seguidores.

A provocação para um *tweet*, nasce da pergunta: O que está acontecendo? E ao mencionar o que ocorre em sua volta, o internauta torna-se um rápido comunicador e divulgador de notícias.

A participação se resume em tomar conhecimento sobre as ações do emissor, entretanto, há dificuldades no diálogo, devido, principalmente, ao reduzido número de caracteres na mensagem e ao número de seguidores, quanto maior, mais difícil o diálogo. Também o número de seguidores gera uma ilusão de proximidade e intimidade com o emissor.

Antonio Spadaro (2013, p. 138-140), comentando sobre esta ferramenta diz que não devemos negligenciar a presença cristã no mundo dos *twitters*, pois ela poder proporcionar oportunidades notáveis no âmbito das informações e relações podendo ser utilizada para aprofundar relacionamentos criados fora da *internet*, como também pode ser um sistema de rápida informação para grupos ou também para ordens e congregações religiosas, como já é o caso de algumas províncias da Companhia de Jesus, por exemplo. Segundo ele, um uso peculiar é o envio de preces curtas que são compartilhadas com os seguidores e que em um certo sentido constituem um novo modo de ladainha, capaz de envolver muitas pessoas ao mesmo tempo.

#### 4.4 A exclusão social

Apesar dos possíveis avanços que a *internet* pode gerar na comunicação do mundo atual, faz-se necessário lembrar que ela ainda é um mundo digital invisível à humanidade, privilegiando as classes mais abastadas. Os menos favorecidos financeiramente são prejudicados, já que não possuem recursos para acessar as novas tecnologias.

Muitos países, incluindo o Brasil, não possuem acesso a eletricidade, a linhas telefônicas, a um computador ou *smartphone* e, menos ainda, a *web*<sup>57</sup> muito embora a conexão à *internet* tenha mais que triplicado entre 2005 a 2015, saltando de 1 bilhão para 3,2 bilhões de usuários (BADILLA, Luis, in *Il Sismógrafo*, 28/02/2016, trad, MINCATO, Ramiro para *IHU on line*, notícias: 01/03/2016) .

As *lan houses*,<sup>58</sup> são uma tentativa de diminuição dessa distância entre o rico e o pobre, entretanto, os custos de seus serviços ainda são proibitivos para as classes menos favorecidas, acrescente-se a isto que os mesmos não possuem a devida formação para a utilização de tais recursos.

Como o momento atual é conhecido como a era da informação, possuir a informação é possuir poder. Aqueles que são hoje considerados excluídos da sociedade, tendem a ser ainda mais excluídos no futuro, a medida em que a rede digital avance e eles sejam privados de acesso.

---

<sup>57</sup> Número de usuários da rede era na ordem de 4,2 bilhões ou seja 60% da população mundial é desprovida de conexão privada na rede, de acordo com o Banco Mundial, em janeiro de 2016),

<sup>58</sup> *Lan house* é um estabelecimento comercial onde os usuários podem pagar para utilizar um computador pessoal com acesso à Internet e a uma rede local, com o principal fim de acesso à informação rápida pela *internet* e entretenimento através dos jogos em rede ou *online*.



Preocupada com o crescimento exponencial da *internet* e com não inclusão dos pobres neste importante veículo de comunicação e educação, o Conselho Episcopal Latino-Americano - CELAM reunido em Aparecida em 1977 solicitou que a Igreja seja facilitadora para que a rede se torne acessível aos mais necessitados, procurando diminuir as distâncias hoje existentes.

Visto que a exclusão digital é evidente, as paróquias, comunidades, centros culturais e instituições educacionais católicas poderiam ser estimuladoras da criação de pontos de rede e de salas digitais para promover a inclusão, desenvolvendo novas iniciativas e aproveitando, com um olhar positivo, aquelas que já existem (DA, n. 490).

Lamentavelmente, porém, acredita-se que o assunto precisa ser melhor trabalhado, visto que nem as dioceses nem as paróquias estão preparadas para assumir tal encargo.

#### **4.5 A Igreja e a *internet***

##### **4.5.1 O novo areópago<sup>59</sup>**

No mundo contemporâneo, em função das aceleradas mudanças, provocadas pela tecnologia, onde as pessoas criaram um novo jeito de se comunicarem que passa pela interatividade, faz-se necessário encontrar novas maneiras de falar e tocar o ser humano, tirá-lo do seu individualismo, do isolamento, da passividade em relação a Deus, – principalmente a juventude que convive diariamente com a *internet* em vários instrumentos –, como parte de uma nova evangelização, tão querida e anunciada pela Igreja, conforme desejo explicitado pelos bispos na Conferência de Aparecida:

A pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros. Sua vida acontece em contextos socioculturais bem concretos. Essas transformações sociais e culturais representam naturalmente novos desafios para a Igreja em sua missão de construir o Reino de Deus (DA, n. 367).

A *internet* e suas redes sociais, este novo ambiente, com mudanças dinâmicas e aceleradas, com novos recursos e exigências, favorece a comunicação dialógica, não presencial, superando as barreiras do tempo e espaço – hoje é

---

<sup>59</sup> Centro de cultura ateniense, onde Paulo pregou (At 17, 22-31).

possível ao internauta comunicar-se com outros sujeitos ao redor do mundo, a qualquer hora e em qualquer lugar, o que pode alterar sua mentalidade e influenciar sua busca de sentidos. Não é mais, exclusivamente, no templo físico, diante do altar que o fiel internauta professa sua fé, mas ele participa, influencia e é influenciado através tecnologia.

Este novo ambiente se configura como campo de missão e espaço de evangelização onde os pastores são chamados a utilizar a sua criatividade para poder encontrar novas formas de divulgação e compartilhamento do Evangelho e da vida da Igreja.

Enquanto a homilia nas celebrações sobrevive a custo, mensagens, preces, correntes, Evangelho do dia, orações, vídeos, entre outros, lotam as caixas de mensagens, as redes sociais, o *whatsapp*, os vídeos do *youtube*, os clips de músicas, aumenta-se o uso de aplicativos de orações, bíblias on line, sacramentos, etc. suspeita-se que um novo culto está acontecendo fora da liturgia, principalmente nas mentes dos jovens.

Os mitos, os ritos e símbolos, estão sendo resignificados pelo fiel internauta na medida em que faz uso da rede com suas lógicas midiáticas digitais. Possivelmente, está nascendo uma nova maneira de aprender e pensar (MIKLOS, 2012, p.11). Não é raro encontrarmos pessoas que dizem assistir a missa pela *internet* ou por outra mídia e se sentem participantes, realizados.

Ao manifestar-se sobre os desafios da *internet* o padre Antonio Spadaro (IHU on line, 25/04/2012), assim se manifestou: “Hoje, o maior desafio para a Igreja não é aprender a usar a *web* para evangelizar, mas sim viver e pensar bem – até mesmo a fé – no tempo da rede”.

É preciso um despertar da Igreja para participar, mais intensamente, deste novo território, para atuar nestes novos cenários, neste local de encontros e trocas, de mutações profundas, um campo fértil para a expansão da Igreja. Se os homens e mulheres não vão mais à igreja, é preciso que a Igreja vá ao seu encontro, provocando emoções e sensações que atraiam o internauta que não mais lê, escuta, mas vê o que é anunciado, que questiona, deseja participar, dar sua opinião, deseja respostas e interagir com as fontes, pois as tradicionais figuras de emissor/receptor na comunicação, foram alteradas para coprodutores, ou co-criadores.

O novo ambiente tecnológico, na qualidade de um novo local de encontro e de trocas, condiciona profundamente a identidade e a vivência pessoal e encerra o risco de assimilação do sujeito no contexto digital (RICCIERI, 2012, p. 72).

É no ciberespaço que grande parte das transformações estão ocorrendo com o ser humano, no seu modo de ser, pensar e se comunicar, em meio a cibercultura e que a fé precisa ser despertada através da evangelização, criando novas comunidades e afetando as estruturas as quais a Igreja se apoia.

Seguindo o caminho sem fronteira da Igreja em um mundo que implica novas linguagens, novos métodos, enfim, implica a observação e a práticas das mutações profundas trazidas pela cultura digital e que se apresentam como uma necessidade para a Igreja levar em conta na evangelização (PUNTEL, 2015, p. 96).

O ciberespaço está compreendido naquilo que o papa João Paulo II chamou de um novo areópago quando se referia aos meios de comunicação social (*Redemptoris Missio*, n. 37), e seu sucessor o Papa Francisco, sobre este novo território, assim se manifestou no 48º Dia Mundial das Comunicações em junho de 2014: “Particularmente a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos nós; e isto é uma coisa boa, um dom de Deus”.

Diz ainda o Papa Francisco:

Abrir as portas das igrejas significa também abri-las no ambiente digital, seja para que as pessoas entrem, independentemente da condição de vida em que se encontrem, seja para que o Evangelho possa cruzar o limiar do templo e sair ao encontro de todos.

A Igreja, sempre fiel a sua missão, inspira habitar completamente este novo ambiente com o olhar da fé, para introduzir nele o fascínio sempre vivo do Evangelho, como diz Puntel, (2015, p. 97): “Avançar empreendendo novos caminhos para a evangelização, traçando diretrizes renovadas que orientam suas pastorais eclesiais” para encontrar as pessoas sedentas de verdade, amor e libertação. Para tal ela não poderá ignorar as características da comunicação digital, da linguagem e estrutura utilizada na *internet*.

A Igreja observa e analisa as mudanças que vem ocorrendo na sociedade e à sua maneira, depois de acurada reflexão, com prudência e por vezes, até

lentamente, avança por estas novas sendas da sociedade contemporânea, procurando oferecer diretrizes que orientem as pastorais e o povo de Deus.

O Magistério da Igreja Católica está ciente das transformações culturais da era digital e da necessidade do diálogo da fé com a cultura midiática, entende que as redes sociais digitais podem ser mais um veículo auxiliar na evangelização, pois atingem um número substancial de pessoas criando novos vínculos, muito embora estes não signifiquem um clima real de pertença.

Não obstante a realidade virtual do espaço cibernético não possa substituir a comunidade interpessoal concreta, a realidade da encarnação dos sacramentos e a liturgia, ou a proclamação imediata e direta do Evangelho, contudo, pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos usuários. Ela também oferece à Igreja formas de comunicação com grupos específicos – adolescentes, jovens, idosos e pessoas cujas necessidades as obrigam a permanecer em casa, indivíduos que vivem em regiões remotas e membros de outros organismos religiosos – que, de outra forma, podem ser difíceis de alcançar( II, n.5).

A evangelização e a *internet*, fé e cultura midiática, não devem trilhar seus caminhos de forma paralela. É preciso haver o diálogo, observar os “sinais dos tempos” que apontam para mudanças, rápidas, profundas e abruptas, pois o ser humano, cada vez mais conectado, está com menos tempo e disposição para refletir sobre a sua própria vida.

Na realidade atual da Igreja, com reduzido número de ministros consagrados, é urgente a utilização da *internet* para alcançar o ser humano, onde quer que ele esteja, facilitando o contato pessoa a pessoa, levando a mensagem de salvação de Jesus Cristo<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Sousa, em sua tese de mestrado, analisando a Igreja do Pará, concluiu que; “a mesma utiliza intensamente as redes de relacionamento (*Youtube, Facebook, Twitter, blogs*), para evangelizar. Entretanto sua pesquisa com entrevistas e mais de 600 questionários demonstraram que a instituição não sabe utilizar adequadamente as mídias sociais na região, com uma divulgação ainda muito insuficiente, o que acarreta a ausência ou no pequeno número de acesso das pessoas (independente da idade ou da assiduidade com que ela vai à igreja, por exemplo), aos sítios e mídias sociais católicas. 86% dos entrevistados informaram que costumam acessar a *internet* e desses, 48,9%, aproximadamente, nunca acessam sítios religiosos”. Fato que acredita repetir-se nas demais localidades.

#### 4.5.2 Os documentos eclesiais

Jesus, cujas ações devem ser modelo para a Igreja, usava a experiência da vida para envolver os seus ouvintes evangelizando-os através das coisas cotidianas da agricultura, pesca, caprinocultura, etc.

No início o cristianismo, com suas comunidades de partilha, baseava-se na união e fraternidade dos membros da comunidade. Entretanto, com sua expansão, principalmente com Paulo, que inicia as primeiras comunidades entre os pagãos, surge a necessidade de organizar-se, gerando normas e modelos comportamentais que deveriam ser seguidos (PUNTEL, 2015, p. 16).

Lamentavelmente, entretanto, afastando-se do modelo deixado por Jesus, ao longo da história a Igreja viveu momentos difíceis no relacionamento entre a fé e a cultura, era um terreno visto como perigoso para a Igreja que assumiu diversas estratégias de comunicação, desconfiança e incursões cuidadosas, (SILVEIRA, 2014, p.62), cerceamento a liberdade de pensamento e do direito de expressão nos livros, nas artes (cênicas, pintura e escultura) de acordo com as exigências de cada época, procurando acompanhar as reflexões que emergiam das preocupações pastorais.

Faz parte de um consenso dentro de uma sociologia do catolicismo contemporâneo a ideia de que a Igreja católica por muito tempo “ficou de costas” para os modernos meios de comunicação de massa (CAMURÇA, 2009, p. 62).

Dentre os principais fatos ocorridos a partir de 1550, pode-se mencionar: a proibição e queima de livros (Papa Paulo IV, 1559). Foi um período de confronto, censura e repressão da Igreja aos meios de comunicação, pela condenação dos erros modernos considerando a imprensa inimiga número um da humanidade (Papa Pio VII , 1800-1823); a condenação da liberdade de imprensa (Papa Gregório XVI, 1831-1846); condenando o racionalismo e os “pequenos livros” e em uma nova visão, criando a imprensa que combatesse os erros e escritos nocivos. É deste tempo a revista *Civiltà Cattolica* e o jornal *Observatore Romano* – (Papa Pio IX ,1846-1878); com a proibição de seminaristas lerem jornais e revistas e aos sacerdotes de não escreverem em periódicos sem licença dos superiores (Papa Pio X, 1903-1914); refere-se a um período de se ter o controle sobre a imprensa.

A boa imprensa católica foi incentivada, desde que fosse dócil e obediente aos dignitários eclesiásticos (Bento XV, 1914-1922 e Pio XI, 1922-1939); com Pio XI e XII (1939-1958) a igreja tentará construir um novo projeto de comunicação que envolva o laicato tendo em vista o desenvolvimento do rádio, cinema e televisão.

Na verdade, por trás do absentismo neste domínio da modernidade, por excelência, que são os meios de comunicação de massa e os hábitos de consumo e estilo de vida que eles visam forjar, havia toda uma incompatibilidade de visão de mundo entre a Igreja e a sociedade de consumo moderna, que para ela significava o lugar da promiscuidade moral e de valores supérfluos, contra os quais se bateu por muito tempo (CAMURÇA, 2009, p.62).

Aos poucos, percebe-se que com o passar dos anos, vai ocorrendo uma “transformação”, uma mudança de perspectiva por parte da Igreja em relação aos meios de comunicação. Na primeira metade do Século XX, passou da condenação para à suspeita moral, e na segunda metade passou a ter interesse no uso evangelizador dos meios de comunicação, (CARRANZA, 2011, p. 206), pois caso o Evangelho não seja proclamado neste ambiente, poderá restringir o acesso à muitos.

O Papa Pio XI, através da encíclica *Vigilanti Cura*,(1936), percebeu o cinema, como importante meio de comunicação social para divulgar a proposta cristã e o Evangelho:

Com efeito, é mui necessário e urgente cuidar para que os progressos da ciência e da arte, e mesmo das artes da indústria técnica, verdadeiros dons de Deus, sejam dirigidos de tal modo à glória de Deus, à salvação das almas, à extensão do reino de Jesus Cristo sobre a terra (VC, n. 6).

Seu sucessor o Papa Pio XII, em 1957, num mundo pós guerras, vendo o florescer de diversas técnicas de comunicação, reconheceu através da encíclica *Miranda Prorsus*, sobre cinema, rádio e televisão, os valores positivos dos novos veículos de comunicação para que estes pudessem ser colocados aos serviços da Igreja na difusão da mensagem, na evangelização. Também foi este Papa quem inovou e começou a utilizar as rádio mensagens, que foi um grande avanço para a Igreja na época.

Muito embora a *internet* não estivesse desenvolvida nesta época, tudo leva a crer, que os conceitos absorvidos e mencionados pelo papa Pio XII (MP, preâmbulo) são perfeitamente apropriados à rede, como se pode verificar no preâmbulo do citado documento.

Os maravilhosos progressos técnicos, de que se gloriam os nossos tempos, sem dúvida são fruto do engenho e do trabalho humano, mas são primeiro que tudo dons de Deus, Criador do homem e inspirador de todas as obras; "não só produziu as criaturas, mas uma vez produzidas defende-as e protege-as".

Alguns destes novos meios técnicos servem para multiplicar as forças e as possibilidades físicas do homem, outros para lhe melhorarem as condições de vida, outros finalmente – e estes dizem mais respeito à vida do espírito – servem, diretamente ou mediante uma expressão artística, para a difusão das ideias, e oferecem a milhões de pessoas, de maneira facilmente assimilável, imagens, notícias e lições, como alimento quotidiano do espírito, mesmo nas horas de lazer e repouso.

Entre as técnicas referentes a esta última categoria, como todos sabem, alcançaram desenvolvimento extraordinário, durante o nosso século o cinema, a rádio e ultimamente a televisão.

Estas encíclicas foram “os primeiros passos” para a Igreja ver a comunicação como grande articuladora da sociedade e, principalmente, como aliada na missão evangelizadora, fato este que contribuiu para que o Concílio Vaticano II tivesse em sua pauta, pela primeira vez na história da Igreja, o tema comunicação (PUNTEL, 2015, p. 16-29).

Entre as maravilhosas invenções da técnica que sobretudo no nosso tempo, a inteligência humana, com o auxílio de Deus, depreendeu das coisas criadas, a santa mãe Igreja com especial solicitude acolhe e promove aquelas que de preferência dizem respeito ao espírito do homem e abrigam novos caminhos para a fácil comunicação de toda espécie de informações, ideias e ensinamentos. Entre essas invenções [...] a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outras invenções deste gênero, que por isso mesmo podem ser chamadas: meios de comunicação social. (IM, n.1)

As mudanças culturais ocorridas a partir de 1950 foram vistas por alguns como ameaça, pois rompiam com a base da formação humana, – o indivíduo foi conduzido ao centro, a indústria floresceu e os laços primários das comunidades de origem foram afetados – e, por outros, como oportunidades de mudança de linguagem e atualização teológica em face as novas percepções da fé, já que a

evangelização poderia considerar em seu escopo, a possibilidade de desenvolver um diálogo franco com a cultura,

O Concílio Vaticano II, em 1963, publicou o decreto *Inter Mirifica* (entre as coisas maravilhosas),<sup>61</sup> que inaugurou as primeiras reflexões sobre o uso dos diversos meios de comunicações no mundo, que até então contava com a imprensa escrita, o cinema, o rádio e a televisão, pois a *internet* ainda não estava presente neste meio.

O Decreto não trata de técnicas ou a difusão das mesmas, mas sim dos atos humanos decorrentes, principal preocupação da Igreja em seu trabalho pastoral, que assegura a obrigação e o direito da Igreja utilizar os instrumentos de comunicação social.

A Igreja Católica, [...] considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, também com o recurso dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens seu correto uso. Portanto, pertence à Igreja o direito natural de empregar e possuir toda sorte desses instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a toda obra de salvação das almas (IM, n.3).

Através deste documento, em meio a uma grande oposição, a Igreja assume que a sociedade tem direito à informação como um bem social e não apenas como objeto de interesses comerciais. Exorta-se o conhecimento e a aplicação das leis morais na utilização dos meios de comunicação quanto ao seu conteúdo e nasce, a partir daí, uma série de iniciativas que reconhecem a importância de se comunicar à humanidade, tais como: o Dia Mundial das Comunicações Sociais (n.18)<sup>62</sup> e a organização de um departamento específico sobre a comunicação social gênese do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, órgão destinado a tratar os assuntos relacionados à comunicação em geral.

A primeira questão refere-se à chamada informação, ou obtenção e divulgação das notícias. É evidente que tal informação, em virtude do progresso atual da sociedade humana e dos vínculos mais estreitos entre os seus membros, resulta muito útil e, na maioria das vezes,

---

<sup>61</sup> O decreto conciliar *Inter Mirifica* foi o segundo entre os dezesseis documentos do Concílio Vaticano II. Mesmo tendo sido aprovado por ampla maioria (1598 sim e 503 não), o documento enfrentou resistências, pela pressão exercida pelos padres conciliares por uma parcela do clero e de jornalistas franceses, alemães e estadunidenses, que consideravam o texto “fraco, vago e indigno de um Decreto Conciliar”.

<sup>62</sup> O Dia Mundial das Comunicações sociais foi criado pelo papa Paulo VI em 1966, para ser celebrado anualmente no domingo das Ascensão do Senhor e é sempre acompanhado de uma mensagem papal.



necessária, pois a comunicação pública e oportuna de notícias sobre acontecimentos e coisas facilita aos homens um conhecimento mais amplo e contínuo dos fatos, de tal modo que pode contribuir eficazmente para o bem comum e maior progresso de toda a sociedade humana. Existe, pois, no seio da sociedade humana, o direito à informação sobre aquelas coisas que convêm aos homens, segundo as circunstâncias de cada um, tanto particularmente como constituídos em sociedade (IM, n.5).

A Igreja assume assim, uma posição oficial sobre a cultura produzida pela comunicação, influenciando a trajetória cristã nos movimentos de comunicação social e que merecerá ulteriores reflexões, pois tanto o clero como o laicado foram convidados a utilizar a comunicação nos trabalhos pastorais.

Procurem todos os filhos da Igreja, em unidade de espíritos e intenções, que os instrumentos de comunicação social sejam empregados, sem a menor dilação com o máximo empenho, nas múltiplas obras de apostolado, tal como o exigem as realidades e as circunstâncias do nosso tempo (IM, n.13).

Em 1971 o papa Paulo VI promulgou a instrução *Communio et Progressio*, escrita pela Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social que retoma a linha do decreto conciliar *Inter Mirifica* realçando e reafirmando alguns aspectos daquele documento, orientando os caminhos de todos os que trabalham na área da comunicação e destacando como viés necessário: esperança e otimismo. A mídia deixa de ser vista como um perigo e passa a ser encarada como força benéfica (PUNTEL, 2015, p. 70-73).

Nos anos que transcorreram, até 1990, enquanto a *internet* evoluía e adentrava na cultura contemporânea, a Igreja, exceção feita à mensagem correspondente ao Dia Mundial da Comunicação Social pouco se manifestou, através de documentos oficiais sobre a comunicação. Porém, finalmente, por ocasião 24<sup>a</sup>. Mensagem, o papa João Paulo II escreveu: “Os jovens, especialmente, estão se adaptando rapidamente à cultura do computador e à sua linguagem...”.

Neste mesmo ano em dezembro, através da encíclica *Redemptoris Missio* (*Missão do Redentor*, n. 37), embora não seja um documento específico sobre comunicação, o Papa João Paulo II, declarou que não era suficiente apenas usar os instrumentos de comunicação para difundir a mensagem cristã, mas era necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura” criada pelas modernas comunicações e que os católicos não deveriam ter medo de abrir as portas da comunicação social a

Cristo, para que a Boa Nova pudesse ser ouvida sobre os telhados do mundo (Mt 10,27). Destacou, desta maneira, a necessidade da mensagem do Evangelho estar presente em diálogo com a nova cultura midiática.

A Igreja passa a refletir sobre a comunicação não mais de forma restrita, ou somente meios ou instrumentos isolados a serem usados ou dos quais se precaver, mas ela refere-se a um ambiente no qual estamos imersos e do qual participamos. Trata-se de uma cultura. A cultura midiática. (PUNTEL, 2015, p.74),

Muito embora o Papa não tenha mencionado diretamente a *internet* na encíclica, ele faz uma alusão ao termo areópago, e em documentos posteriores retoma a ideia da *internet* como um “novo areópago” para anúncio do Evangelho.

Em 1992, a Instrução Pastoral *Aetatis Novae*, demonstra que a Igreja diante dos fatos do dia a dia, preocupa-se com os meios de comunicação enquanto possibilidade de transmissão de conhecimento; afirma que o encontro entre evangelização e comunicação é possível e cita a comunicação como parte integrante da pastoral e instrumento a serviço da evangelização. Neste documento indica-se a criação das Pastorais de Comunicação nas regionais, dioceses e paróquias. A este respeito Puntel (2015, p. 75), assim comenta: “À luz dos documentos precedentes, a *Aetatis Novae* estimula, encoraja, apresenta princípios e perspectivas pastorais, planos para uma eficiente pastoral da comunicação”.

Ao aproximarmo-nos de uma nova época, dá-se uma considerável expansão nas comunicações, que influencia profundamente as culturas de todo o mundo. As revoluções tecnológicas representam apenas um aspecto deste fenômeno. Não existe lugar onde não seja sentido o impacto dos *mass media* no comportamento religioso e moral, nos sistemas políticos e sociais, e na educação.

[...] O uso dos novos *mass media* deu origem ao que se pôde chamar “novas linguagens”, e suscitou ulteriores possibilidades para a missão da Igreja, assim como novos problemas pastorais.

Neste contexto, estimulamos os pastores e o povo de Deus a aprofundar o sentido de tudo o que diz respeito aos meios de comunicação, e a traduzi-lo em projetos concretos e realizáveis. (AN, n. 1 – 3)

Muito embora todos os esforços da Igreja, partindo de Roma, no Brasil, no final dos anos 90 a CNBB reconhece a sua insuficiência na utilização dos meios de comunicação de massa para a evangelização, conforme indica o seu documento n.

48, item 16 “Na Igreja [...] ainda não há suficiente sensibilidade para a comunicação. Não se tem consciência de sua importância para a evangelização”.

Em fevereiro de 2002, a Igreja publica, através do Pontifício Conselho, dois documentos sobre a *internet*: *Ética nos meios de comunicação social e Igreja e internet*. No primeiro menciona que os meios de comunicação social não são bons ou maus, mas são opções da ética humana. Destaca que a *internet* se presta a formação humana na educação religiosa e manifesta preocupação com a qualidade da informação ou notícia, bem como a possibilidade dos perigos das relações interpessoais, principalmente dos jovens e crianças.

No segundo documento *Internet e Igreja*, destaca as vantagens do uso da *web*: acesso direto e imediato a importantes recursos religiosos e espirituais, a capacidade de encurtar distâncias e de romper com isolamento de pessoas, podendo, na medida em que mantêm contato com outras pessoas com os mesmos interesses, transformá-las participantes de comunidades virtuais de fé, encorajando e auxiliando umas às outras, os leigos são chamados a participarem da rede e a darem testemunho de sua fé no mundo virtual e destaca ainda a importância da formação dos seminaristas, sacerdotes e religiosos para estarem neste ambiente.

Desse documento, [...], vários aspectos chamam a atenção. Um é o fato de a Igreja solicitar aos fiéis leigos fazerem da *internet* um uso pedagógico e catequético, ao mesmo tempo que são exortados a descobrir “formas muito especiais de ajudar aqueles que, pela primeira vez, entram em contato com a *internet*, a passar do mundo virtual do espaço cibernético para o mundo real da comunidade cristã. (CARRANZA, 2011, p. 237)

O documento trata ainda sobre problemas existentes na rede, tais como pornografia, *cyberbullying*, violência, *sites* instigadores do ódio, que atacam grupos religiosos ou étnicos, alerta sobre a presença de *sites* que se definem como sendo católicos e a dificuldade do internauta distinguir as posições autênticas da Igreja com simples interpretações pessoais, etc.

A Igreja ainda, como em todo o transcorrer da história, pensa numa utopia do controle neste novo ambiente, esquecendo-se que o fiel internauta utiliza de sua liberdade e frente à grande massa de informação faz suas opções.

Comentando sobre as ações da Igreja a partir de 1990 e em especial sobre este documento Emerson J.A. Silveira (2014, p.150), faz a seguinte crítica:

A instituição católica tem publicado documentos que procuram não só refletir, mas criar um “poder pastoral” dentro desta cambiante realidade eletrônica. Há toda uma movimentação em torno da ideia de construir e propagar uma rede católica, fazendo dela uma espécie de presença evangelizadora ou, segundo uma perspectiva mais conservadora, uma catequese eletrônica.

A mensagem do 36º Dia Mundial das Comunicações Sociais, (2002), teve como tema “*Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho*” e nela o Papa João Paulo II declara que a rede através das suas informações pode suscitar o interesse do internauta em aproximar-se mais de Deus e da comunidade de fé, pois contêm um potencial para a proclamação do Evangelho, muito embora a Igreja se encontrasse ainda à porta de entrada deste novo espaço.

Atualmente, com a revolução das comunicações e da informática em pleno desenvolvimento, sem dúvida a Igreja encontra-se diante de outra porta de entrada. [...] Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica.

Em 2005, o Papa João Paulo II, através da carta apostólica *O Rápido Desenvolvimento*, alerta sobre a necessidade de mudança de mentalidade, de diálogo e renovação pastoral dando a devida importância à mídia de massa que se revelavam como oportunidades para que a mensagem do Cristo seja anunciada, para alcançar as pessoas em todas as partes do universo, vencendo barreiras de tempo, espaço e de língua, ressalta que a *internet* com seu novo ambiente e sua interatividade, pode contribuir com o governo pastoral e na organização das tarefas da comunidade (PUNTEL, 2015, p. 80-84).

[...] a Igreja não está chamada unicamente a usar os *mass media* para difundir o Evangelho, mas, hoje como nunca, está chamada também a integrar a mensagem salvífica na “nova cultura” que os poderosos instrumentos da comunicação criam e amplificam. Ela sente que o uso das técnicas e das tecnologias da comunicação contemporânea é parte integrante da sua missão no terceiro milênio (RD, n.2).

O Papa exorta para “Não ter medo das novas tecnologias! Elas incluem-se entre as coisas maravilhosas, “*Inter Mirifica*” que Deus pôs à disposição do ser humano.” (RD, n. 13).

Com pensamento evolutivo, acompanhando as transformações e cultura de cada época, a Igreja toma consciência e publica, anualmente, no “Dia Mundial das Comunicações”, mensagens correlatas com o assunto, tendo destacado nos últimos anos o relacionamento com a *internet* e as mídias digitais.

Em 2008, (Os meios de comunicação social na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la), o Papa Bento XVI destaca que a *internet*, entre outros meios, é um espaço para rerepresentar a sociedade, a verdade sobre a pessoa humana e que necessita promover uma cultura em defesa da vida.

Em 2010 a mensagem é direcionada para os sacerdotes, (O sacerdote e a pastoral no mundo digital: as novas mídias a serviço da Palavra), para que despertassem e atentassem para o limiar de uma nova história, marcada pela cultura digital, que reconhecessem o novo ambiente e fizessem uso do mesmo, no exercício da missão pastoral em parceria com leigos capazes, para em um trabalho conjunto realizar a evangelização.

Os meios modernos de comunicação fazem parte, desde há muito tempo, dos instrumentos ordinários através dos quais as comunidades eclesiais se exprimem, entrando em contato com o seu próprio território e estabelecendo, muito frequentemente, formas de diálogo mais abrangentes, mas a sua recente e incisiva difusão e a sua notável influência tornam cada vez mais importante e útil o seu uso no ministério sacerdotal.

Em 2011, o Papa Bento XVI com a comunicação “Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital”, reconhece as mudanças operadas pela *internet* e que ela está alterando não só o modo de comunicar, mas a comunicação em si mesma. A Igreja buscou entender e reconhecer as lógicas e dinâmicas, aprendendo a aprender e a pensar o catolicismo de forma nova no contexto digital.

Vai-se tornando cada vez mais comum a convicção de que, tal como a revolução industrial produziu uma mudança profunda na sociedade através das novidades inseridas no ciclo de produção e na vida dos trabalhadores, também hoje a profunda transformação operada no campo das comunicações guia o fluxo de grandes mudanças culturais e sociais. As novas tecnologias estão a mudar não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que estamos perante uma ampla transformação cultural.

Em 2013, o assunto tratado foi o das redes sociais, (Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização), como espaços que podem favorecer o diálogo e debate, reforçando os laços de unidade entre as pessoas, podendo ser geradoras de novas relações e formas de comunidade.

Estes espaços, quando bem e equilibradamente valorizados, contribuem para favorecer formas de diálogo e debate que, se realizadas com respeito e cuidado pela privacidade, com responsabilidade e empenho pela verdade, podem reforçar os laços de unidade entre as pessoas e promover eficazmente a harmonia da família humana. A troca de informações pode transformar-se numa verdadeira comunicação, os contatos podem amadurecer em amizade, as conexões podem facilitar a comunhão.

Ao se referir sobre o uso da *internet* em 2014, na sua mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações, o Papa Francisco assim se manifestou: “Particularmente a *internet* pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre nós todos; e isto é uma coisa boa, um dom de Deus”.

Em meio a todas essas orientações emanadas do Vaticano, na esteira do Concílio Vaticano II, a Conferência Geral do Episcopado Latino Americano – CELAM, também se manifestou, de acordo com Puntel (2015 p. 84-93):

– Medellín (Colômbia, 1968) - crença que a mídia era virtualmente muito poderosa, apropriada para promover a mudança social e deveria ser utilizada na evangelização;

– Puebla (México, 1979) - havia como que um encantamento diante das novas tecnologias de comunicação e se propõe que a hierarquia e os agentes pastorais em geral conheçam, compreendam, experimentem mais a fundo o fenômeno da comunicação, e procurem integrá-la na pastoral de conjunto (n. 1083).

A comunicação, como ato social, vital, nasce com o próprio homem e tem sido potencializada na época moderna, mediante poderosos recursos tecnológicos. Por conseguinte, a evangelização não pode prescindir, hoje em dia, dos meios de comunicação (DOC. PUEBLA, n.8).

– Santo Domingo (1992) – progressos tecnológicos e insuficiente presença nos meios de comunicação Social e,

– Aparecida (Brasil, 2007) - procurando dar uma identidade cultural com maior atenção às necessidades locais, sempre considerando os meios de comunicação em massa como instrumentos para o desenvolvimento da

evangelização, pois ela é tida como a força que permite à Igreja viver o seu objetivo, e é missão fundamental de cada cristão batizado (LG, n. 31, 39, 40).

Nesta conferência menciona-se que é preciso investir numa pastoral midiática e a *internet*, deve ser utilizada para transmitir a mensagem de Cristo. (DA, n. 487). O *kerigma*, catequese e aprofundamento da fé não pode abrir mão de tais meios (n. 485) e ao final da conferência os bispos assumiram o compromisso de criar, até o ano 2000, equipes de Pastoral da Comunicação – PASCOM, em todas as dioceses e paróquias, para melhor desempenhar o papel da Instituição nos meios de comunicação social.

Os bispos, em relação às comunicações, comprometem-se em acompanhar os comunicadores, a conhecer e valorizar esta nova cultura, promover a formação dos agentes cristãos, formar comunicadores, apoiar a criação dos meios de comunicação social, estar presente nos mesmos, inclusive na *internet*, fórum, entre outros (DA, n. 486).

Também a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB em 2014, através de uma comissão especial de estudiosos, com objetivo de motivar a Igreja para a reflexão sobre os aspectos da comunicação e sua importância na vida da comunidade eclesial, após ampla reflexão, publicou o primeiro diretório de comunicação da Igreja no continente americano – Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (doc. 99), onde os cristãos são incentivados à utilizarem coerentemente os meios de comunicação social como também apresenta princípios norteadores da ação cristã nas mídias.

A Igreja sempre desejou acompanhar a evolução comunicacional, muito embora, por vezes, o tenha feito de forma lenta, precavida, e após muita reflexão, e com a *internet* não poderia ser diferente.

A Igreja instituição buscou fortalecer sua presença oficial na *internet*, cuja constituição não foi neutra, nem automática. Para a sua ocorrência, ela precisou atualizar seus processos comunicacionais internos e externos para dar conta de uma nova complexidade sócio-simbólica que emergia a partir dos desdobramentos das práticas comunicacionais digitais. (SBARDELOTTO 2016, p. 21).

#### 4.5.3 Ações práticas

No final da década de 1990 a Igreja percebe, ainda mais, os avanços da *internet* nas ações do cotidiano e aproxima-se mais da rede mundial de

computadores, expandindo-se de forma crescente e incentivando que seus componentes participem deste novo ambiente.

Rapidamente obteve uma presença muito forte. Os padres e as representações institucionais (Conferência Nacional do Bispos do Brasil - CNBB arquidioceses, dioceses, institutos de formação e outros), movimentos da igreja (Renovação Carismática Católica, Tradição, Família e Pátria - TFP, Fé e Luz, Arautos do Evangelho e outros), as pastorais (Pastoral da Terra, da Criança, Carcerária e outras) e os leigos, começaram a publicar seus *sites*, utilizar e-mails, blogs, *whatsapp*, *youtube*, *facebook* e ocupar o espaço virtual. Chegando-se a fomentar uma blogosfera católica, ao referir-se aos blogs católicos que surgiram em língua portuguesa. ( SILVEIRA, 2014, p.82-83).

Também neste embalo surgiram grupos de leigos sem qualquer vinculação formal com as instituições eclesásticas, mas que passaram a publicar seus pensamentos e questionamentos na rede.

Nas redes digitais além das ações institucionais é possível perceber inúmeras expressões assumidamente católicas, sem qualquer vinculação oficial com a instituição eclesástica. Ou seja, indivíduos e grupos que criam ambientes públicos de circulação de sentido sobre o catolicismo [...] intituladas especificamente como “católicos: \*Fé católica, Música Católica, Catequese Católica, Catecismo da Igreja Católicas, etc. (SBARDELOTTO, 2016, p 23).

O Vaticano lançou-se no espaço cibernético em 1995 através do *site* [www.vatican.va](http://www.vatican.va), que originalmente era um repositório de documentos e páginas de informações diversas sobre o Papa e a Santa Sé. Em 2009 foi criada a página no *facebook* Pope2you, como canal para os jovens terem imagens do Papa, ouvir suas mensagens e interagirem entre si. Há um canal no *Youtube*, para divulgar os vídeos do Papa e mensagens religiosas, editadas em várias línguas; um *wiki*<sup>63</sup> para divulgar informações e formação sobre o magistério da Igreja sobre as comunicações e o *lphone*, que recebe mensagens e imagens evangelizadoras através do celular<sup>64</sup>.

---

<sup>63</sup> O termo *wiki* (rápido, ligeiro, veloz.) é utilizado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto. Este *software* colaborativo permite a edição coletiva dos documentos usando um sistema que não necessita que o conteúdo seja revisto antes da sua publicação.

<sup>64</sup> Acrescentamos na tabela 1, alguns dos principais marcos históricos da presença da Igreja na *internet*, de acordo com pesquisa pessoal de Moisés Sbardelotto.



Outros elementos que marcam a presença da Igreja na *internet*, da mesma forma que o faz no espaço *off-line*, seria a proclamação, pelo Papa João Paulo II, de Santo Isidoro de Sevilha como o padroeiro da *internet*<sup>65</sup>.

Analisando a presença da Igreja no espaço cibernético, percebe-se a movimentação em torno de se construir uma “*internet* católica” em um ambiente em que não se tem controle.

Num exame amplo sobre a presença da Igreja Católica na *web*, sem considerar os blogs, os inúmeros e-mails, os perfis no *facebook*, *twitter*, entre outros. Silveira, (2014, p. 154) classifica, somente as páginas, em três tipos principais:

- a) Páginas institucionais de arquidioceses, dioceses, paróquias, casas de formação, editoras, associações e movimentos que mantem um sítio, ou blog de cunho oficial e formal;
- b) Páginas de comunidades e bandas, construídas com os mais diversos estilos e possuindo uma enorme diversidade de recursos interativos entre o usuário e o computador.
- c) Páginas pessoais de adeptos ou de personalidades católicas, em especial de padres.

Na atualidade, diante da volubilidade, velocidade, multiplicidade das informações na rede, constantemente refeitas e atualizadas, da mudança de um texto para outro, ou de uma página para outra, analisar a presença da Igreja na *internet* é uma tarefa muito complexa, senão quase que impossível.

Para se ter uma ideia do volume de informação disponível, uma rápida pesquisa no buscador de maior utilização no Brasil – Google, na palavra “católica”, nos traz aproximadamente 27 milhões de resultados e realizando-se a mesma pesquisa no Google Católico – portal que reúne sites apenas com a doutrina católica, depara-se com mais de 15 milhões de resultados<sup>66</sup>.

Em entrevista a Moisés Sbardelotto, o arcebispo Claudio Maria Celli, ex-presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, assim se manifesta sobre a presença da igreja na *internet*:

[...] consideramos que a rede social é um ambiente de vida onde habitam milhões e milhões de pessoas. E a Igreja tem a consciência de que também a esses milhões de pessoas, a esses habitante do continente digital deve anunciar o Evangelho. Essa é uma

<sup>65</sup> Veja oração em: [www.pavablog.com/2011/07/19/santo-isidoro-de-sevilha-abencoa-os-internautas-faca-a-oracao](http://www.pavablog.com/2011/07/19/santo-isidoro-de-sevilha-abencoa-os-internautas-faca-a-oracao)

<sup>66</sup> Consulta realizada dia 04/12/2017.

consciência já possuía. Isto é, o magistério da Igreja já percebeu isso, e é uma realidade. Para nós isso é muito importante. Portanto, em relação a isso, não se volta atrás. A ideia é: testemunho no contexto das redes sociais – o papa diz que o problema não é bombardear as redes sociais com mensagens religiosas. É toda uma visão do que significa anunciar o Evangelho.

#### 4.5.4 Do púlpito à rede

É certo que a Igreja possui uma forte presença organizacional na rede, porém, ela não altera os seus rituais. Faz uso deste novo ambiente como se fosse o púlpito no templo, prolongando comportamentos habituais (disciplina, atividades rituais, padronização de ações), utilizam o ciberespaço apenas com um meio de divulgar sua mensagem, como modo de alcançar mais fiéis ou de recongregar as pessoas que tiveram sua vivência fragmentada querendo seu retorno ao que acontecia anteriormente.

A Igreja tem convicção de que as mídias digitais não substituem a vida em comunidade e a liturgia presencial, “contudo pode completá-las, atraindo as pessoas para uma experiência mais integral da vida de fé e enriquecendo a vida religiosa dos usuários” (DCIB, n.176).

No espaço virtual a Igreja oferece ao internauta através dos *sites* das paróquias, a possibilidade, entre outras, de ter uma direção espiritual, por meio de um *chat*, catequese, notícias da igreja local, do seu pároco, avisos paroquiais, horários de celebrações – tudo como um jornal digital, orações e bênçãos, de conhecer e oferecer culto aos santos e à Virgem Maria coloca a venda produtos da igreja, (não que isto tenha que ser desprezado, pois se constitui uma das fontes de renda para outros projetos sociais na Igreja), “há toda uma movimentação em torno da ideia de uma espécie de presença evangelizadora, ou uma catequese eletrônica”. (SILVEIRA, 2014, p. 153). A interatividade, porém é restrita. Os questionamentos e críticas tão comuns no ciberespaço, não são permitidos.

Ao ler a descrição dos sites que se consideram católicos, percebi que eles incidem mais sobre o devocionismo sentimental e algumas práticas de piedade individual, de certo modo, periféricas à fé cristã ou católica do que servem propriamente seja ao aprofundamento da fé, seja para manter vínculos com um caminho comum da Igreja (SILVEIRA, 2014, p.11).

Da maneira como a Igreja se apresenta, nos leva a crer que se faz necessário aproveitar melhor os recursos tecnológicos, haver uma alteração na linguagem, rever o que e como é proposto, estabelecendo novas vivências e espiritualidade, resignificando ou alterando símbolos, mas preservando a essência, É preciso uma revisão do conceito de Igreja, de como se apresentar na *internet*, facilitando a interatividade e entendendo qual a lógica deste novo ambiente.

O uso da *internet* pressupõe que, ao atualizar o modo de comunicação da fé, haja também uma revisão do próprio conteúdo do que é proposto. [...] É preciso construir e difundir a mensagem da fé no mundo digital evitando a mera transposição *online* da mensagem evangélica, usando corajosamente e com criatividade as linguagens e tecnologias para atualizar o “ler e escrever” da vida conjugada com a nova cultura das mídias (SILVEIRA, 2014, p.11).

Em vista às possíveis perspectivas no campo da evangelização as técnicas utilizadas precisam ser dominadas por pessoas capacitadas que se mantenham atualizadas sobre os novos instrumentos gerados dia a dia, já que neste espaço gera-se a interação entre o fiel e o sagrado.

A Igreja em tempo de redes sociais é chamada para uma tarefa deste tipo, assumindo as formas adequadas e se considerando também (e, pois, certamente não só) como lugar de conexão significativa das pessoas, capaz de proporcionar a base para a construção de relações de comunhão, em uma sociedade fragmentada (SPADARO, 2012, p. 8081).

Por outro lado, o cristão também pratica sua fé no ciberespaço e ele desenvolve novos vínculos com a Igreja e com Deus, ele afeta e é afetado pelas transformações na cultura midiática, também tem sua mentalidade alterada e quando a Igreja não acompanha esta transformação o diálogo fica mais difícil, principalmente entre as gerações mais novas.

O cristão internauta traz a sua carga de religião e fé para este novo ambiente e mediante sua percepção e experiência, começa a indagar, selecionar com critérios próprios, questionar, elogiar e criticar os assuntos abordados, e até sugerir novas formas de abordagem, podendo gerar desvios ou modificações no sentido religioso, trazer implicações no que se refere à autoridade, comunidade de pertença, liturgia, etc.

Parece-nos que o eixo fundamental para uma nova evangelização reside no fato de compreender o que significa encontrar-se diante de uma verdadeira “revolução” tecnológica que exige ir além dos instrumentos e tomar consciência das “Mudanças” fundamentais que as novas tecnologias operam nos indivíduos e na sociedade (PUNTEL, 2015, p. 126).

Percebe-se uma tensão entre o proposto pela Igreja e o fiel internauta pratica. Este comportamento, embora ainda modesto, se não alterado, poderá provocar transformações no comportamento do usuário da *internet* e no seu relacionamento com a Igreja.

O professor Padre Pedro Gilberto Gomes em entrevista, *online*, à revista IHU em 28 de março de 2010), assim se posiciona:

Ouvir o sermão do padre na *internet* tem o mesmo significado de ouvi-lo na Igreja? [...] que tipo de espiritualidade os espaços virtuais estão criando? É possível estabelecer novos tipos de relações? Quando se suprime algumas partes da missa, que o internauta pode não gostar, ele está criando um novo tipo de celebração? Como ficam os relacionamentos do internauta e a comunidade de pertença? Os ritos e símbolos, tão ricos na Igreja, podem tomar outro significado? Para ele o simples fato da pessoa se relacionar, via portal, já está criando uma forma de espiritualidade ou forma de ver a religião diferentemente.

Ocorrendo as adaptações no modo de ser Igreja na *internet* é possível gerar um grupo de cristãos espalhados pelo mundo, usuários frequentes da *internet*, atualizados com a Palavra de Deus, com os documentos da Igreja e com as novas linguagens do sistema e, que sejam evangelizadores digitais, pois a rede pode auxiliar na formação de novos cristãos, no reforço para muitas atividades e programas da igreja, na evangelização, catequese, notícias e informações, conselho pastoral e até direção espiritual.<sup>67</sup>

O ambiente digital é uma fonte de informação para a ação evangelizadora da Igreja. ... Nas redes digitais, é possível encontrar inúmeras fontes de informação e de documentação sobre a vida eclesial e social... que podem servir de subsídio para as práticas formativas da catequese. (DCIB, n. 188).

---

<sup>67</sup> Neste sentido seria oportuno conhecer o aplicativo “*Confession*” desenvolvido para auxiliar os cristãos católicos refletirem sobre os seus pecados e realizarem um exame de consciência antes da participação no sacramento da Penitência, embora restrito e direcionado como as confissões dos séculos passados, não deixa de ser um auxiliar no sacramento. O mesmo pensamento pode ser utilizado em outra série de aplicativos disponíveis como Bíblia Sagrada, Ibreiary, católico orante, entre outros.

#### 4.5.5 As tensões advindas da rede

Apesar da constatação da convivência do fiel internauta com o mundo praticando sua crença e expressando sua fé livremente, neste novo ambiente, construindo novas práticas de sentido, com a técnica intermediando o acesso a Deus e de suas possíveis e aparentes vantagens, pois permitem o acesso em qualquer momento e lugar de orações, novenas, velas, palestras, aconselhamentos, missas, homilias, tais práticas encontram barreiras diversas *ad intra* na Igreja, pois, a *internet*, ainda que, em hipótese, representa uma desterritorialização em relação ao leigo, o cristão comum e a igreja como comunidade de fé e hierarquia.

As transmissões tem valor evangelizador, pois por meio delas, o anúncio da Boa Nova vai ao encontro dos enfermos, das pessoas com idade avançada ou impossibilitadas de participar fisicamente das comunidades. (DCIB, 2014, n. 99)

Karl Rahner, Metz e Romano Guardini importantes teólogos, entre outros, questionaram a legitimidade das transmissões das celebrações cristãs pela televisão e *internet*, alegando que a participação, efetiva na comunidade e a pertença é característica da vida em sociedade, preocuparam-se com a possível dessacralização dos ritos, quando realizados pela *internet* sem a presença da comunidade de pertença.

Eles colocam, entre outros argumentos, a essência na presença física “real” (a presença da pessoa inteira em contato com a realidade da presença salvífica de Cristo) e participação, (questionam que o fato da pessoa estar assistindo a celebração, ela o faz sob o olhar de quem transmite, retirando a essência da presença no ambiente original, ficando fora do contexto. Não há interação com os demais presentes na celebração. Além do mais, o fato de ser gravado – quando não há uma transmissão ao vivo –, coloca a pessoa dentro de um cenário que já passou) alegando que “a Igreja não é apenas uma rede de relações imanentes”, (SPADARO, 2012, p. 128), não admitindo a participação dos sacramentos<sup>68</sup> via *web*. Ficam ainda em aberto questões do tipo: A rede consegue captar a atenção da pessoa? Consegue fazê-la pensar? Consegue fazê-la mudar de atitude? Comprometer-se com os demais irmãos?

---

<sup>68</sup> Sinal visível de uma graça invisível. Assim, a água é o material do batismo, pão e vinho são matéria da eucaristia, em que a forma dos sacramentos é dada pelas palavras pronunciadas pelo oficiante, pelo ritual, pelas ações litúrgicas. (SBARDELOTTO, 2012, p. 329).

Um cristão, por exemplo, pode receber uma orientação espiritual sobre sua vida via *internet*, mas não pode receber o perdão dos pecados (sacramento da penitência), ainda que esteja arrependido dos mesmos e de coração contrito, condição para receber o sacramento, se não estiver, fisicamente diante do sacerdote.

O fato é questionado por alguns estudiosos com os seguintes argumentos: é a presença de Deus que faz de um grupo de pessoas uma comunidade de fé, e não sua proximidade espacial e se “dois ou três estão reunidos no nome do Senhor”, não estaria Ele ali presente, conforme fala a Escritura (Mt 18,20)?

Também a Igreja reconhece que uma vela acesa na igreja (em sua forma física) e a “sua imagem na *internet*” muito embora seja apenas uma representação do ato, já que a rigor trata-se apenas de uma imagem de uma vela queimando, possuem o mesmo valor, pois, segundo alguns, a essência da intenção do sujeito orante, não fora subtraída<sup>69</sup>. Neste caso a presença física não é questionada.

A própria Igreja se contradiz sobre a questão da presença física, no momento que a bênção papal *Urbi et Orbi*<sup>70</sup>, admite a *internet* para aquisição das indulgências e não questionam a validade sobrenatural deste gesto, permitindo que o fiel sinta-se abençoado independente da distância ou do meio de comunicação com o qual acompanhavam a transmissão.

Também inúmeras bênçãos são transmitidas pelos presbíteros a seus fiéis nos mais variados meios (*chat*, vídeos, *whatsapp*, entre outros), e tanto o fiel se sente abençoado, “naturalmente”, como os presbíteros creem na mesma eficácia da bênção pessoal, muito embora os documentos da Igreja sejam pela ineficácia quando separada do mundo real.

A realidade virtual não pode substituir a real presença de Cristo na Eucaristia, a realidade sacramental dos outros sacramentos e o culto

---

<sup>69</sup> A opinião de alguns sacerdotes e bispo, sobre o assunto, pode ser encontrada na dissertação de mestrado de Thamiris Magalhães de Sousa, da Universidade do Vale dos Sinos, Igreja Católica no mundo digital: as tensões entre discurso e prática da igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de mediatização religiosa.

<sup>70</sup> *Urbi et Orbi* (“à cidade de Roma e ao mundo”) é a bênção de Páscoa e Natal com as quais o Papa se dirige ao público em geral na Praça de São Pedro. A bênção também é concedida pelo papa em sua eleição, ou seja, no final do conclave.

A principal característica desta bênção aos fiéis é que concede uma penitência e uma Indulgência plenária sob as condições definidas pelo direito canônico.

assistido no seio de uma comunidade humana de carne e osso. Na *internet* não existem sacramentos. Mesmo as experiências religiosas que são possíveis ali pela graça de Deus são insuficientes, se separadas da interação do mundo real com os outros fiéis (A Igreja e a *internet*, n.9).

Seguindo-se esta linha de raciocínio, pode-se questionar se as orações feitas através da mídia e da *internet* são ou não válidas, se elas carregam a mesma intenção daqueles que a proferissem dentro do templo, por exemplo.

Embora a Igreja ainda não admita a celebração de sacramentos midiaticamente, alguns rituais considerados “populares”(como o acendimento de velas) também passam a ser *sacramentalizados* via *on line*, o que é reforçado pelo destaque com que são oferecidos nos sites católicos, pela inúmera participação por parte dos fiéis e pela sensação de sacralidade criada pela interface interacional dos sistema católico online. “Os fiéis buscam nessa sensação – construída digitalmente – uma forma de experimentar o sagrado de forma simples, rápida e acessível do que os rituais territorializados e os elementos “concretos” do ‘mundo real”. Assim, ao invés de uma dessacralização dos ritos, instaura-se uma nova sacramentalidade (SBARDELOTTO, 2012, p.328-329).

Antonio Spadaro (2012, p.126), apoiado no documento do Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, *A Igreja e a internet* (2012), falando sobre o assunto diz que “a Igreja católica insiste sempre no fato de que é impossível e antropologicamente errado considerar a realidade virtual capaz de substituir a experiência real e concreta da comunidade cristã”.

E os que usam a *internet*, não possuem a pertença em sociedade? Questionam outros teólogos que defendem a transmissão da fé e do culto através da rede. Os participantes se acham envolvidos e interagem entre si, possuem os vínculos de solidariedade e vivência comunitária da fé cristã na igreja, onde estão presentes também as pessoas da Santíssima Trindade.

Outro ponto que se destaca é que diante da pluralidade de ofertas na *internet* o fiel internauta pode retrabalhar e resignificar sua experiência religiosa e de fé numa trama complexa de sentidos.

Como é a sociedade, em geral, quem determina “o que é religioso” indo para além das ofertas de sentido da Igreja ou da mídia, desviando-se do controle simbólico e teológico da Igreja, ela corre o risco de ser excluída de determinadas

“esferas” que não se sentem correspondidas por ela, ou então de ser considerada, apenas, “uma opinião a mais” em um contexto “variado”.

O padre Antonio Spadaro, (2013, p.140-141), firma posição, buscando na origem da Igreja o sustentáculo de sua opinião, “o pertencimento eclesial não é jamais fruto de um “consenso” nem é um “produto de instrumentos que dependam do funcionamento eficaz dos instrumentos de comunicação”, sendo a comunhão eclesial um dom do Espírito: “as relações na rede dependem da presença e do funcionamento eficaz dos instrumentos de comunicação”. A comunhão eclesial é radicalmente um “dom” do Espírito”. O agir comunicativo da Igreja tem nesse dom o seu fundamento e sua origem.

É certo que a oferta religiosa aumentou exponencialmente na *internet* e que os rituais quando inscritos na rede, passam a desenvolver processos religiosos em outra escala que favorecem novas experiências religiosas, distintas das tradicionais (SBARDELOTTO, 2012, p. 330).

Há também a questão da interatividade da Igreja com os fiéis, mesmo tendo o Papa Bento XVI, reconhecido a *internet* como uma nova *ágora*, como a praça pública do passado, onde as pessoas partilhavam suas ideias, informações e opiniões, o *site* do Vaticano, a página oficial no *YouTube*, a *News.va* não permitem que o internauta faça comentários, dê opiniões. A função foi originalmente desativada não havendo possibilidade de interferência externa distorcendo o assunto tratado. Tal estratégia contradiz uma das maiores características deste meio de comunicação, Sbardelotto, em entrevista à IHU *on line* (27/08/2016), menciona o silêncio da Igreja como sendo a “excomunicação”, estratégia para cessar a possível perturbação externa da comunicação.

No tocante ao uso dos equipamentos, os *smartphones* estão cada vez mais populares e com os mais diversos recursos, sendo comum sua presença na Igreja para tirar fotos, entretanto, a leitura da Bíblia ou de algum texto através do mesmo, ainda “soa estranho” para muitos alegando que a Bíblia dos *smartfones* estaria substituindo a Bíblia em livro.

É bem verdade que a versão digital da Palavra, permite ao internauta saltar de texto em texto, indo aonde quiser, sem ter a noção do que vem antes ou depois. Perde-se a noção de sentimento e busca-se somente a informação, isto sem



considerar que “a forma como as escrituras são lidas pode influenciar o modo como elas são interpretadas” (Phillips, P. entrevista em BBC Future, 23/02/2017).

De maneira correlata, algum fiel pode obter parte de uma homilia, ou de uma missa e distribuir ao vivo, com comentários próprios; além do risco de simplificar a mensagem, da extração do seu contexto original. Ainda há de se notar que enquanto o fiel internauta publica nas redes sociais a foto, o filme, comentário, ele não está participando plenamente e nem se comprometendo totalmente com a comunidade.

Há também o risco do internauta utilizar a rede em busca de atividades mais personalizadas, criando uma fé individualizada, compartilhando versículos da bíblia nas mídias sociais associados à sua própria subjetividade e daí extraírem a sua própria leitura, deixando de lado a presença na comunidade.

Inúmeros *sites* vinculados ao catolicismo ofereciam diversas possibilidades de experiência religiosa via *internet*, fora do âmbito tradicional do templo... Neste ambiente além da mera informação sobre a religião, também se promovia e se incentivava uma “relação pessoal” com o sagrado no contexto digital, em um novo ambiente de culto. (SBARDELOTO, IHU *on line* 27/08/2016).

Também há os casos dos *sites* que se definem como católicos. Eles são chamados a participarem na evangelização, conforme o documento Igreja e *Internet*, n. 8 e 10:

Os grupos ligados à Igreja deveriam estar ativamente presentes na *Internet*, além disso, os indivíduos e os grupos não oficiais, bem intencionados e retamente informados, que agem por sua própria iniciativa, são também encorajados a estar presentes na *Internet*. [...] que as pessoas, a todos os níveis da Igreja, lancem mão da *Internet* de maneira criativa, para assumirem as responsabilidades que lhes cabem e para ajudarem a Igreja a cumprir sua missão.

É preciso, porém, ficar atento ao conteúdo publicado evitando-se que a exposição do texto seja meramente uma exposição de opinião do internauta, sem estar alicerçada nas diretrizes pastorais da Igreja, podendo gerar mais confusão que união.

É preciso zelo com o que se publica, pois paradoxalmente, as mesmas forças que operam para o melhoramento da comunicação, podem separar as pessoas, seja de forma individual, em ideologias, políticas, raças, etc..

Se o texto não for bem trabalhado, pode oferecer oportunidades de o internauta buscar uma espiritualidade em espaços diferentes construindo novas possibilidades de autoridade e pertença.

O catolicismo, na era digital, continua se manifestando como historicamente enraizado e institucionalmente estruturado, mas também como simbolicamente fluido e comunicacionalmente ressignificado. (SBARDELOTTO, IHU on line, 27/08/2016).

O tema é bastante polêmico e merece ser melhor aprofundado, visto que se encontra em um território relativamente novo e o caminho para se chegar ao consenso parece ser longo e carece de amadurecimento.

Antonio Spadaro (2012, p.10), assim acredita: “A cultura digital traz novos desafios para nossa capacidade de falar e escutar uma linguagem simbólica que trata da transcendência”.

Essa experiência das redes sociais vai não só mudando a relação entre a Igreja e seus fiéis, mas vai também construindo outro modo de “ser católico”. Para além de uma prática ritual de fé, emergem práticas comunicacionais midiáticas sobre a religião, que produzem (micro) transformações no próprio catolicismo, cuja construção comum é reivindicada pelo diversos interagentes em rede. (SBARDELOTO, IHU on line 27/08/2016).

Apesar de todos os riscos a Igreja desde o Concílio Vaticano II através do Decreto *Inter Mirifica* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* é favorável ao uso de novas mídias e reconhece que os meios de comunicação influenciam o modo de pensar e agir das pessoas (GS n. 6).

A Igreja Católica, tendo sido constituída por Cristo Nosso Senhor, a fim de levar a salvação a todos os homens e, por isto, impelida pela necessidade de evangelizar, considera como sua obrigação pregar a mensagem de salvação, também com o recurso dos instrumentos de comunicação social, e ensinar aos homens seu correto uso. Portanto, pertence à Igreja o direito natural de empregar e possuir toda sorte desses instrumentos, enquanto necessários e úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas (IM,n.3).

A rede possui coisas boas e ruins. É preciso filtrar com critério e não se deve deixar de usá-la se quiser ver a ação de Deus no Mundo, como diz o Papa Francisco.

A *internet* pode unir as pessoas, mas também as pode dividir, tanto a nível individual como em grupos mutuamente suspeitos, separados por ideologias, políticas, posses, raças, etnias, diferenças de geração e até mesmo de religião. Ela já tem sido utilizada de maneiras agressivas, quase como se fosse uma arma de guerra, e já se tem falado do perigo do « terrorismo cibernético. Seria dolorosamente irónico se este instrumento de comunicação, com um potencial tão elevado para unir as pessoas, voltasse às suas origens da guerra fria e se tornasse uma arena para o conflito internacional (EI, n. 9).

Na verdade estão surgindo novas formas de plataforma sociais da Rede ligadas à fé, e particularmente à prece. A criatividade da Igreja (fiéis e pastores) pode encontrar novas formas de divulgação e compartilhamento do Evangelho e da vida da Igreja (SPADARO, 2013, p. 140-141).

#### 4.5.6 Mais que os primeiros passos

Um fato inusitado acontecido na Igreja no período de novembro de 2013 a dezembro de 2014, com relação ao uso da *internet* pela Igreja chama a atenção e merece destaque.

Em preparação para a 3ª Assembleia Geral Extraordinária e para a 14ª Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos o Vaticano disponibilizou, mundialmente, um questionário que permitia às Igrejas particulares participarem ativamente na preparação do Sínodo.

Algumas conferências optaram em colher respostas via *internet*, através de *sites* específicos, lista de e-mails e em plataformas sócio-digitais.

Da mesma forma, algumas dioceses passaram a divulgar as respostas e comentários às perguntas na *internet*. Antes de qualquer pronunciamento oficial, houve uma discussão pública sobre um assunto que a Igreja iria tratar.

Estaria o adágio, lembrado por Leonardo Boff “Os leigos não pensam e devem calar” sendo alterado? A Igreja estaria cedendo no seu campo autoritário de até então e, aprendendo que é preciso escutar, entender, reaprender com os outros?

Ainda é muito cedo para se formar uma opinião a respeito deste método, mas com certeza, ele pode trazer novidades ao modo de pensar e agir da Igreja no futuro próximo.

A *internet* e as redes sociais podem oferecer oportunidades inusitadas para o anúncio da fé, podem ser utilizadas na evangelização, na partilha da Palavra, na

catequese, na animação, é preciso implantar uma pastoral de comunicação ousada, nas Igrejas que coloquem em comum suas informações, incentivando o uso proveitoso da *internet*, conforme diz Spadaro (2012):

A rede não é um novo meio de evangelização, mas antes de mais nada um novo contexto em que a fé é chamada a expressar-se não por mera vontade de presença, mas por uma co-naturalidade do cristianismo com a visão dos homens.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> RICCIERI, P. apud SPADARO, A. **La fede nella rete delle relazioni**: comunione e connessione. Relazione al Convegno Testimoni digitali. Volti e linguaggi nell'era cross mediale, Roma, abril 2010. p. 22-24.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o cristianismo a evangelização de todos os povos é um projeto nascido da vontade de Jesus Cristo sendo transmitida para a Igreja que desde a gênese de sua história procura cumprir com sua missão.

No princípio a mensagem, boa nova, trazida por Jesus Cristo, foi introduzida pela oralidade e pelos testemunhos, passando pelas imagens nos quadros e esculturas, – para ensinar e recordar, principalmente os iletrados – escrita e música.

Com a evolução dos meios de comunicação e das mídias sociais a Igreja passou a fazer uso dos microfones, projeções, rádio e televisão para “implantação do Reino de Deus” e nos dias atuais onde um número crescente de pessoas tem se utilizado cada vez mais da rede mundial de computadores para se comunicar ela se defronta com um novo caminho a ser trilhado, para vencer os grandes desafios que se apresentam na cultura contemporânea.

Na *internet* o volume de informação disponível, jamais visto em um único local, associado à facilidade em acessá-los, findam atraindo e seduzindo os seres humanos, impactando na vida das pessoas comuns que não mais são apenas meros consumidores da informação, mas são também produtores de conteúdos, resultando em novos códigos, estruturas e sistemas em um novo ambiente, o virtual.

Neste espaço há a superação das barreiras do tempo e do espaço, ocorre a relação direta, participativa e interativa entre as pessoas, transformando profundamente a forma de pensar, relacionar e vivenciar a dinâmica dos acontecimentos.

A pesquisa deu-nos o embasamento necessário para chegarmos a conclusão de que a *internet*, na atualidade, tem o seu papel na propagação da mensagem cristã deixada por Jesus Cristo, sensibilizando e tocando o coração daqueles que não O conheceram, como também reavivando o coração dos cristãos que se encontram com uma fé adormecida e fortalecendo a identidade e seus credos entre os membros da Igreja.

Portanto, ela pode ser um instrumento divulgador da mensagem cristã, como também este novo ambiente que esta sendo gerado – o ciberespaço, é um novo espaço para a evangelização.

Num mundo secularizado e plurirreligioso como o que vivemos a Igreja fiel ao seu mandato missionário reconhece a importância da internet para continuar difundindo a Boa Nova, principalmente para a juventude, cuja formação das novas gerações pressionadas por tantas opções necessita de discernimento e coragem. Isto exige que a Igreja avance, ainda mais, em um dos principais meios de comunicação deste milênio ajudando a construir a cultura digital, com novos métodos e novas linguagens, com competência e prudência, onde os valores cristãos possam ser facilmente encontrados, entendendo que está em um novo ambiente, que rompe barreiras do tempo e do espaço, não é fixo, nem é físico e movimenta-se constantemente, articulando-se com os processos interacionais.

Através da pesquisa constatamos que o Magistério da Igreja tem se apropriado desta nova tecnologia para divulgar seus documentos oficiais em *site*, manifesta-se constantemente sobre a *internet*, tem utilizado o *youtube*, o *facebook* e o *whatsapp* para informar os fiéis, emprega os *e-mails* como forma de comunicação entre seus pares, multiplicando suas idéias e dizeres através da palavra dos seus bispos, padres e religiosos nas mais diversas redes sociais, expõe seu pensamento e posição sobre assuntos mais polêmicos, ainda que iniba os comentários dos mesmos, informa sobre os eventos da Igreja e comenta assuntos diversos como forma de atrair a juventude, grande usuária desta mídia e ultimamente até tem-se utilizado da rede para a pesquisa de opinião entre o povo de Deus, além do que a Igreja local também começa a dar seus passos neste ambiente.

No que se refere aos desafios impostos na contemporaneidade a pesquisa demonstrou que a *internet*, se bem dominada pela Igreja e pelos cristãos conscientes, quanto a sua ambiência, cultura e linguagem, pode ser auxiliar para a superação dos mesmos na medida em que possibilita a percepção que os internautas têm de Deus e da comunidade de pertença.

A *internet* pode estimular o primeiro contato, ou mesmo fortalecer vínculos, despertar a fé, com o comprometimento do seguimento de Jesus, mas é imprescindível que haja o contato humano direto presencial onde a comunidade colabore na formação e sustentação do indivíduo.

É possível utilizá-la para esclarecer os malefícios do consumismo, individualismo e globalização, fornecendo subsídios para que o internauta, seja divulgador da mensagem do Evangelho de Jesus Cristo e agente de transformação

na sociedade contemporânea, onde se valorize os traços culturais locais e a comunidade de fé.

Ela pode motivar, complementar, contribuir com a formação dos cristãos, com cursos de formação à distância, fortalecendo os alicerces do cristianismo com formação bíblica, litúrgica, vocacional, etc. Pode alterar o relacionamento com os demais seres humanos, auxiliando para minimizar o individualismo, formando verdadeiras comunidades e gerando mais cristãos comprometidos com a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo para que possam atuar como divulgadores da Palavra, junto aos seus.

Possibilita também que as pessoas mais idosas e/ou com dificuldades de locomoção, ou àqueles que residam em locais distantes dos grandes centros não se sintam isolados, abandonados, na medida em que mesmo a distancia participem das celebrações, dos ritos, partilhem textos, mensagens e orações e sintam a pertença a uma comunidade de fé, ainda que intermediada pela tecnologia dos computadores.

É possível ainda utilizá-la para suscitar vocações atraindo os jovens, motivando-os e demonstrando os fundamentos do ministério do serviço colaborando para aumentar o número de presbíteros no mundo, bem como auxiliar para manter motivado os missionários, em todo o globo, ao mesmo tempo que estimula novas pessoas para este ministério. Ela também viabiliza a divulgação da Boa Nova em países onde o cristianismo é proibido, “são maravilhosas invenções técnicas que já contribuem em grande medida para ir ao encontro das necessidades humanas”<sup>72</sup>.

Há que se destacar, entretanto alguns pontos a serem observados, com cuidado, mas com audácia e ousadia, tais como:

- Possibilitar maior interação com os internautas, aceitando discutir mais acuradamente determinadas posições,
- A Igreja local também precisa ampliar sua presença e forma de comunicar com os seus membros utilizando mais os recursos disponíveis fortalecendo a pastoral da comunicação ou mesmo criando uma “pastoral cibernética”.
- Provavelmente, o culto, a liturgia, a catequese, frente às novas perspectivas da cultura, precisariam ser repensados nos seus ritos e mitos a partir destes novos elementos trazidos pela cultura da *internet*, sem desfigurar, é óbvio, a essência.

---

<sup>72</sup> Introdução do documento Igreja e Internet do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais.

Paradoxalmente além das oportunidades geradas, a *internet* também se apresenta como uma ameaça para a Igreja na contemporaneidade, quando consideramos a tendência do individualismo e autonomia do ser humano que possibilita alterar os hábitos de percepção da realidade podendo gerar novos sentidos e discursos simbólicos no internauta que, sempre buscando o preenchimento de sua subjetividade, altera o modo de narrar Deus, a própria experiência religiosa e elabora um sistema de crença à *la carte*, podendo dar origem a uma nova forma de ser Igreja, totalmente à revelia da instituição religiosa.

Também entre os adeptos da Igreja e dos seus sistemas, pode ser gerado um novo tipo de ameaça quando não há uma aceitação plena do discurso oficial, e assuntos como a contracepção, a sexualidade, as relações pré-matrimoniais, por exemplo, figuram na rede entre os assuntos de grande discussão, onde a Igreja dita uma regra e o fiel segue outra, levando a crer, para alguns, que os ensinamentos da Igreja estão desconectados da realidade existencial da maioria dos católicos mundo afora.

Nesta linha de pensamento, é possível que esteja nascendo um novo jeito de viver o cristianismo, onde além da doutrina estabelecida oficialmente, abre-se uma brecha entre o que é proposto pela Igreja e o que cada indivíduo vive e incorpora, sendo mais uma barreira a ser vencida pela Igreja e onde a sua participação é imprescindível.

Vive-se atualmente um período crítico para a Igreja que se confronta com as rápidas, sucessivas e aceleradas transformações culturais e estruturais da sociedade. Ela experimenta o descompasso entre uma configuração predominante do passado e a realidade desafiante do presente. Este novo cenário exige, também, uma mudança na maneira de pensar, na maneira de produzir, entre tantas outras inovações. Não bastam os apelos de uma nova conversão de mentes, a um novo ardor missionário, a uma nova pastoral mistagógica se estruturas arcaicas influenciam negativamente a própria compreensão que os fiéis têm de Igreja por causa da experiência que com ela fazem.

Na pesquisa ficou claro também que há uma tensão no que se refere à participação como comunidade física e a comunidade virtual intermediada pelo computador, pois é possível haver dificuldade por parte dos internautas em compreender a importância da presença física, no contexto da comunidade e por outro lado há o perigo da informação ser obtida e acolhida fora do contexto da



comunidade física, sem aprofundar o sentido na qual determinada expressão de fé nasce, cresce e se desenvolve. Neste rompimento de contextualização um novo ideal de conteúdo pode ser gerado, adaptado ao gosto do internauta. É possível até viver a fé sem pertença comunitária.

Pelo que se tem no momento, visto que a *web* é muito dinâmica e invasiva em nossas vidas, acredita-se que o ciberespaço dificilmente poderá substituir a comunidade presencial onde ocorrem relações interpessoais, fortalecendo os vínculos de pertença, pois a sociedade atual constitui um desafio superior às forças do ser humano e a sua formação, cada vez mais a fé do cristão dependerá de sua comunidade de fé.

Entretanto, fica claro que é preciso que aconteça a comunicação em um primeiro plano para que se possa construir posteriormente a comunhão e na maioria das vezes a *internet* facilita a aproximação física das pessoas auxiliando na geração de vínculos físicos como o que temos visto nas negociações em grupo, na combinação de encontros, de protestos, de manifestação de opinião, etc..

Talvez o mais difícil para a Igreja não seja estar no ciberespaço, mas sim como habitar este novo ambiente a fim de que a sua mensagem crie eco sem perder a essência.

Quais as linguagens, inovações e estratégias mais eficazes a adotar para fazer resplandecer a luz da verdade nas malhas entrelaçadas da *internet*? Eis um assunto que pode ulteriormente, ser melhor investigado.

Poderiam ser investigados ainda os fatores que possam ser inibidores da presença maciça dos padres e religiosos na *web* e se os religiosos (bispos, padres, freiras e seminaristas, na sua grande maioria), quando acessam as redes sociais, o fazem por iniciativa própria, como qualquer usuário sem qualquer preparação, muitas vezes com uma linguagem inadequada e de uma maneira equivocada, ou se há nos seminários, paróquias e dioceses cursos de capacitação para o uso desta nova tecnologia e presença neste ambiente como oportunidade de evangelização.

É certo, entretanto, que não basta disponibilizar o *site* da paróquia ou da diocese com notícias passadas como um jornal que mostra o que já aconteceu, nem tampouco, demonstrar imagens sagradas, mensagens, ou mesmo material litúrgico a venda. Tudo isto é muito pouco. É preciso atrair o internauta para conhecer a fé que se comunica na *internet*. “Os *sites* precisariam ajudar as pessoas a descobrir e

viver o projeto divino para si, para a humanidade e para o mundo” (SILVEIRA, 2014, p. 11).

É preciso ser cuidadoso com o que se apresenta nos diversos veículos da rede, pois ao se realizar a transferência de suas ações, pura e simplesmente, sem revisão do conteúdo que é proposto, para um *site* de relacionamento, poderá estar criando uma espiritualidade independente ou ainda uma nova forma de viver a religião, (SILVEIRA, 2014, p.11).

Os desafios existem para serem superados, ou como dizia Paulo ao povo de Coríntios “É agora o momento favorável. É agora o dia da salvação! (2Cor 6,2)”. A Igreja “em saída” é a contundente proposta que nos é apresentada hoje. É preciso ser uma Igreja mais pastoral, mais missionária, mais ousada na ação evangelizadora, que vá ao encontro do povo, que fale a linguagem deste e converse com as demais ciências procurando responder os anseios do homem pós-moderno.

Talvez tenhamos sobrecarregado o diagnóstico acima e as tintas podem ser consideradas por demais fortes, mas o fato é que as tensões e as angústias do ser humano contemporâneo continuam se manifestando e é preciso abandonar o caráter mágico da religião construindo uma evangelização comprometida com o reino de Deus, dentro da cultura, conforme convida o documento *Evangelii Gaudium*.

No momento atual faz-se necessário entender e apropriar-se ainda mais da *internet* e do seu ambiente virtual, o ciberespaço, aproveitando as oportunidades que este novo palco oferece para que a Igreja cumpra a sua missão, afinal a palavra de Deus não está acorrentada (2Tm 2.9), mas solta pelo mundo incluindo a *internet*.

## REFERÊNCIAS

- ACEDO, Sara Osuna. Intaratuante e interatuados na web 2.0 *In*: APARICI, Roberto.(org.) **Conectados no ciberespaço**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- ALLEGRETTI, Fernanda. *In*: **REVISTA VEJA**. ed. 2442, a. 48, n. 36 São Paulo: Abril, 2015.
- APARICI, Roberto.(org.) **Conectados no ciberespaço**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- AVELLAR, Valter Luis. O novo tempo espiritual e religioso nas redes sociais do ciberespaço. *In*: SILVEIRA, Emerson Sena e AVELAR, Valter Luis (org). **Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético: questões de método e vivencias em ciências da religião**. São Paulo: Loyola, 2014.
- BADILLA, Luis. Religiões e cultura em diálogo. *In*: Il Sismografo. Trad. Ramiro Mineato. IHU on line noticias. mar 2016.
- BARROS, Mariana. *In*: **REVISTA VEJA**. ed. n. 2498, a. 49 n. 40. São Paulo: Abril, 2016. p. 100-103.
- BAUMAN, Z. **Vivemos em dois mundos paralelos e diferentes: online e offline**. Entrevista publicada pelo jornal Clarin de 06/07/2016. Disponível em: Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/559679-vivemos-em-dois-mundos-paralelos-e-diferentes-o-on-line-e-o-off-line-entrevista-com-o-sociologo-zygmunt-bauman>. Acesso em: 21 nov. 2016.
- BENEDETTI, Luis Roberto, O novo clero: arcaico ou moderno? *In*: **Revista Eclesiástica Brasileira**. mar. 1999, n. 59, p. 88 –100.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BINGEMER, Maria Clara. **Ser cristão hoje**. São Paulo: Ave Maria, 2013.
- \_\_\_\_\_. A Fé cristã na contemporaneidade: rumos e desafios. *In*: **Revista Perspectivas Teológicas**. Rio de Janeiro, 2009. p. 345-374.
- BOFF, Leonardo. **América Latina: da conquista à nova evangelização**. São Paulo: Ática, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Igreja: carisma e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- BORTOLINI, J. (Coordenador) **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- BRITTO, Rovilson Robbi. **Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- CÂMARA, Hélder. **O deserto é fértil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Tradicionalismo e meios de comunicação de massa: o catolicismo midiático. In: CARRANZA, Brenda; MARIZ, Cecília; CAMURÇA, Marcelo (org.). **Novas comunidades católicas: em busca do espaço pós-moderno.** Aparecida: Idéias & Letras, 2009.

CARRANZA, BRENDA. **Catolicismo midiático.** Aparecida: Idéias & Letras, 2011.

CASTILHO, José M. Batismo e Confirmação. In: TAMAYO, Juan José (org.) **Novo dicionário de Teologia.** São Paulo: Paulus, 2009.

COMBLIN, José. **A fé no Evangelho: meditações bíblicas.** São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **O que é a verdade?** São Paulo: Paulus, 2005

\_\_\_\_\_. **Os desafios da cidade no século XXI.** São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Quais os desafios dos temas teológicos atuais?** São Paulo: Paulus, 2005.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO AMERICANA. **Documento de Aparecida.** São Paulo: Paulus, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia.** Documento n. 100, São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e sociedade: sal da terra e luz do mundo.** Estudos da CNBB n. 107A. São Paulo: CNBB, 2015.

\_\_\_\_\_. **Diretório de comunicação da Igreja no Brasil.** Documento n. 99, São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.** Documento n. 102. São Paulo: Paulinas, 2015.

\_\_\_\_\_. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais.** Documento n. 85. São Paulo: Paulinas, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Nota doutrinal sobre alguns aspectos da evangelização.** Vaticano, 2007. Disponível em: <[http://www.vatican\\_curia/congregations/efaith/doc](http://www.vatican_curia/congregations/efaith/doc)>. Acesso em: 9 jun. 2015.

COSTA, LOURENÇO (org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965).** São Paulo: Paulus, 1997.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil.** São Paulo: Planeta, 2010.

FAUSTINO, Evandro. **500 anos: reflexões sobre a evangelização.** São Paulo: Quadrante, 2000.

FONSECA, Devair Araújo da. O surgimento do CELAM na América Latina. *In*: ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES. 2, 2009, Maringá. **Anais**. Maringá. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.htm>. Acesso em: 27dez. 2016.

FORTE, Bruno. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FUELLENBACH, John. **A igreja comunidade para o reino**. São Paulo: Paulinas, 2006.

GOMES, Pedro Gilberto. **A tecnologia digital está colocando a humanidade em um patamar distinto**. São Leopoldo, a.5, n.35, 2009.

\_\_\_\_\_. **Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. *In*: Revista Perspectiva Teológica. **Decifra-me ou te devoro: sobre a evangelização e a mídia do ponto de vista da comunicação**. Belo Horizonte, v.34, n.94, 2002. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodocos/index.php/perspectivas/article/view/608/1031>>. Acesso em: 16 ago.2016.

\_\_\_\_\_. **Espiritualidade na internet: o surgimento de uma nova religião?** Disponível em: <[http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3107&secao=323](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3107&secao=323)>. Acesso em: 16 de ago.2016.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015.

HERVIEU-LÉGER, DANIÈLE. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do catolicismo brasileiro: 1550 – 1800**. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **História da Igreja na América Latina e no Caribe: o debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

KÚNG, Hans. **Concilium: ser cristão**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LESLIAN, Ian. A ciência por trás dos apps viciantes. VELOSO, Beatriz (Trad.) *In*: **Época Negócios**. n.116.

\_\_\_\_\_. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LIBANIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. **Cenários da Igreja:** em um mundo plural e fragmentado. São Paulo: Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Desafios da Igreja em face da sociedade midiaticizada,** Disponível em: <http://www.domtotal.com/colunas.detalhes.php?artId=2814>

Acesso em: 14 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. **Deus e os homens:** os seus caminhos. Petrópolis: Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Olhando para o futuro:** perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os carismas na Igreja do terceiro milênio:** desenvolvimento, desafios e práxis. São Paulo: Loyola, 2007.

LIMA, Maurilio Cesar de. **Breve história do Brasil.** Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

LOVE, Maryann Cusimano. In: Revista Concilium. **Globalização e a Igreja dos pobres.** n. 361. Petrópolis: Vozes, 2015.

LUCKMANN, T.H.; BERGER, P.I. Aspects sociologiques du pluralism. Archives de Sociologie des Religions. 1967. v. 23, n. 1. p. 117 - 127.

MADRIGAL, Santiago, Igreja. In: TAMAYO, Juan José (org.) **Novo dicionário de Teologia.** São Paulo: Paulus, 2009.

MANUCI, Valério. **Bíblia palavra de Deus:** curso de introdução à Sagrada Escritura. São Paulo: Paulus, 1985.

McKENZIE, John. **Dicionário bíblico.** São Paulo: Paulinas, 1983.

MIKLOS, Jorge. **Ciberreligião:** a construção de vínculos religiosos na cibercultura. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

MIRANDA, Mário de França. **A Igreja em uma sociedade fragmentada.** São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Igreja que somos nós.** São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **Existência cristã hoje.** São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_, **Igreja e sociedade.** São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Inculturação da fé:** uma abordagem teológica. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. **Um catolicismo desafiado:** Igreja e pluralismo religioso no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1996.

\_\_\_\_\_. **Um homem perplexo:** o cristão na atual sociedade. São Paulo: Loyola, 1996.

MURPHY O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo: tornar-se humanos juntos**. São Paulo: Paulus, 1994.

MOSCONI, Luís. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos: para cristãos e cristãs do novo milênio**. São Paulo: Loyola, 1996.

NARLOCH, Leandro. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. São Paulo: Leya, 2011.

NODARI, Paulo César; CESCÓN, Everaldo. **Aprendendo com o Evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulus, 2009.

PAPA PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html). Acesso em: 5 jun. 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS. **Igreja e internet**. Disponível em: <<http://www.vatican.va>>. Acesso em: 05 jun. 2015.

PUNTEL, Joana, T. **Igreja e sociedade: método de trabalho na comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2015.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo**. Disponível em; <http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVISTA ÉPOCA NEGÓCIOS. n. 116. São Paulo: Abril, 2016.

RICCIERI, PINA. **Formação ao alcance de um clique: comunicação digital, desafios e oportunidades**. São Paulo: Paulinas, 2012.

ROPS, D. **A Igreja da Renascença e da Reforma**. São Paulo: Quadrante, 1999. p. 275.

RUBIO, Alfonso García. **Nova evangelização e maturidade afetiva**. São Paulo: Paulinas, 1993.

\_\_\_\_\_. **O encontro com Jesus Cristo vivo: um ensaio de cristologia para nossos dias**. São Paulo: Paulinas, 2007.

SBARDELOTTO, Moisés. **A Igreja em um contexto de "reforma digital": rumo a um *sensus fidelium digitalis*?** In: **Cadernos Teologia Pública**. a. XIII, n.116, v. 13. São Leopoldo, 2016.

\_\_\_\_\_. **E o verbo se fez bit: a comunicação e a experiência religiosas na internet**. Aparecida: Santuário, 2012.

SILVEIRA, Emerson Sena da. **Catolicismo, mídia e consumo**. São Paulo: Fonte, 2014.

\_\_\_\_\_. Católicos.com: devoção e religiosidade na era das redes e dos hyperlinks. In: SILVEIRA, Emerson Sena; AVELAR, Valter Luis (org). **Espiritualidade e sagrado no mundo cibernético**: questões de método e vivências em ciências da religião. São Paulo: Loyola, 2014.

SILVA, M.G. **A Igreja e a evangelização pela tv**. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 27.

SOUSA, Thamiris Magalhães. **A Igreja Católica no mundo digital**: as tensões entre discurso e prática da Igreja na era da internet e as redes de relacionamento do Círio de Nazaré, em Belém do Pará, como fenômeno de mediação religiosa. Tese de Mestrado da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. São Leopoldo, 2013.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Web 2.0**: redes sociais. São Paulo: Paulinas, 2013.

SZENTMÁRTONI, Mihály, **Introdução a Teologia Pastoral**. Moreira, Orlando Soares (trad.). São Paulo: Loyola, 2004.

URGATE, David de. A web 2.0: uma verdade incômoda. In: APARICI, Roberto (org). **Conectados no ciberespaço**. São Paulo: Paulinas, 2012.



## ANEXO

Quadro 1 – Principais participações da Igreja Católica na *internet*

Janeiro 2009	Criação do canal oficial em inglês do Vaticano no <i>Youtube</i> . Até meados de 2016, o serviço contava com mais de 140 mil inscritos.
Dezembro 2010	Lançamento do site do projeto Jovens Conectados, promovido pela Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude (CEPJ), da CNBB, para a divulgação das atividades dos jovens das mais diversas expressões eclesiais (pastorais, movimentos, congregações, novas comunidades), mediante uma grande rede de colaboração presente desde o início nas principais plataformas sócio-digitais, como Facebook, Twitter, Youtube e Flickr.
Junho 2011	Envio do primeiro “tuíte papal” da história, pelo então Papa Bento XVI. O mesmo “tuíte” lançou o portal News.va, serviço criado para congregar as principais notícias produzidas pelos meios de comunicação vaticanos (como: Agência Fides, jornal L’Osservatore Romano, Sala de Imprensa da Santa Sé, Serviço de Informação Vaticano, Rádio Vaticana, Centro Televisivo do Vaticano e Setor de Internet da Santa Sé), buscando uma maior inserção da Igreja nas plataformas sócio-digitais com presenças paralelas, especialmente no Facebook e Twitter, em diversos idiomas.
Março 2012	Jovens Conectados lança conta no Instagram <sup>2</sup> . Até meados de 2016, o serviço contava com mais de 36 mil seguidores.
Junho 2012	Grande reformulação do site do Vaticano, reorganizando seus elementos e layout.
Agosto 2012	O Programa Brasileiro da Rádio Vaticano abre sua página do Facebook. Foi a primeira página de um departamento da Santa Sé nessa plataforma de rede social online. Até meados de 2016, a página contava com mais de 313 mil “curtidas”.
Dezembro 2012	Papa Bento XVI lança sua primeira mensagem na sua conta pessoal no Twitter, @Pontifex. Até a sua renúncia, em fevereiro de 2013, o pontífice alemão somaria mais de 3 milhões de seguidores nas oito versões idiomáticas da conta.
Janeiro 2013	Papa Bento XVI dedica sua mensagem ao 47º Dia Mundial das Comunicações ao tema Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização.  Lançamento do The Pope App, aplicativo oficial do papa, um programa para download em celulares com conteúdos referentes ao pontífice e ao Vaticano, integrado com diversas plataformas, permitindo compartilhar informações via Facebook, Twitter ou e-mail.
Março 2013	Papa Francisco retoma a conta @Pontifex e envia o seu primeiro “tuíte”. Até meados de 2016, o papa já havia superado a marca de 27 milhões de seguidores na soma das suas oito contas.  Criação da conta oficial da Santa Sé no Instagram, “newsva”. Até meados de 2016, o serviço contava com mais de 73 mil seguidores.
Mai 2014	Nova reformulação do site do Vaticano, apresentando um novo layout, contemplando destaques para a presença do pontífice no Twitter e Instagram.
Setembro 2014	Papa Francisco participa, de forma inédita para um pontífice, de um encontro via Google Hangout, plataforma de videoconferência via internet, para o lançamento do projeto digital Scholas Social, da rede Scholas Ocurrentes,

	promovida pelo papa para buscar uma maior conexão entre escolas do mundo inteiro.
Novembro 2014	Criação do canal oficial em português do Vaticano no <i>Youtube</i> . Até meados de 2016, o serviço contava com quase 6 mil inscritos.
Março 2015	Jovens Conectados cria grupo aberto no aplicativo de conversa por celular Viber, “experiência inédita de comunicação na Igreja no Brasil”, conforme sua divulgação.
Janeiro 2016	O Apostolado da Oração, organização de leigos católicos, também chamada de Rede Mundial de Oração do Papa, lança o projeto Vídeo do Papa, no qual, mensalmente, o Papa Francisco explica, em primeira pessoa, as suas tradicionais intenções de oração para o mês em questão. Nos vídeos, o papa fala em espanhol, com legendas em 10 idiomas, incluindo português. O conteúdo é divulgado nas principais plataformas sócio-digitais, como Facebook, Twitter, Instagram, <i>Youtube</i> .
Julho 2016	Lançamento do aplicativo para smartphones DoCat, também disponível em formato impresso. Trata-se de um manual que apresenta a doutrina social da Igreja em linguagem jovem e digital, traduzido inicialmente para mais de 30 idiomas.

Fonte: SBARDELOTO, Moisés. In: Cadernos de Teologia pública, n. 116